



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCIANO IMAR PALHETA TRINDADE

A EXPERIÊNCIA DE AMAR DE UM HOMEM NEGRO HOMOSSEXUAL: UM
ESTUDO DE CASO

CURÍTIBA

2022

LUCIANO IMAR PALHETA TRINDADE

A EXPERIÊNCIA DE AMAR DE UM HOMEM NEGRO HOMOSSEXUAL: UM ESTUDO
DE CASO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Joanneliese de Lucas Freitas

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Trindade, Luciano Imar Palheta

A experiência de amar de um homem negro homossexual : um estudo de caso. / Luciano Imar Palheta Trindade. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Joanneliese de Lucas Freitas

1. Homossexualidade masculina. 2. Amor. 3. Casais homossexuais. 4. Homossexuais negros. I. Freitas, Joanneliese de Lucas, 1972-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III.. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **LUCIANO IMAR PALHETA TRINDADE** intitulada: **A experiência de amar de um homem negro homossexual: um estudo de caso**, sob orientação da Profa. Dra. JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 22 de Agosto de 2022.

Assinatura Eletrônica

25/08/2022 07:54:59.0

JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

08/09/2022 08:30:32.0

MARIA ALVES DE TOLEDO BRUNS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

Assinatura Eletrônica

24/08/2022 16:17:23.0

MARIA VIRGINIA FILOMENA CREMASCO

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Praça Santos Andrade, 50, 2o andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-010 - Tel: (41) 3310-2644 - E-mail: pgpsicologia@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 217503

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 217503

À Linn, por sua contribuição inestimável para
a escrita desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe por toda dedicação, cuidado e amor.

À minha querida orientadora Joanneliese pelos ensinamentos, compreensão e inspiração.

Ao grupo de pesquisa na composição de Joanneliese, Aneliana, Eric, Jennifer, Matheo, Dafne, Luiza, Camila, Mariana, Carolina, Henrique, Gustavo e Livia pelo apoio, discussões e momentos compartilhados.

Aos familiares que acreditaram em mim.

Aos amigos que com contribuições inestimáveis para a vida acadêmica e para a minha saúde emocional me acompanharam no processo de fazer pesquisa, bem como na minha jornada em Curitiba-PR.

À Mariana – que exerceu a função de amiga, mãe e irmã com quem compartilhei felicidades e angústias especialmente na reta final do processo de escrita e que não me deixou desistir, mesmo quando eu já não acreditava em mim.

À banca pelo aceite e por suas contribuições.

À CAPES pelo financiamento da pesquisa - O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta pesquisa partiu de uma indagação inicial sobre a experiência do amor entre homens homossexuais. Por muito tempo o modelo de relacionamentos amorosos heterossexuais serviu de referência para os estudos acerca das relações amorosas homossexuais. Diversos estudos relacionados à homossexualidade e relacionamentos tinham como cerne a questão da legalização das relações e direitos dos homossexuais. Entendemos ser necessário produzir mais pesquisas que busquem a apreensão das relações homossexuais em sua singularidade e, com esse foco, tivemos como o objetivo geral deste trabalho compreender a vivência do amor descrita por um homem homossexual negro. Como objetivos específicos, descrever e discutir as experiências amorosas relatadas e descrever e discutir as significações de amor emergentes. Para essa finalidade lançamos mão de um estudo de caso, pelo método fenomenológico de Giorgi, a partir da análise de uma entrevista realizada com um homem homossexual preto. A partir das reflexões suscitadas pela análise da entrevista, concluímos que a experiência do amor entre homossexuais pode ser atravessada por uma série de questões sociais e psicológicas como a busca por um lugar de pertencimento, e o confronto com padrões sociais estéticos e expectativas entre membros da comunidade LGBT e mais especificamente da comunidade de homens homossexuais. As experiências quanto à negritude trouxeram mais desafios para além da intersecção de vivências entre amor e homossexualidade, produzindo uma experiência bastante singular sobre a qual destacamos a fetichização e sexualização do corpo negro e a não conformidade do participante aos padrões estéticos esperados no meio homossexual masculino.

Palavras-chave: Amor; Homossexualidade masculina; Raça; Heteronormatividade.

ABSTRACT

This research started from an initial inquiry about the experience of love among homosexual men. For a long time, the model of heterosexual love relationships was a reference for studies on homosexual love relationships. Several studies on homosexuality and relationships had homosexual relationship rights and legalization at their core. We believe it is essential to have more comprehensive research to understand homosexual relationships in their singularity. With this focus, this study had the general objective of understanding the love experience as described by a black homosexual man. The study's specific objectives are: to describe and propose the related love experiences and describe and discuss the meanings of love emerging from the reports of a black homosexual man. For this purpose, we used a case study using Giorgi's phenomenological method to analyze an interview with a black homosexual man. From the topics raised by the interview analysis, we concluded that the love experience could be affected by a series of social and psychological issues, such as the search for belonging and the confrontation with social standards and expectations among members of the LGBT community, more specifically, of the gay male community. The blackness brought participant more challenges beyond love and homosexuality, producing a unique experience in which we emphasize the fetishization and sexualization of the black body and participants' non-compliance with the aesthetic standards expected in the homosexual environment.

Key Words: Love; Male homosexuality; Race; Heteronormativity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALERJ	Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CID	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
CFP	Conselho Federal de Psicologia
	CID Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
EBSCO	Business Source Complete
GGB	Grupo Gay da Bahia
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais
LGBTI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Intersexuais +
LGBTQI	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Queers e Intersexuais
	LGBTQIA+ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Queers, Intersexuais e Assexuais +
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
PA	Pará
PePSIC	Periódicos Eletrônicos em Psicologia
SARS-CoV	Síndrome Respiratória Aguda Grave Coronavírus 2
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPR	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

Apresentação	11
Introdução.....	13
1 Suscitando o amor nas relações homossexuais	20
1.1 Explorando o tema do amor.....	20
1.2 O estado da arte.....	26
2 Tessituras sobre a história da homossexualidade masculina no Brasil	34
2.1 Breve histórico da homossexualidade: do pecado e crime à doença	36
2.2 Trajetória dos relacionamentos homossexuais masculinos na história do Brasil	42
2.3 A influência da heteronormatividade em relacionamentos homossexuais na história do Brasil.....	51
3 Algumas considerações quanto a negritude.....	59
3.1 O negro do período colonial aos dias atuais	59
3.2 Negritude e homossexualidade	64
4 Método.....	69
4.1 O método fenomenológico na busca da compreensão das vivências amorosas de homens homossexuais	69
4.2 A investigação qualitativa.....	70
4.3 A investigação fenomenológica.....	71
4.4 A entrevista fenomenológica	75
4.5 Recrutamento	77
4.6 Procedimentos de coleta	78
4.7 Procedimento de análise de dados	79
4.8 Da seleção da entrevista para análise.....	81
Capítulo 5 – Estudo de caso	82
5.1 Participante	82
5.2 Linn e a experiência de amar	83
Considerações finais.....	94
Referências	97
ANEXO I.....	109
ANEXO II	110

Apresentação

Neste item, apresentamos a trajetória de reflexão e escrita desta pesquisa. Acreditamos que não é possível uma neutralidade científica, portanto, é imprescindível tratar do processo de definição do objeto de pesquisa e como ele nos atravessou.

Meu primeiro interesse foi o luto. Mais especificamente, o luto da perda amorosa. No início de 2019, quando iniciei os estudos no Mestrado, eu buscava compreender melhor sobre o sofrimento que as pessoas costumam sentir após o término de um relacionamento amoroso. Este término, naquele momento, eu chamava de luto. Ao me aprofundar na literatura para compreender melhor o luto, me deparei com uma surpresa não tão impactante: as fases descritas por Elizabeth Kübler-Ross, em seu livro *Sobre a morte e o morrer* (1996). Nesta obra, a médica psiquiatra se debruçou sobre compreender o que vivenciavam aqueles que, sob os cuidados paliativos, tendiam a evitar ou mesmo ignorar aspectos do processo de morrer e da morte em si. Foi uma análise a partir do desenvolvimento do trabalho com seus pacientes, que se ampliou para um tema bastante comum: a negação da morte.

A leitura deste trabalho me levou a refletir acerca das fases sobre a morte e o morrer para a vivência da perda de um par amoroso. Afinal, as consequências do término do relacionamento amoroso eram bem similares àquelas etapas difundidas e conhecidas como “fases do luto”: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Eu tinha como horizonte que aquela pessoa que vivenciava uma perda amorosa passava exatamente por essas fases, não importando a ordem que as fases ocorriam. A partir da minha história de vida e de relatos de amigos e conhecidos, eu atestava que ao acontecer o término de um relacionamento amoroso as pessoas descreveriam uma recusa e negação do fim do romance, fazendo o que era possível e impossível para que essa relação não chegasse ao fim. Promessas e negociações eram realizadas com o objetivo de sustentar um sentimento que parecia não mais ser forte o suficiente para manter aquele vínculo amoroso e, por esta descrição, compreendemos ser a barganha.

Entretanto, para alguns casos, a barganha funcionou e manteve aquela relação, mas em outros casos, não. Nesse sentido, para que se conseguisse romper de vez aquele laço afetivo, surgia a raiva, a qual funcionaria como um sentimento catalizador da separação amorosa; ao sentir raiva do ex-amado seria mais fácil deixá-lo partir... ou não. Quando a barganha e a raiva já não mostravam perspectivas para o amante, este entrava em depressão. Essa fase seria a mais obscura após o acontecimento do término. Na fase de depressão haveria o abandono de tentativas da recuperação do amado, bem como o abandono de si, da força vital de quem foi abandonado. E, por fim, haveria a fase de aceitação, em que aquela pessoa que foi abandonada, de alguma forma, recuperaria sua força vital, se ergueria diante do quadro depressivo e recomençaria a busca por um novo amor. É importante dizer que essas fases não são sucessivas e nem obrigatórias para quem passa pela experiência de luto, tampouco são superadas ou anuladas após o que se considera o fim do sofrimento ou do trabalho de luto. As fases dizem respeito sobre uma forma de se compreender o processo de luto.

Mas há uma questão nessa reflexão. Essas fases têm algum sentido se estamos tratando apenas de um lado da moeda: o lado da pessoa que foi deixada. Essa visão compromete uma abordagem compreensiva do fenômeno da separação amorosa, uma vez que a análise do fato é enviesada ao não buscarmos compreender qual foi a vivência de separação do outro, aquele que, segundo nossa descrição, foi quem decidiu por encerrar o relacionamento.

No momento em que estávamos realizando essa reflexão sobre a separação amorosa tivemos um *insight*: para que pudéssemos compreender a separação amorosa seria imprescindível buscar um entendimento a respeito da relação antes da separação. E, assim, reiniciamos nossa discussão no grupo de pesquisa com um novo foco: a compreensão do amor.

A pandemia de COVID-19 e suas implicações na pesquisa

Quando estávamos iniciando o segundo ano de desenvolvimento da pesquisa, o vírus SARS-CoV2 infectou milhões de pessoas no mundo todo, levando a milhares de mortes. Em decorrência do que foi denominado de pandemia do COVID-19 e da necessidade de conter o avanço da propagação do vírus, fomos obrigados a praticar o distanciamento social por meses a fim de evitar o contágio. Esse isolamento social afetou o mundo todo de formas distintas, elevando drasticamente níveis de ansiedade, depressão, fobia social, dentre outras afetações psíquicas, as quais levaram uma parcela da população ao adoecimento da saúde mental (Lopes & Nihei, 2021).

A pandemia de COVID-19 parou quase todos os serviços, mantendo ativos apenas aqueles considerados essenciais para a sobrevivência e para o mínimo funcionamento das engrenagens sociais. Dentre os serviços e instituições que tiveram seu funcionamento interrompido estavam as instituições de educação superior; no caso, a universidade sede deste estudo. Os impactos da pandemia sobre a continuidade da pesquisa, tanto logística como pessoalmente, não podem ser desconsiderados, tais como a paralisação e o tempo para reorganização das atividades presenciais para modalidade *online*.

Introdução

Sabe-se que o modo heterossexual de se relacionar ainda se mantém como padrão moralmente aceito e referência social, pautado na tríade heterossexualidade, casamento e filiação (Arán & Corrêa, 2004), em detrimento dos relacionamentos homossexuais. Os relacionamentos heterossexuais, ao longo da história, foram reconhecidos e justificados a partir de uma perspectiva moral, cristã e biologicista, enquanto os relacionamentos homossexuais foram ocultados e marginalizados com base nessas mesmas perspectivas.

Ao longo do tempo, foram vários os termos utilizados para se referir e designar a homossexualidade: sodomia, homossexualismo, invertido, entendido, bicha, gay, homoerotismo, dentre outros. Essas denominações possuem relação com o período histórico e a organização social. Isso posto, nesta pesquisa, assumimos o termo homossexualidade para designar os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, mais especificamente entre homens. Com isto, a intenção não é tornar homogêneas as referências a esses relacionamentos afetivos e sexuais, mas indicar que a própria nomenclatura utilizada ao longo da história tem impactado na forma como se identifica a homossexualidade nos períodos históricos.

A partir de um horizonte sociológico, Giddens (1992/1993) apontou a emergência da homossexualidade, referindo-se ao momento em que pessoas homossexuais começam a ter maior visibilidade social, como um fator de impacto na vivência da sexualidade da população de um modo geral. Essa emergência confrontou a heterossexualidade versus a homossexualidade, de forma que a visibilidade dos relacionamentos homossexuais passou a ser figurada socialmente como uma ameaça e um afrontamento à sociedade heterossexual (Arán & Corrêa, 2004).

Ao passo que as sexualidades e as pessoas homossexuais foram se destacando, a visibilidade voltada para os homens gays tendeu a ser reduzida a uma vivência estritamente sexual, vinculada à prática do sexo em si mesmo e da promiscuidade (Mello, 2005; Nascimento

& Scorsolini-Comin, 2019). Foi somente a partir da constituição e do estabelecimento de casais homossexuais perante a sociedade e do requerimento deles de direitos legais de cidadania e da formação de grupo familiar, os quais eram legitimados somente aos casais heterossexuais, que a representação social estritamente sexual que incidia sobre os homossexuais diante da sociedade, foi sendo modificada (Mello, 2005).

No entanto, em contramão à luta por direitos igualitários à população de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais (LGBT), ainda se encontram movimentos que buscam deslegitimar a homossexualidade (Lomando, Wagner & Gonçalves, 2011). São exemplos o Projeto de Lei nº 717/2003, proposto na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), que previa apoio financeiro a organizações que auxiliassem homossexuais a transformarem-se em heterossexuais e o abaixo assinado de psicólogos evangélicos contra a Resolução 001/99 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à orientação sexual (CFP, 1999; Mello, 2005). Essa resolução é contrária à mobilização de (re)patologização da homossexualidade e das terapias de reversão sexual. Ou seja, tanto a proposta de lei quanto o abaixo assinado podem ser considerados movimentos de violência contra a população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais).

Partindo desses marcos jurídico-sociais, é possível evidenciar na literatura científica que, para que sua relação seja reconhecida, casais homossexuais estão tendo que recorrer ao poder judiciário a fim de legitimar sua união. Segundo Costa e Nardi (2015), quando o estado assegura a união de pessoas do mesmo sexo, que tiveram que recorrer a esta instância para tal reconhecimento, é como se o estado ao invés de garantir um direito democrático, na verdade está realizando uma ação particular. Essa ação particular seria o reconhecimento individualizado de cada casal que solicita reconhecimento ao invés de o estado assegurar que todos os casais pudessem ter esse direito sem necessitar recorrer judicialmente, como ocorre com casais cisgêneros e heterossexuais. Com base nisso, os autores atribuem ao estado uma

ação de legislar afetos (ao invés de direitos). Dessa forma, seria somente após o reconhecimento judicial de sua “homoafetividade” que os casais homossexuais poderão gozar não só de direitos civis, mas também familiares, que até então eram garantidos somente a casais heterossexuais (Mello, 2005).

Nesse sentido, ainda são escassos na literatura brasileira estudos sobre os relacionamentos amorosos de homens homossexuais que não estabelecem comparação com os relacionamentos heterossexuais. Sobre estes estudos, de viés comparativo entre as duas orientações sexuais apresentamos os artigos Féres-Carneiro (1997), sob o título de *A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade*. Neste, a autora inquieta-se, a partir de sua prática na clínica, com semelhanças e diferenças entre os modos de relacionamento dos casais homossexuais e heterossexuais. Tal inquietação leva Féres-Carneiro a realizar um estudo comparativo entre as escolhas amorosas. Considerando que o estudo data de 1997 pode ser tomado como significativo, uma vez que indica uma dedicação à pesquisa no campo das sexualidades na década de 1990, todavia estudos comparativos entre práticas homossexuais e heterossexuais apresentam um risco à legitimação da homossexualidade como um espectro da sexualidade humana, visto que até hoje podemos observar a hegemonia social da heterossexualidade e a marginalização de sexualidades dissidentes da heteronorma.

Em uma outra pesquisa realizada por Mosmann, Lomando e Wagner (2010), com o título de *Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais* pode-se observar que, assim como em Féres-Carneiro (1997), também há um viés de comparação entre as configurações de relacionamentos homossexuais e heterossexuais. Embora sejam estudos relevantes para a área da conjugalidade, uma vez que se aprofundam nas singularidades dos relacionamentos, o que destacamos sobre estudos comparativos é o questionamento da própria necessidade de comparar tais modalidades. Nos questionamos: o porquê de escrever sobre relacionamentos homossexuais utilizando-se como aporte referencial

os relacionamentos heterossexuais? Seria possível escrever sem se considerar tal aporte referencial? Além disso, a maioria das publicações existentes tem direcionamento para as questões legais do casal homossexual, como a união civil, a conjugalidade e o próprio casamento (Arán & Corrêa, 2004; Daltio, 2012; Nascimento et al., 2015; Nascimento & Scorsolini-comin, 2019; Oliveira & Sei, 2018). Uma das coisas que gostaríamos de questionar e destacar: será que para se falar das demandas afetivas e emocionais precisa ser sempre por via da discussão jurídica? E mais, um outro questionamento que por hora parece paradoxal: qual seria o jeito de legitimar o relacionamento homossexual sem se pautar na heterossexualidade, se os próprios casais homossexuais buscam reconhecimento da mesma forma que se reconhece o casal cisgênero heterossexual? Isto é, o direito de se casar e ter filhos, tal qual estes o fazem. Existiria um outro modelo de relacionamento que não este?

Por anos, os relacionamentos homossexuais correram fora da norma, de maneira extraoficial, à margem da sociedade. Os movimentos ativistas nos parecem buscar a inclusão na norma e isso nos faz pensar se haveria uma outra forma de se relacionar, específica dos relacionamentos homossexuais, que se diferenciasse do modelo heteronormativo de se relacionar. Ao nos propormos a estudar os relacionamentos afetivos homossexuais por si mesmos, nosso intuito seria o de investigar o que tais relacionamentos teriam de diferente da norma, além de serem compostos por pessoas do mesmo sexo. Um estudo fenomenológico poderia nos ajudar neste caso, pois tomaria tal experiência em suas idiossincrasias para além dos estudos comparativos. No entanto, nos indagamos: será que o desejo de amar e se relacionar, gerar frutos de um relacionamento seria cultural, no sentido de mimetizar a norma, ou humano? Em outras palavras, será que nós, os seres humanos, almejamos encontrar alguém a quem amar e como fruto deste amor, muitas vezes, insistimos em produzir frutos desse amor independente do gênero? Seriam os relacionamentos homossexuais tão diferentes em sua forma de amar?

A partir de Nascimento et al. (2015), em seu estudo de revisão de literatura internacional, é possível constatar que o Brasil foi o país que mais publicou artigos sobre o tema da homossexualidade e do relacionamento amoroso, abrangendo o período entre 2001 e 2013. Como mencionado anteriormente, encontram-se na literatura alguns estudos que correlacionam relacionamentos homossexuais a heterossexuais. Entendemos que essas correlações podem sinalizar uma necessidade de realizar estudos sempre em comparação das nuances dos relacionamentos homossexuais com os relacionamentos heterossexuais para, de alguma forma, validar os primeiros, ao passo que se configurariam de forma semelhante aos segundos.

Todavia, assim como Nascimento et al. (2015) concluíram, os relacionamentos amorosos homossexuais devem ser estudados com o objetivo de “conhecê-los em suas especificidades e singularidades, como formas genuínas de expressão da afetividade” (p. 560), e não para fins de comparação com relacionamentos heterossexuais. Pontuamos, a relevância de um estudo a partir da perspectiva fenomenológica, descritiva e exploratória, e que, conforme Holanda (2006), busca uma descrição compreensiva da experiência com o objetivo de se alcançar o sentido dessa.

Ademais, compreendemos que o campo da psicologia pode contribuir para desmistificar estigmas e valorizar a vivência da homossexualidade e dos relacionamentos entre homens homossexuais em sua singularidade. Guimarães (2009) apontou que, ao longo da história, a psicologia como ciência, omitiu-se diante de questões relacionadas à homossexualidade e ao movimento gay o que, conseqüentemente, colaborou com estereótipos e, até mesmo, com a patologização da homossexualidade frente à naturalização da heterossexualidade.

Estudos que buscam a descrição das experiências homossexuais emergem como relevantes em relação a estudos comparativos entre as experiências homossexuais e as

experiências heterossexuais, como é possível identificar nos resultados apontados por Nascimento et al. (2015) e por Kern e Silva (2009), que pontuam a necessidade de compreender a homossexualidade a partir de sua condição não apenas social e política, mas, humana. Apesar de atualmente haver um aumento quantitativo de material publicado sobre a homossexualidade, a literatura voltada às relações homossexuais tem atentado para questões relacionadas, principalmente, à conjugalidade em seu âmbito legal, deixando de lado questões inerentes voltadas aos próprios sentimentos de pessoas homossexuais ou mesmo ao vínculo afetivo, como ressaltado por Oliveira e Sei (2018). A própria psicologia caminha a passos lentos na desmistificação da homossexualidade, tanto que evidenciamos que, ainda hoje, após todas as contribuições em prol da sua despatologização, há profissionais da psicologia que defendem as terapias de reversão sexual¹.

Considerando que a heterossexualidade se mantém como o padrão para pensar o amor e que os relacionamentos não heteronormativos são constantemente ilegítimos (Arán & Correa; Mello, 2005; Nascimento et al., 2015), ao nos propormos investigar a vivência do amor de homens homossexuais, esta pesquisa dedica-se a tentar retirar de foco o debate jurídico, bem como o padrão heterossexual, e atentando-se para a escrita sobre o fenômeno da homossexualidade masculina sem o viés comparativo com a heterossexualidade e colocamos em destaque as particularidades do relacionamento amoroso vivido por homens homossexuais. Diante da constatação de trabalhos que fazem a correlação e comparação entre as modalidades de relacionamentos, nos inquietamos por investigar como se dá a vivência no âmbito afetivo de um homem homossexual, mais especificamente a vivência amorosa deste. Quais seriam suas especificidades? Por conseguinte, com base no modelo de estudo de caso, o objetivo geral deste trabalho versa sobre a compreensão da vivência do amor descrita por um homem homossexual

¹ <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/21/artigo-cassar-registro-de-psicologa-que-oferecia-cura-gay-e-defender-a-etica-da-profissao>

negro. Como objetivos específicos, buscamos descrever e discutir as experiências amorosas relatadas, além de descrever e discutir as significações do amor emergentes. Para essa finalidade, lançamos mão de um estudo de caso a partir da análise de uma entrevista realizada com um homem homossexual.

Para compreender a vivência do amor por homens homossexuais, exercitamos pôr em evidência o caráter histórico e cultural dos relacionamentos amorosos entre homens mais especificamente, bem como o ideário de amor vigente. Nesse sentido, buscamos refletir sobre a maneira como a sociedade ocidental lidou e ainda lida com os relacionamentos homossexuais, assim como com as intersecções encontradas na vivência relatada na entrevista do colaborador deste estudo.

O presente trabalho está dividido em 4 capítulos. No capítulo 1. *Suscitando o amor nas relações homossexuais*, objetivamos relacionar o tema do amor às relações homossexuais, apontando o estado da arte dos estudos na área e as suas lacunas. O capítulo 2. *Tessituras sobre a história da homossexualidade masculina no Brasil* está constituído como artigo, já encaminhado para publicação como requisito parcial para a defesa, em que objetivamos reconstruir o histórico do modo de homens se relacionarem, afetiva e sexualmente, do período da colonização até meados da década 1970/80. No capítulo 3. *Algumas considerações quanto à negritude*, apresentamos um breve histórico sobre a chegada do negro no Brasil e suas implicações, bem como relacionamos a temática da homossexualidade masculina com a temática racial. Capítulo 4. *Método*, abordamos a perspectiva metodológica do presente trabalho. Este é ancorado na perspectiva fenomenológica de fazer pesquisa; utilizamos uma adaptação do método de Amedeo Giorgi para examinar o relato do entrevistado. No capítulo 5, apresentamos o estudo de caso. E, por último, o capítulo de considerações finais.

1 Suscitando o amor nas relações homossexuais

Historicamente, o amor tem sido, durante séculos, um dos mais declamados, procurados ou mesmo desejados sentimentos relacionados ao comportamento humano. Por muitas vezes referenciado como uma das razões de viver, ou de sofrer, ele tem sido responsabilizado tanto pelas felicidades humanas quanto por suas mazelas.

(Oltramari, 2009, p. 669)

1.1 Explorando o tema do amor

É fato que o amor pode se apresentar como incógnita em muitas discussões. Este tema já era discutido desde Platão, em *O Banquete* (427?-347? a.C./2012), até a contemporaneidade por autores como Zygmunt Bauman, em *Amor líquido* (2003/2004). Mas, um fato sobre este tema é que, ao longo da história, o amor sofreu forte influência das configurações sociais e de movimentos artísticos e literários, como o Romantismo, pelo qual foi adquirindo ressignificações. Nesses movimentos de reconfiguração, o amor tomou novos significados a partir de mudanças nas relações sociais, como a criação do lar, a modificação da relação pais-filhos e a invenção da maternidade, características que, por volta do século XVIII, colocaram as mulheres como perpetuadoras e representantes do amor (Giddens, 1992/1993).

Giddens (1992/1993) aborda as formas pelas quais a relação de intimidade entre as pessoas e a sociedade se deu ao longo da história, perpassando por concepções de amor, compromisso, violência e revolução sexual. A partir deste autor, entendemos que, para se compreender o amor nas relações homossexuais, é interessante refletir sobre as relações de gênero, sexo, sexualidade e as representações sociais em torno dele. Para Costa (1998), “o amor

é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida” (p. 12).

Trabalhos como o de Vergas Silva (2006) nos auxiliam no entendimento de que, hoje, o amor, do platônico ao carnal, é permeado por idealizações que estão intimamente ligadas à vivência que se tem dele. Em sua pesquisa, ao contrastar o ideal de amor romântico com o sofrimento amoroso, Silva (2006) nos faz questionar as concepções de amor que outrora foram quase sempre inquestionáveis como únicos ideais de amor possível, especialmente aquelas constituídas desde o final do século XVIII, sob influência do Romantismo. A partir do trabalho de Silva, é possível ampliar o olhar predominante sobre as vivências de amor, de forma que atribuir o sofrimento como intrínseco ao amor, por exemplo, não quer dizer que realmente o seja, porém que o sofrimento está vinculado à própria concepção que se tem sobre o amor. Estas concepções – idealizadas – podem ser desencadeadoras de insucessos ou fracassos nos relacionamentos amorosos (Silva, 2006).

Pensar e repensar sobre essas representações que temos de amor, predominantemente do tipo romântico, é necessário para entendermos nossas histórias de relacionamentos amorosos e, conseqüentemente, compreendermos o que nos rege como amantes e amados. É importante refletir sobre o que da atualidade aflora em nossa concepção de amor, bem como o que carregamos de idealizações sobre o amor que podem nos ter sido instituídas historicamente. Falar desse sentimento envolve um movimento reflexivo sobre nossa própria existência. Costa (1998) fala de uma naturalização e universalização do amor, como se este fosse imutável ao longo do tempo, da história, livre das influências sociais; ele explica que essa perspectiva de naturalizar e universalizar o amor é uma forma de idealizá-lo. Porém, seu posicionamento diante disso é que “a prática amorosa desmente radicalmente a idealização. Amamos com sentimentos, mas também com razões e julgamentos. A racionalidade está tão presente no ato de amar quanto as mais impetuosas paixões” (Costa, 1998, p. 17).

Houve um período na Idade Média em que a Igreja tentou controlar o amor, ordenando que somente se deveria amar a Deus (Lins, 2012); fato observado em alguns estudos na literatura científica que indicam que as primeiras concepções sobre o amor e a realização da completude deste eram representadas na relação com Deus (León, 2011). Pode-se constatar também que, até mesmo na relação entre homens e mulheres, casados, reconhecidos perante a Igreja, o amor era controlado. Não se podia amar demais sob o risco de torná-lo pecado, haja vista que a finalidade do amor entre o casal era a procriação (Del Priore, 2007). Neste sentido, amar demais incorreria no pecado da luxúria e desviaria do seu propósito de reprodutivo.

A evidência do excesso de moralidade sobre o amor e do exercício de controle sobre ele não impediu sua propagação, tanto por meio da própria religião, com todo seu moralismo, quanto pelos poetas que registravam na literatura o sentimento amoroso, acontecendo, assim, o nascimento do amor-paixão e abrindo os precedentes ao amor cortês (Del Priore, 2007); algumas das tantas significações e representações sobre o amor. Com a emergência do amor cortês, construído por poetas e nobres, atribuíram-se novos significados à relação entre homem e mulher. No amor cortês, a mulher era cortejada pelo homem, mas sem a intenção da conjunção carnal (Araújo, 2002). O amor cortês foi o que deu origem ao que se conheceu, posteriormente, como amor romântico (Lins, 2012), largamente idealizado.

O amor romântico se tornou mais expressivo nas relações conjugais a partir do final do século XVIII, em que as pessoas passaram a se importar menos com os laços matrimoniais para fins econômicos e mais com a reciprocidade do interesse afetivo e carnal. Oltramari (2009), em seu estudo de revisão sobre amor e a conjugalidade na contemporaneidade, destaca que o amor romântico é caracterizado por uma busca contínua do objeto de desejo, todavia sem obter a correspondência desejada. Ainda segundo ele, esta não correspondência é o que predomina nos romances de nossa cultura ocidental. Para Silva (2006), nas relações que envolvem o amor romântico costumam existir exigências em relação ao outro que, em muitas vezes, não são

compatíveis com a realidade da relação e, com isso, podem desencadear sofrimentos. Dentre as promessas do amor romântico estão a felicidade e o sentimento de completude. Complementamos essa ideia com Rüdige (2012) para quem “os relacionamentos românticos basear-se-iam na crença irracional de que há, para cada um de nós, uma pessoa ‘certa’ que esgotará nossas carências afetiva” (p. 152).

Sobre o amor romântico, Giddens (1992/1993) pontuou que o consumo ávido de novelas e histórias românticas não era em qualquer sentido um testemunho de passividade. O indivíduo buscava no êxtase o que lhe era negado no mundo comum. Vista deste ângulo, a realidade das histórias românticas era uma expressão de fraqueza, uma incapacidade de se chegar a um acordo com a auto-identidade frustrada na vida social real (p. 55).

Baseado na citação supracitada de Giddens (1992/1993), que fala sobre o consumo de novelas e histórias românticas, fazemos um paralelo e relacionamos ao contexto atual acerca dos relacionamentos entre homens e, ainda, quanto ao consumo de histórias românticas. Hoje temos as telenovelas como um dos meios comunicativos que tem grande visibilidade quando o assunto é a trama amorosa. Embora ainda seja raro, nos últimos anos temos nos familiarizado com programas de TV e novelas que, de alguma forma, retratam pessoas homossexuais e relacionamentos amorosos homoafetivos. Nesse caminho, Risk e Santos (2021), ao abordarem as formações discursivas sobre homossexualidade e família homoparental em telenovelas brasileiras veiculadas em horário nobre, nos chamam a atenção para uma possível relação entre o modo como homens homossexuais são retratados nas telenovelas e a influência desta imagem para a construção e/ou confirmação de estigmas sobre esses.

Encontramos dados na literatura que afirmam que há sobre a homossexualidade e as relações homossexuais uma série de marcações, estigmas, significados e mesmo violências sobre o modo de ser gay, em expressar sua homoafetividade. Como aprofundaremos mais

adiante, nas relações dentre homens homossexuais têm sobressaído uma valorização de padrões normativos (heteronormativos), misóginos e, até mesmo, preconceituosos (Borges, Magalhães & Féres-Carneiro, 2017; Côrtes & Souza, 2019; Kern & Silva, 2009). Isso é corroborado pelo estudo de Risk e Souza (2021), que indicam o questionamento de até que ponto as telenovelas, ao retratarem personagens dessa forma, não estão contribuindo para reforçar perspectivas normativas acerca do comportamento homossexual masculino, inclusive dentre os relacionamentos amorosos.

Temos indícios de que ao nos colocarmos sob a égide do amor romântico, este acaba por delimitar as configurações possíveis dos relacionamentos amorosos, tornando a vivência do amor próxima ao irrealizável (Campagnaro, Semensato, & Vieira, 2013). O irrealizável do amor romântico aparece como intersecção com o amor homossexual, característica semelhante ao que Del Priore (2005/2019) nos apontou sobre os relacionamentos homossexuais ao longo da história do Brasil: a vivência de um amor trágico e impossível.

A homossexualidade durante muito tempo foi associada à pedofilia, à transmissão de doenças, à perversão e à anormalidade, gerando preconceito e reforçando modelos de normalidade (Guimarães, 2009; Toniette, 2006). Resgatar o tema da homossexualidade é colocar em xeque uma história longa de ocultação e de perseguição a essa população ou a qualquer pessoa caracterizada como dissidente do padrão heterossexual normativo. Acreditamos que esta trajetória histórica de recusa social de pessoas homossexuais afeta a sua vivência contemporânea do amor.

Quando se aborda questões concernentes aos homossexuais, encontram-se diversos problemas históricos e sociais que incidiram sobre essa população. Primeiramente, temos a coibição de ser homossexual e de mostrar-se homossexual fora do âmbito da vida privada, a recusa de um espaço social para os homossexuais e aos seus direitos sociais e jurídicos. Tal série de coibições foi justificada por conta da tipificação da homossexualidade como doença,

pecado e crime, ratificado pelo discurso religioso moralista, jurídico e pelo médico-psicológico biologicista (Gatti, 2000; Guimarães, 2009; Mello, 2006).

Entretanto, advertimos que a homossexualidade não mais se caracteriza como uma anormalidade biológica, nem tampouco deve ser submetida à moralidade religiosa (CFP, 1999). Porém, apesar do olhar sobre a homossexualidade ter sido ressignificado, ainda acomete sobre homossexuais o peso histórico da segregação e da violência causada a essa população. Assim, se reconhece que o ser homossexual é transpassado por uma busca de aceitação de si mesmo ao mesmo tempo que demanda a sua aceitação social do que se é (homossexual), de forma que expor socialmente sua orientação sexual, por exemplo, é estar disposto a pagar um preço que envolverá perdas e prejuízos sociais (Guimarães, 2009).

Contudo, resgatamos que em um período longínquo, na Grécia Antiga, os relacionamentos homossexuais e o sentimento amoroso entre homens eram valorizados, vangloriados e motivo de bravura (Lins, 2012). Chamados de pederastas, era comum que homens mais velhos iniciassem sexualmente homens mais novos, tendo os mais velhos que adotar posição ativa e os mais novos posições passivas, de submissão, diante dos seus pederastas (Corrêa Júnior, et al, 2010). Mas sabemos que essa concepção foi alterada quando Igreja e Estado intensificaram o controle das relações, públicas e privadas, a fim de beneficiar-se destas para impor uma ordem social que fosse coerente com as leis cristãs.

Em um dado período da história, homens que demonstravam atitudes encaradas como mais amorosas eram acusados de terem sucumbido ao poder feminino (Giddens, 1992/1993), evidenciando a negação do amor aos homens, atribuindo tal sentimento apenas às mulheres e suscitando a ideia de uma feminilidade do amor, ou seja, homens que expressassem o amor romântico às mulheres eram considerados como inferiores aos outros homens que não expressavam. A forma de amar e expressar amor que competia aos homens era a expressão e exercício do cuidado à família e à propriedade, um amor de companheirismo e de

responsabilidade mútua (Giddens, 1992/1993). Já quanto à relação dentre os homens, Giddens afirma que acontecia na “camaradagem” em atividades de esporte e lazer (Giddens, 1992/1993, p. 55), o que entendemos ter ocorrido sem expressões ou contatos intimistas. Corroborando para esse pensamento e se referenciando em uma masculinidade heterossexual, Bola (2020) entende que “os homens são educados fora do amor, enquanto as mulheres são educadas dentro dele” (p. 63). Assim, para que se afirmassem e se afirmem como homens, a estes era (e ainda é) necessário manipular seu próprio comportamento, afastando-se de tudo o que pudesse ser ligado à feminilidade, a fim de não serem identificados como homossexuais (Boris, Moreira, & Diógenes, 2010; Guimarães, 2009), quer fossem ou não. Nesse sentido, parece haver uma ideia pré-concebida do que seria amar atrelada ao modo “feminino” de amar. Qualquer outra forma de exercício de afeto estaria fora de uma concepção amorosa. Haveria um modo masculino de amar? Ou ainda, como seria amar para além dos papéis masculinos e femininos?

1.2 O estado da arte

A partir de pesquisas e leituras preliminares à escrita desta pesquisa, percebemos que alguns estudos que sinalizam a palavra amor em seu título não se aprofundam no debate a respeito da vivência afetiva deste tema, a exemplo do estudo de Ripoll (2009) *O amor em tempos de cólera: direitos LGTB na Colômbia* que apresenta uma discussão no campo do direito sobre o amor homossexual. Apesar de a palavra amor constar no título do artigo de Ripoll, esse estudo versa sobre os atos de violência contra pessoas homossexuais. Da mesma forma, Britzman (1996), com o caso do jovem Essex Hamphill², ao buscar informações em uma biblioteca sobre ser gay e ser gay negro, mostra que são escassos na literatura científica estudos que se aprofundem nas relações afetivas e no amor de homens homossexuais.

² Essex Hamphill é um personagem do livro *Brother to Brother: New Writings by Black Gay Men* (1991), que Deborah Britzman utiliza como exemplo em seu texto.

Diante disso, decidimos por realizar uma revisão sistemática de literatura a fim de compreender melhor a incidência do tema em questão: qual o estado da arte sobre o amor nos relacionamentos de homens homossexuais? É, inclusive, esse o objeto do presente capítulo. Para tanto, optamos por realizar a busca na Plataforma Periódicos CAPES, por ser um importante indexador no cenário da pesquisa no Brasil. A busca foi realizada no período de 10 a 12 de maio de 2022, sob os filtros: periódico revisado por pares, acesso aberto, artigos, idioma português e sem delimitação de ano de publicação. As combinações de palavras-chaves, em qualquer campo, e seus respectivos achados foram:

Tabela 1 Palavras-chaves

amor AND homens AND gays	303 resultados
amor AND homossexualidade AND homens	241 resultados
amor AND homossexualidade AND masculina	216 resultados
amor AND relacionamento AND homossexual	158 resultados
	= 918 resultados

As 918 referências encontradas foram agrupadas e organizadas em uma planilha do Excel para darmos prosseguimento à análise aplicando os critérios de inclusão e exclusão, utilizando a ferramenta do Excel na aba “página inicial”, “estilos”, “formatação condicional”, “regras de realce das células” e “valores duplicados”. Após as referências duplicadas terem sido destacadas pela ferramenta, conferimos manualmente cada linha da planilha para constatar as duplicadas e apagar aqueles excedentes. Algumas duplicadas não haviam sido selecionadas, por algum erro no comando que não identificamos. Assim, após revisão manual, foram removidos 468 artigos que se repetiam uma ou mais vezes, restando 450 referências.

O próximo passo aplicado foi a remoção dos artigos que já na leitura do título indicassem que o trabalho não se adequava ao escopo da pergunta de pesquisa, a saber, como um homem homossexual negro vivencia as experiências amorosas na relação com outros homens? A partir disso, foram retirados artigos, por exemplo, que constavam no título o direcionamento para trabalhos com população que não a de homens homossexuais e cujo cenário da pesquisa não era o brasileiro.

Após a leitura dos títulos, restaram 79 artigos que apenas com a leitura do título não identificamos se seu conteúdo se adequava aos critérios de inclusão: delimitados no cenário brasileiro, que falassem sobre homens homossexuais, estudos com qualquer tipo de delineamento, apenas artigos e aqueles que direcionassem seu conteúdo para temas correlatos como os relacionados a afeto e/ou sentimentos desta população; e os critérios de exclusão: estudos que tratassem da população de homens trans e de travestis, que não estavam na língua portuguesa do Brasil e estudos que tratassem da teoria queer por entendermos que incluir a teoria queer desviaria da temática central da pesquisa.

Em seguida, removemos os artigos que não estavam em português, pois, mesmo com o filtro inicial de apenas artigos neste idioma, identificamos que textos em inglês e espanhol estavam integrados. Restaram 60 referências. Após a leitura de todos os resumos e a exclusão de trabalhos que, apesar de falar sobre homossexualidade masculina não tratavam de amor ou qualquer outro âmbito de afetividade, selecionamos quatro artigos que foram lidos na íntegra. Destes selecionamos quatro, visto que, de algum modo, em sua discussão relacionavam amor, afetividade e homossexualidade.

Observando os dados extraídos dos artigos e expostos na tabela 2, percebemos que cada um é direcionado para um âmbito diferente, sendo o primeiro para uma representação da família homoparental em contexto midiático, o segundo versa para as relações dos homens homossexuais entre si em contexto de relacionamento mediado pelo uso da internet, o terceiro

debate o casamento de pessoas homossexuais e a justificativa da esfera jurídica para oficializar a união e o quarto discute o lugar do afeto no reconhecimento dos relacionamentos homossexuais perante a esfera jurídica. Apesar de a busca não demarcar limites temporais de publicação, os achados datam dos anos de 2013 e 2015. Os artigos 2 e 3 foram publicados, respectivamente, em 2013 e 2015 na *Revista de Estudos Feministas*; o artigo 1 foi publicado em 2015 na *DADOS – Revista de Ciências Sociais* e o artigo 4 teve publicação na *Revista Ártemis*. Ademais, três encontram-se delimitados predominantemente na área da pesquisa qualitativa, com exceção do artigo de Mesquita e Pavia (2015) que se configurou como estudo quali-quantitativo, com aplicação de questionário.

Tabela 2 - Descrição dos estudos encontrados

Título	Autor(es)	Ano
1 A Família Homoparental na Ficção Televisiva: As Práticas Narrativas do Brasil e da Espanha como Relatos das Novas Representações Afetivo-Amorosas	Aline Mesquita e Carmen Pavia	2015
2 Machos e "Brothers": uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line	Richard Miskolci	2013
3 O casamento “homoafetivo” e a política da sexualidade: implicações do	Angelo Brandelli Costa e Henrique Caetano Nardi	2015

afeto como justificativa das

uniões de pessoas do mesmo

sexo

4 O lugar do afeto na Ricardo Andrade Coitinho 2015

produção do “homoafetivo”: Filho

sobre aproximações ao

familismo e à aceitabilidade

moral

Quanto aos objetivos destes estudos, identificamos que Mesquita e Paiva (2015) propuseram uma discussão a fim de refletir acerca das mudanças nos valores e representações de gênero e sexualidade, a partir da análise de casais homossexuais retratados em uma série espanhola e uma novela brasileira. Ainda no sentido das questões de gênero e sexualidade, Miskolci (2013) objetivou a compreensão das normas de gênero e de sexualidade que regem os relacionamentos entre homens, utilizando para isso a imersão etnográfica em sites de relacionamentos e entrevistas com usuários. Já o estudo de Costa e Nardi (2015) abordou uma discussão acerca do reconhecimento judicial de união estável para pessoas do mesmo sexo sob a justificativa afixada na relação de afetividade do casal, denominada de homoafetividade, enquanto que o de Coitinho Filho (2015) seguiu sentido semelhante a este último e discutiu o uso do termo homoafetivo em detrimento do homossexual. Esses últimos, apesar de terem focos semelhantes, no trabalho de Costa e Nardi (2015) debateram a união/casamento e o de Coitinho Filho (2015) versou sobre as justificativas judicial e moral.

Notamos também que apesar de usarem a palavra amor e/ou a expressão relações amorosas, os trabalhos não definem o que seriam tais expressões. Em nossa análise, compreendemos que no artigo de Mesquita e Paiva (2015) os autores não definem, mas

parecem colocar de forma equiparada com outro termo: relação afetivo-amorosa; ambos são usados quando se referem aos casais estudados. Já no artigo de Miskolci (2013), este denota assimilar como um sentimento que pode ou não estar presente em relacionamentos em que uma ou mais pessoas envolvidas se desejam e fazem sexo; e é utilizado associado a relações mais duradouras. Ainda, no artigo de Costa e Nardi (2015), os autores empregam o termo amor como um sentimento consolidador de uma relação em que duas pessoas se desejam sexual e afetivamente. Já em Coitinho Filho (2015) integram o amor como equiparado a carinho e afeto sendo estes componentes intrínsecos da constituição familiar.

Identificamos também outros estudos de revisão de literatura, que não foram recuperados na nossa busca de revisão, mas se debruçaram sobre o tema do amor e dos relacionamentos amorosos, como o de Nascimento et al. (2015) e de Oltramari (2009). No primeiro, com título *Relacionamentos amorosos e homossexualidade: revisão integrativa da literatura* realizaram uma busca nas bases de dados SciELO, LILACS, PePSIC, Oxford, Wilson, Ovid e EBSCO, sendo que na introdução sinalizam período de busca de 2000 a 2013 e na descrição metodológica consta o período de 2001 a 2013. Tinham como pergunta de pesquisa: como se configuram, segundo a literatura científica, os relacionamentos amorosos estabelecidos por pessoas do mesmo sexo? Para tanto, utilizaram das palavras-chaves homossexualidade, casamento e namoro e seus respectivos termos em inglês. A então pesquisa abarcou tanto relacionamentos entre homens quanto entre mulheres. Dos 20 artigos selecionados pelo artigo, identificamos quatro que relacionavam tematicamente com a presente pesquisa, pois tratavam em algum nível a respeito da afetividade nos relacionamentos homossexuais. Embora a afetividade não seja o nosso tema, julgamos relevante apontá-los, visto que apresentamos como uma de nossas justificativas a escassez de trabalhos nesse nicho.

Os artigos apontados pelo estudo de Nascimento et al. (2015) foram: Bauermeister (2012), sob título *Romantic ideation, partner-seeking, and HIV risk among young gay and*

bisexual men (Ideação romântica, busca de parceiros e risco de HIV entre jovens gays e bissexuais), publicado originalmente em inglês na revista *Archives of Sexual Behavior*. Este trabalho empírico faz uma relação entre o amor romântico e a diminuição dos riscos de jovens se envolverem em relações sexuais desprotegidas; Guedes e Monteiro-Leitner (2007) sob título *Modelos de apego, homossexualidade masculina, e depressão: um relato de experiência*, publicado na revista *Estudos de Psicologia*. Neste, lançam mão do estudo de caso para compreender a vivência da relação amorosa e seus desdobramentos a partir do caso clínico de dois rapazes que buscaram a psicoterapia com demandas afetivas e amorosas. Guedes e Monteiro-Leitner (2007) concluíram que há uma relação entre os modelos de apego com os pais, uma repetição destes com parceiros e a presença de comportamento depressivo; teve também o de Mosmanm et al. (2010), que já citamos na introdução, cujo título é *Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais*, estudo do tipo empírico que realizou uma comparação entre como casais de gay e lésbicas lidam com suas relações amorosas, em comparação a relacionamentos heterossexuais; e, por último, o estudo de Rios (2013) *Homossexualidade, juventude e vulnerabilidade ao HIV/Aids no candomblé fluminense*, que por meio de um estudo empírico, etnográfico, buscaram compreender a organização dos relacionamentos entre homens e o que os torna mais suscetíveis à epidemia da Aids. Dentre seus resultados, visualizaram que o amor, em seu modelo romântico, tinha um papel de destaque nas relações sexuais, inclusive na redução da frequência e, até mesmo, da não utilização de preservativos, deixando-os mais suscetíveis ao contato com o HIV. A temática deste último é bem similar àquela apresentada por Bauermeister (2012).

No estudo teórico de Oltramari (2009) *Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura*, não se apresenta quais foram os critérios e bases de dados utilizados para a busca. Sua discussão volta-se para a teoria dos roteiros sexuais e apresenta o amor como uma forma de interação social, porém que é vivenciada como um sentimento.

Com os dados coletados e analisados na revisão, foi possível identificar que mesmo com o uso da palavra “amor” e “homens” como descritores, resultaram da pesquisa vários artigos que debatiam questões relacionadas à mulher. Além disso, dos artigos que tematizavam a homossexualidade masculina havia o predomínio de escritos que versavam sobre a discussão na esfera jurídica acerca dos relacionamentos homossexuais. Outro dado interessante é que dos artigos que se encaixaram nos critérios de inclusão e exclusão, apenas o de Mesquita e Pavia (2015) apontavam em seu título uma referência ao amor, ao utilizar o termo “afetivo-amorosas”. Nesse sentido, entendemos que os títulos e descritores utilizados quando se trata de relações amorosas entre homens homossexuais é muito diversificado. Com essa revisão, foi possível perceber que é frequente o uso de outros termos como homoerotismo, afetividade e afetivo-sexual

Por fim, sinalizamos algumas limitações acerca desta revisão, tais como: a busca em apenas uma base de dados (Periódicos CAPES) e na delimitação de idioma apenas em português. A seguir, trataremos de forma mais aprofundada os relacionamentos entre homens na história do Brasil.

2 Tessituras sobre a história da homossexualidade masculina no Brasil

Em sentido abrangente, este capítulo tematiza os relacionamentos amorosos entre homens homossexuais ao longo da história do Brasil. Resgatamos dados desde o período da colonização até meados do século XX, com foco nas relações afetivas e sexuais e nos modos de se relacionar.

Quando retomamos o contexto histórico da homossexualidade e as configurações dos relacionamentos nos períodos abordados, notamos a complexidade que foi assumir-se homossexual ao longo do tempo, as condenações, sanções e preconceito sofridos. Já ao retornarmos para a conjuntura atual, vemos com muito mais nitidez, seja nas ruas ou em representações na mídia e redes sociais, a formação de casais entre pessoas dos mais variados gêneros e orientações sexuais, bem como a demonstração do seu afeto no dia a dia pelas ruas e nas manifestações em prol dos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais (LGBT), por exemplo. Entretanto, ainda estamos longe da equidade de direitos para essa população; prova disso são os dados que denotam o Brasil como um dos países que mais mata homossexuais em todo o mundo³. Em se tratando de violência, estima-se, conforme dados coletados pelo Disque 100, que em 2016 foram registradas 318 denúncias que relatavam violência contra pessoas identificadas como gay (em sua maioria homens). Essas denúncias apontaram para mais de 600 tipos de violações ao grupo, sendo 42,7% de violência psicológica e 14,6% de violência física (Silva, 2018).

A violência contra pessoas homossexuais no país é ainda mais evidente quando, no período da eleição presidencial no ano de 2018, ao vencer as eleições um candidato de extrema direita, muitos casais homossexuais começaram a realizar casamentos em massa⁴, com receio de que a partir da posse do candidato de extrema direita, declaradamente homofóbico e

³ <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo>

⁴ https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/14/politica/1542216213_918450.html

favorável ao regime ditatorial, a realização das uniões legais⁵ entre pessoas do mesmo sexo fosse de alguma forma suspensas ou revogadas.

Peret (2018), a partir das Estatísticas de Registro Civil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontou que o número de casamentos entre pessoas homossexuais cresceu significativamente nos últimos anos: somente entre 2013 e 2016, 19,5 mil casamentos foram registrados. Além disso, até o censo de 2010, mais de 60 mil brasileiros residiam em parceria homossexual (IBGE, 2010). Dados como esse são motivadores para discutirmos os relacionamentos homossexuais masculinos, em razão do aumento da visibilidade para esses casais.

Com o percurso e as características da homossexualidade ao longo da história do Brasil, este capítulo está dividido em três momentos. No primeiro, abordamos como foi construída a relação entre homossexualidade e pecado-crime-doença, perpassando pela inserção da igreja e do Estado na vida pública e privada. Embora nesse primeiro momento estejamos apontando para concepções construídas fora do contexto brasileiro, até mesmo anteriores ao reconhecimento dessa territorialidade como país, escolhemos esse percurso pela sua herança e impacto em nossa cultura e modos de compreender a homossexualidade. No segundo momento, discutimos as perspectivas sobre homossexualidade masculina ao longo da história do Brasil. E, por fim, temos o resgate das características dos relacionamentos homossexuais realizado no tópico anterior, discutimos a influência do modelo heterossexual e heteronormativo nesses relacionamentos.

Seguindo nesse horizonte, realizamos uma revisão narrativa de literatura, assistemática, a qual englobou artigos de periódicos científicos e livros. Para Rother (2007), a revisão

⁵ Sobre isso, pontuamos que a união entre pessoas do mesmo sexo é regulamentada por decisões judiciais do STF (Supremo Tribunal Federal) e pelo CNS (Conselho Nacional de Justiça). Todavia, até a presente data desta pesquisa, a legalidade do casamento homossexual proposta através do projeto de lei do senado nº 612 do ano de 2011, não havia sido aprovada em Plenário, logo, não constava no Código Civil. Este código é a legislação que rege as relações privadas, de pessoas físicas e jurídicas.

narrativa é mais ampla se comparada à sistemática, sendo apropriada para a discussão do estado da arte. Segundo Rother (2007), o tratamento dos dados neste método é voltado para a “interpretação e análise crítica pessoal do autor” (p. 5). O mapeamento da literatura foi feito de modo exploratório no período de agosto a outubro de 2019, sem demarcação de data específica, em periódicos como SciELO, Google Acadêmico, Periódicos CAPES, biblioteca da instituição de vínculo dos autores e nas referências dos próprios textos encontrados. Algumas palavras-chaves como homossexualidade, amor e relacionamentos amorosos foram utilizadas nas buscas. Selecionamos textos em português, disponibilizados gratuitamente, cujo conteúdo abordado fizesse referência aos relacionamentos afetivos, amorosos e sexuais entre homens.

Na leitura exploratória dos dados, foram selecionados os seguintes autores e obras: James Green, historiador e ativista dos direitos LGBT, com o livro *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (2000), obra considerada pioneira e que aborda de maneira questionadora do olhar estereotipado sobre os comportamentos homossexuais no período do carnaval; João Silvério Trevisan, escritor e ativista LGBT, com a obra *Devassos no paraíso* (2000), considerado um dos estudos mais completos sobre a homoafetividade no Brasil; Luiz Mott, historiador e um dos mais conhecidos ativistas do movimento LGBT no Brasil, com mais de uma obra citada neste trabalho; assim como Mary Del Priore, historiadora, com seu título *História do amor no Brasil* (2005/2006) que faz resgates sobre os envolvimento amorosos na história do país. O principal critério para a utilização desses autores e textos foi a quantidade de citações encontradas em artigos científicos e livros sobre eles.

2.1 Breve histórico da homossexualidade: do pecado e crime à doença

Em um amplo olhar histórico, é deveras contrastante o quanto questões relativas à sexualidade, e mais especificamente à homossexualidade, se alteram. A Grécia Antiga é

geralmente resgatada nas discussões sobre a sexualidade, visto que, naquele período, havia uma compreensão pedagógica das práticas homossexuais (Corino, 2006; Foucault, 1976/2014). Essas eram respeitadas e aceitas socialmente, denominadas de pederastia.

Na Roma Antiga, a homossexualidade teve sua posição social alterada ao longo da vigência do império. No início do período imperial, as relações entre homens eram aceitas de forma similar àquela mantida na Grécia, porém não precisamente no ritual de pederastia. Enquanto na Grécia havia a formação do cidadão e de seu caráter (Candido, 2016), em Roma formavam o militar; já no final do período imperial – e posteriormente, também sob o viés religioso, a partir da ascensão da Igreja católica – a homossexualidade foi condenada, podendo ser levado à fogueira aquele que cometesse atos homossexuais (Moreira Filho & Madrid, 2008). Foi um dos primeiros indícios da intervenção da Igreja na vida privada e sexual das pessoas, interditando o prazer e dando primazia à procriação.

Os contextos referenciados são descritos pela literatura científica (Esteves, Azevedo, & Frohwein, 2016) quando se fala da homossexualidade e das relações socioculturais na Antiguidade, além de que servem como sinalizadores dos processos de construção social que se constituiu sobre o ser homossexual e no quanto essas construções foram modificadas ao longo da história. As relações homossexuais nos períodos da Grécia e Roma antigas são discutidas e circunscritas na prática da pederastia, formação do cidadão e formação do militar e na posterior proibição de práticas sexuais no geral, independentemente do gênero. Mesmo que não seja comum o aprofundamento em como se davam os relacionamentos homossexuais fora do contexto da pederastia e da formação militar, é possível constatar que eles não eram permitidos, mas possivelmente existiam (Candido, 2016), uma vez que o amor entre homens era praticável apenas com prazo de validade, até que o jovem atingisse a média de idade de 18 anos (Corino, 2006). Dessa forma, o indício é que mesmo que se reconhecesse algum tipo de relação homossexual nesse período, quando se adentrava no âmbito da afetividade e da

manutenção de relações homossexuais fora dos rituais pedagógicos e de formação do militar, esses – relacionamentos e afetividade – eram vetados.

Há indícios de que a perseguição e a criminalização da homossexualidade ocorreram por meados da Era Medieval, mais especificamente com o advento do cristianismo, quando Igreja e Estado, ao sacralizarem a sexualidade, condenaram tudo o que fosse divergente do então ideal heterossexual (Paoliello, 2013; Toniette, 2006). Partindo de interesses da Igreja e do Estado, na Europa medieval se sacraliza a sexualidade humana e se define o relacionamento heterossexual como sendo o ideal, tomando como um de seus principais fundamentos o caráter de reprodução decorrente da união entre homem e mulher (Toniette, 2006).

Tal rigor sobre a sexualidade emergiu em contextos sociais específicos, sob o discurso do controle da vida social e política. Tanto Igreja quanto Estado precisaram exercer uma relação de saber-poder sobre a população a fim de alcançar seus interesses, tais como controle populacional, organização familiar, gestão econômica, dentre outros. E, para que seus interesses fossem alcançados, enxergaram na sexualidade e no controle dos corpos o meio para tal fim (Foucault, 1976/2014). A confissão, por exemplo, se apresentou como um grande recurso controlador das práticas sexuais, sendo um dispositivo da manutenção do poder sobre a população. Segundo Foucault (1976/2014), “[...] desde a penitência cristã até os nossos dias o sexo tem sido a matéria privilegiada de confissão” (p. 68), de modo que ela, a confissão, regeu os discursos sobre o sexo.

As relações homossexuais foram diretamente ligadas à prática da sodomia, principalmente a partir do século XVI (Vainfas, 1989). A homossexualidade, por sua vez, foi considerada pecado até meados do século XIX, e posteriormente, crime perante o Estado, se configurando como um pecado-crime (Trevisan, 2000). Tal caracterização se deu predominantemente pela naturalização do sexo conjugal para a reprodução, punindo não só a

sodomias, mas também as demais práticas que desviassem do ato procriador, considerando-os como pecados diante da igreja e do Estado (Pretes & Vianna, 2008).

Os dados mais fortes sobre a condenação da homossexualidade são aqueles que remetem à igreja e ao Estado o controle sobre os relacionamentos e a sexualidade da população, em prol de seus interesses. Por parte da igreja, a homossexualidade foi condenada juntamente com as demais práticas sexuais que não tivessem como finalidade a reprodução (Moreira Filho & Madrid, 2008). Para Mott (2001), a tradição judaico-cristã, representada pelo poderio da Igreja, que inclui as práticas de confissão, formação familiar e conjugalidade monogâmica, é a raiz da intolerância que vigora até hoje.

Todavia, apesar de não ter sido o cristianismo que introduziu o moralismo da monogamia, a função procriadora do sexo e a desqualificação do prazer sexual – isso já havia sido posto pelo estoicismo séculos antes, sendo retomado através das relações de saber-poder nos séculos XIX e XX –, o saber religioso foi o principal disseminador desses pilares estoicos, os quais também foram corroborados a partir do século XIX pelo conhecimento científico (Foucault, 1976/2014; Pretes & Vianna, 2008; Rodrigues, 2018). Foucault (1976/2014) contextualiza ainda que a regulamentação do sexo sempre foi assunto da religião, das elites e do Estado, sendo que foi especialmente a partir do século XIX que a elite burguesa tomou para si o papel das produções de verdade sobre a sexualidade, o que o autor chamou de *scientia sexualis* e que está atrelada à relação de saber-poder que incidiu sobre a vivência da sexualidade.

Com a tomada do conhecimento acerca da homossexualidade por parte do conhecimento científico, não só a religiosidade cristã foi a responsável pela investigação das práticas sexuais, mas passou-se a construir um saber sobre aquele que ora pecador, se tornaria também um degenerado, um doente. De acordo com Pretes e Vianna (2008), é a partir da *scientia sexualis* que o Ocidente impôs a heteronormatividade como padrão de relação social,

pautando-se na produção de verdades sobre a sexualidade e na reprodução sexual como sua justificativa. Construiu-se sobre o sexo um aparelho de produção de verdades que buscava responder, em primeira instância, à moralidade e à ideia de não-naturalidade das relações homossexuais (Foucault, 1976/2014).

Quando o saber médico-científico requereu e se apropriou da questão da homossexualidade, ela passou a ser considerada doença. Ora, se anteriormente havia sido tipificada como crime e pecado, os quais demandavam certa punição, com o saber médico se apropriando desse campo, o homossexual foi submetido a procedimentos de cura e de correção (Fry & MacRae, 1986). É a demarcação do que posteriormente se denominaria de patologização da homossexualidade.

A patologização da homossexualidade também foi reforçada no período do higienismo, no século XIX, quando o Estado se insere nos lares a fim de regular as práticas familiares em prol da saúde das famílias, diante de um alto índice de mortalidade infantil e de péssimas condições sanitárias. Com o higienismo, se reforçaram os papéis femininos e masculinos entre as crianças, e tudo que se desviasse dos padrões de feminilidade e de masculinidade estaria fora do considerado normal (Toniette, 2006; Trevisan, 2000). Apesar de constar, no ano de 1952, na primeira versão do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) como doença mental, a homossexualidade foi patologizada para o mundo, já em caráter oficial, ao ser adicionada à *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde* (CID), em sua 6ª revisão no ano de 1948 (Carneiro, 2015), sob classificação 320 – personalidade patológica.

Por outro lado, o processo de despatologização da homossexualidade ocorreu às custas de muitos embates, principalmente de ativistas homossexuais do mundo todo em resposta às classificações do CID, que, posteriormente, em sua 8ª revisão no ano de 1965, alterou a homossexualidade de *personalidade patológica* para *desvio e transtornos sexuais*, o que não

modificou, de fato, seu caráter de anormalidade. A revolta de Stonewall⁶ nos Estados Unidos (1969), por exemplo, é considerada um dos marcos do movimento LGBT no país e repercutiu na luta por direitos LGBT em todo o mundo. No Brasil, a luta pela despatologização da homossexualidade começou a ser organizada após o declínio do período do regime militar, com a primeira onda do movimento homossexual e da criação do grupo Somos – Grupo de Afirmação Homossexual, em 1978 (Carneiro, 2015). Porém, o percurso para a dissolução do pensamento social patologizante tem sido árduo e está longe de ser total.

Foi relativamente recente, em 1973, há cerca de 47 anos, que a homossexualidade deixou de compor o DSM, e, em 1990, foi retirada da décima versão do CID. No Brasil, alguns anos antes da sua retirada do CID, no ano de 1985, o Conselho Federal de Medicina (CFM) resolveu alterar seu diagnóstico, passando de desvio e transtorno sexual para outras circunstâncias psicossociais (Toniette, 2006). Por parte da psicologia, somente em 1999 o Conselho Federal de Psicologia (CFP) estabeleceu uma resolução que regulamenta a atuação do psicólogo diante de questões relativas à orientação sexual, sendo um marco da psicologia na despatologização da homossexualidade, visto que esta resolução normatiza a atuação dos psicólogos para que estes não exerçam em favor da discriminação e do preconceito, nem tampouco participem de eventos que compactuem com uma visão patologizante de práticas homoeróticas, dentre outros direcionamentos (CFP, 1999). Contudo, pode-se dizer que essa despatologização foi parcial, pois, embora tenha sido retirada dos compêndios psiquiátricos, não houve a promoção de debates sociais mais amplos sobre essa retirada. Tais debates, quando ocorrem, se restringem ao meio acadêmico e aos movimentos sociais da população LGBT.

Observamos que ainda no século XXI, as sexualidades permanecem sob forte jurisdição da religião, para a qual aquilo que desvia da norma heterossexual é condenado e interpretado

⁶ A revolta de Stonewall - foi assim que ficou conhecido o conflito gerado pela polícia em um bar de nome Stonewall Inn, localizado na cidade de Nova Iorque, frequentado por diversas pessoas da população LGBT. Hoje é reconhecido como um marco na história da luta dessa população, sendo referência não apenas nos Estados Unidos, mas, também, no mundo todo.

como anormal (Rodrigues, 2018). Rodrigues ratifica que, enquanto as questões voltadas à sexualidade permanecerem sob a lógica biologicista da reprodução, do sexo genital e do corpo, a visão religiosa sobre a homossexualidade permanecerá. A autora ressalta que é necessário ampliar a visão reducionista que incide sobre a sexualidade humana, compreendendo os diversos contextos nos quais se engendra e não se reduzindo estritamente ao contexto da prática sexual reprodutiva.

2.2 Trajetória dos relacionamentos homossexuais masculinos na história do Brasil

A trajetória da homossexualidade no Brasil tem registros que datam desde a chegada dos colonizadores. Na reconstituição desta trajetória, alguns períodos na história do Brasil são de difícil acesso no que se refere ao tema da homossexualidade masculina, especialmente os anteriores a 1870 (Green & Polito, 2006). Apesar de a literatura apontar para a existência de práticas homossexuais desde a colonização do Brasil, neste trabalho não investigamos a precisão de seu surgimento, porém sinalizamos sua existência. Do mesmo modo, os registros que datam do período colonial restringem-se, em sua maioria, aos processos inquisitoriais. Dado o caráter moralista e pecaminoso que o poder clerical impunha aos atos homossexuais, esses registros são problemáticos para a reconstrução da trajetória da homossexualidade no Brasil (Mott, 1986). É válido ressaltar que não pretendemos reconstruir de forma minuciosa e cronológica tal percurso, mas destacar momentos pontuais que as literaturas científica, histórica e social nos apontam como referência para pensar e compreender aspectos relevantes e constituintes da vivência da homossexualidade e dos relacionamentos homossexuais no país.

Quando os colonizadores chegaram ao Brasil, as mesmas regras civis e morais cristãs vigentes em Portugal foram empregadas aos que aqui habitavam; dentre elas, a criminalização da sodomia, entendida como todo e qualquer ato – anal ou oral – que desperdiçasse a ‘semente masculina’ da procriação. Tal entendimento era aplicado tanto às práticas heterossexuais

quanto homossexuais, sob pena que não prescrevia (Trevisan, 2000). Isto é, com a perspectiva de imoralidade e de não-naturalidade herdada desta raiz cristã, no Brasil perseguiu-se e condenou-se a homossexualidade também sob as justificativas pró-natalistas de crescimento demográfico e de ameaça à hegemonia da família patriarcal.

São apontadas por Mott (2001) algumas características essenciais que, arraigadas na cultura e na história dos colonos portugueses, contribuíram para a perseguição das práticas da homossexualidade no Brasil. Essa cultura e história têm suas aproximações com o percurso bíblico abraâmico, alastrado pelo Ocidente desde a ascensão das religiões judaico-cristãs.

Mott (2000) cita que especialmente na Bahia, foi identificada a presença de homossexuais precedentes à chegada dos colonizadores. Nas tribos tupinambás, por exemplo, as práticas homossexuais ocorriam, mas não eram recriminadas entre os nativos (Vainfas, 1989). Além disso, é reconhecida a existência de homens que eram adeptos do relacionamento entre si em outras sociedades e tribos no mundo todo (Lomando & Wagner, 2009). Não obstante, há relatos de homossexuais indígenas popularmente conhecidos no Brasil, a exemplo de Luís de Ilhéus, adepto do *ato nefando da sodomia* e dos sodomitas portugueses degredados. Nos períodos da Inquisição, foi registrada em todos os estratos sociais a realização de práticas sodomitas (Mott, 2001; Trevisan, 2000).

Como foi apontado, as práticas de sodomia – junto de outros pecados e crimes diversos – foram investigadas pelos tribunais da Santa Inquisição, os quais inquiriam de forma detalhada a vida dos que aqui habitavam e, conseqüentemente, poderia levar à fogueira aquele cuja prática sodomita fosse revelada (Mott, 2001; Trevisan, 2000). A Inquisição no Brasil se deu de forma semelhante à da Idade Média, quando a confissão foi um regulador das questões voltadas à sexualidade. As investigações dos pecados sexuais cometidos no período colonial também funcionaram como propulsoras discursivas da fala sobre o sexo. Era obrigatório que todos – índios, escravos e colonos portugueses – descrevessem detalhadamente suas práticas sexuais

(Pretes & Vianna, 2008). A confissão, segundo Foucault (1976/2014), foi um dispositivo, uma forma de produzir verdades sobre a sexualidade, principalmente no Ocidente, sustentada pelas religiões cristãs.

De acordo com Trevisan (2000), a prática da sodomia foi configurada como crime até 1823, não somente por meio da Inquisição, mas por meio das Ordenações Filipinas, uma das instituições responsáveis por degredar pessoas ao exílio no Brasil. Apesar de, no século XIX, alguns países da Europa terem descriminalizado a sodomia, as práticas homossexuais continuariam a sofrer perseguição.

No Brasil do século XIX, em meados da década de 1880, a homossexualidade passou a ser considerada além de pecaminosa, também como uma doença. Pessoas que tivessem uma performance diferente da considerada natural à época eram rechaçadas: aos homossexuais homens, eram fixadas a passividade e a prostituição como características sobressalentes (Del Priore, 2005/2006). É o período que Foucault (1976/2014) sinaliza como sendo a apropriação da ciência sobre os corpos.

No Brasil império, a partir do novo código criminal de 1830, as práticas de sodomia deixaram de configurar crime, porém passaram a se enquadrar em outros atos criminalizáveis para a época, como o de ofensa à moral e aos bons costumes e de atentado ao pudor, de forma que as pessoas que praticassem atos sodomitas responderiam à sociedade tanto no âmbito legal quanto religioso. A polícia aliava-se à moralidade da época e assumia a responsabilidade pela preservação dessa moral na sociedade brasileira (Green, 2012; Pretes & Vianna, 2008; Santos, 2013; Trevisan, 2000). Desta forma, apesar de descriminalizado o ato da sodomia, os relacionamentos homossexuais ainda estavam longe de serem tolerados socialmente.

Segundo Del Priore (2005/2006), os rituais de namoro entre os homossexuais, entre os séculos XVII e XVIII no Brasil, se davam da mesma forma que entre os heterossexuais. Havia troca de presentes e cartas de amor, convites para ir até os bananais – lugares no meio da mata

onde era comum se manter relações sexuais às escondidas da sociedade – e até algo que seria equivalente a andar abraçados ombro a ombro (Del Priore, 2005/2006). O diferencial é que neste período as práticas homossexuais eram condenadas, correndo o risco de caírem na Inquisição. Apesar disto, havia os mais ousados, que escancararam seu interesse por outro homem diante de todos (Del Priore, 2005/2006).

Entretanto, recuperar informações sobre os relacionamentos amorosos homossexuais é uma tarefa dificultosa que envolve riscos, uma vez que as ideias e perspectivas sobre a própria vida e o mundo foram se modificando ao longo da história e os registros a respeito desses são escassos e advêm em grande escala da Inquisição e de processos movidos pelo Estado (Del Priore, 2005/2006; Mott, 1986). Del Priore (2005/2006) destaca que os modos de se relacionar de nossos antepassados são diferentes daqueles de hoje, devendo-se tomar o cuidado para não buscarmos encaixar nossas perspectivas contemporâneas nas épocas pregressas, ao fazer o resgate dessas vivências dos relacionamentos amorosos. Ainda segundo Del Priore (2005/2006), resgatar os relacionamentos homossexuais ao longo do tempo é seguir rastros deixados na escassez dos documentos, lamentar os registros perdidos na oralidade e demarcar que muitos sequer chegaram a ter seu conhecimento público. Em concordância à raridade dos escritos sobre o amor homossexual ao longo da história do Brasil, Mott (2003) marca que ainda é raro que homossexuais escrevam suas próprias histórias de amor e, em especial em primeira pessoa, demarcando a vivência do sentimento que é comum a todos e motivo de orgulho e reconhecimento social: o amor.

Nesse sentido, Green e Polito (2006) atentam para o fato de que as produções sobre a homossexualidade masculina ao longo da história do Brasil não foram escritas pelos próprios homossexuais, mas pelos que tinham autoridade e produziam conhecimento sobre esse grupo populacional, a exemplo do poder clerical (Mott, 1986). E mais: os alvos das produções e investigações sobre o fenômeno da homossexualidade foram os homens pobres e moradores

das periferias, enquanto os homossexuais da classe média passavam longe da brutalidade policial e das instituições científicas. Tal fato é muito significativo quando nos deparamos com a raridade de descrições nas publicações acadêmicas dos relacionamentos amorosos entre homens, ainda que depois de 1870.

Tendo em conta as produções científicas e os registros policiais, por exemplo, que versavam sobre o caráter de criminalidade e de doença que marcaram os homens homossexuais ao longo da história do Brasil, os relatos sobre os relacionamentos homossexuais seriam mais bem descritos a partir das obras de literatura, as quais eram constantemente censuradas pelo seu caráter devasso (Green & Polito, 2006). Como exemplo desse caráter devasso, Green e Polito (2006) nos apresentam um trecho do conto *O menino do Gouveia*, de Capadócio Maluco, publicado em 1914 e considerada a primeira publicação homoerótica pornográfica do Brasil:

Estendido junto a mim na cama suspirava do *chateau*, depois de ter sido enrabado duas vezes, tendo na mão macia e profissional a minha respeitável porra, em que fazia umas carícias aperitivas, o menino do Gouveia, isto é, o Bembem, contou-me pitorescamente a sua história com todos os não-me-bulas de sua voz suave de puto matriculado [...] (Maluco, 1914, como citado em Green & Polito, 2006, p. 38).

Esse trecho nos direciona ao fenômeno da prostituição, que muito caracterizou a população de homens homossexuais ao longo da história do Brasil, sendo um dos motivos pelos quais eram criminalizados os atos sodomitas, e ao caráter considerado devasso, termo que era utilizado para descrever os relacionamentos entre homens, mesmo sendo raros tais relatos. A visão estritamente pejorativa sobre a homossexualidade começou a ser modificada quando surgiram as publicações jornalísticas, sendo que algumas delas foram redigidas por pessoas homossexuais (Green & Polito, 2006). Como exemplos, podemos citar o jornal *Snob* que circulou entre 1963 e 1969 e foi considerado o primeiro jornal homossexual do Brasil e o jornal *O Lampião da Esquina*, que circulou entre 1978 e 1981. Enquanto o primeiro foi marcado por

um colonismo social, o segundo voltou-se a uma discussão dos direitos das minorias, especialmente da população homossexual (Lima, 2001).

Os registros científico-acadêmicos e a literatura romancista dos séculos XIX e XX são largamente destacados e marcados por algumas obras, como, respectivamente, *A história da sexualidade* de Michel Foucault, em seus três volumes: *História da sexualidade I: A vontade de saber* (1976), *História da sexualidade II: O uso dos prazeres* (1984), e *História da sexualidade III: O cuidado de si* (1985) e o romance *Bom-crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, que retrata um envolvimento homossexual no final do século XIX. Embora não visto com bons olhos, encontravam-se na literatura algumas descrições de romances cuja principal característica era a proibição das práticas homossexuais, coroadas com seu final trágico de impossibilidades (Del Priore, 2005/2006).

A partir de Del Priore (2005/2006) e da leitura da autora sobre os relacionamentos homossexuais no decorrer dos séculos XIX e XX, compreendemos que o romance *Bom-crioulo* é uma demarcação da vivência do que a autora qualificou como amor trágico e impossível entre homens - nesse caso, entre um homem preto (Amaro) e outro branco (Aleixo). As características dos relacionamentos homossexuais são expressas no desfecho da história, em que, após ter vivenciado um amor livre com Amaro (o bom-crioulo), Aleixo o deixa para ficar com Carolina e, por conseguinte, cheio de ciúmes, Amaro mata seu amado Aleixo. Para Del Priore (2005/2006), com base na tradição da época, é possível entender que ambos são vítimas do amor trágico, traído e impossível. A autora nos evidencia que durante o século XX, até pelo menos os anos 1960, as relações entre pessoas do mesmo sexo ainda eram vividas às sombras. Sob o conhecimento médico e religioso, pessoas com orientação homossexual eram submetidas a tratamentos os mais variados, causando-lhes sofrimento e demandando que literalmente se escondessem para que não fossem isolados nos hospícios psiquiátricos, por exemplo, um dos métodos de tratamento na época.

Em meados do século XX, era comum que homossexuais migrassem de suas cidades para cidades grandes, não só pela busca de emprego, mas também em fuga da pressão social e familiar e em busca de liberdade de ser (Del Priore, 2005/2006), porém, essa liberdade tinha local para acontecer. James Naylor Green (2000) e Mary Del Priore (2005/2006) nos indicam alguns dos lugares frequentados por jovens homossexuais em sua vida noturna por volta de 1940; no Rio de Janeiro, um trecho de Copacabana. Em São Paulo, Paribar e Barba-Azul são os bares mencionados. Estes, segundo os autores, eram lugares frequentados pelos mais diversos públicos e apontados como ambientes sem preconceitos. Aos homossexuais, o cinema Art-Palácio e os banheiros nos largos do Arouche e Paiçandu, em São Paulo, por exemplo, eram alguns dos locais destinados a encontros furtivos, longe dos olhares da sociedade.

Apesar de identificados como locais sem preconceitos, onde travestis e homossexuais circulavam livremente, as manifestações de carinho, afeto, amor ou mesmo *fechação* – termo utilizado para designar o envolvimento sexual –, eram coibidas (Del Priore, 2005/2006). Ainda assim, foi expressiva a apropriação de pessoas LGBT destes nichos específicos do espaço urbano (Green, 2000). Essa apropriação teve função nos modos de se relacionar de homens gays. Mesmo que tais espaços fossem reconhecidos e direcionados ao público LGBT, não se podia ter contato afetivo a céu aberto: era necessário esconder-se.

Predominantemente para homens homossexuais, era necessário frequentar esses espaços públicos para encontrar alguém com quem se relacionar. As possibilidades se davam nas pensões e bordéis onde eles poderiam levar seus parceiros casuais (Gatti, 2000). Independentemente de qual característica/performatividade o homem do mundo homossexual apresentasse, todos aqueles que tinham práticas homoeróticas compreendiam o ‘mapa moral’ das cidades: onde encontrar outros homens, onde ter relações sexuais, como se portar nesses locais, assim como as regras que regiam suas relações eróticas e sexuais (Fry, 2000).

Em artigo publicado por Rios (2008), encontra-se o quanto os centros urbanos ainda são espaços utilizados por alguns homens para os relacionamentos homossexuais, especialmente para aqueles cuja sexualidade e orientação sexual ainda estão permeadas por questionamentos. No trabalho de Rios e nas articulações das falas de seus participantes, é possível compreender que os relacionamentos homossexuais entre estes homens que frequentam os centros urbanos se davam em forma de um jogo de olhares entrecruzados, pois, de modo discreto, seria por meio da fixação dos olhares que se reconheceria o interesse de outro homem. Essa associação entre os centros urbanos e as buscas e as práticas de envolvimento sexual tem correlação com a questão dos relacionamentos homossexuais que não eram, e ainda não são, bem-vistos e que tem sido necessário, ao longo dos últimos anos, lutar para o reconhecimento e visibilidade social dos relacionamentos entre pessoas LGBT.

O movimento anarquista no século XX, por exemplo, e a bandeira do amor livre por ele levantada, poderia ter sido identificado como um movimento em prol da liberdade de todos, inclusive da população LGBT, haja visto que o movimento anarquista reclamava a favor da liberdade do amor e das reconfigurações amorosas por meio dos divórcios, levantando críticas às relações monogâmicas tão valoradas, dentre outros. Por esse ângulo, poderia se pressupor, a partir dessas informações, que as relações homossexuais teriam tido esse movimento em seu favor; entretanto, a requisição do amor livre era voltada à Igreja e ao Estado, que ainda insistiam em controlar o relacionamento entre homem e mulher. Uma das lutas dos anarquistas era que homens e mulheres pudessem demonstrar suas emoções livremente, porém ainda sem alusão aos homossexuais (Del Priore, 2005/2006).

É somente a partir da segunda metade da década de 1970 que os então nomeados ‘enrustidos’ começaram a ter atuação política e a falar de seus amores (Del Priore, 2005/2006). No sentido dos movimentos e das articulações em prol da visibilidade e da afirmação dos laços homossexuais, os jornais *O Snob* e *O Lampião da Esquina*, anteriormente citados, tiveram

grande contribuição para a discussão social e política da homossexualidade; dentre eles, *O Lampião* foi o que ganhou mais notoriedade. Criado no período da ditadura militar, foi um veículo de informação crítico, pluralista e partidário, que deu voz aos gays e às mulheres, dentre outras minorias (Ferreira, 2010).

Na segunda metade da década de 1970, no início de um cenário de abertura política e com o desenvolvimento da primeira onda do movimento homossexual no Brasil, o grupo Somos, em parceria com outros grupos organizados, começa a campanha pela despatologização da homossexualidade (Carneiro, 2015; Facchini, 2003). Além do Somos, foi criado o Grupo Gay da Bahia (GGB), com amplo destaque no cenário do movimento homossexual brasileiro. O GGB surgiu na década de 1980, no início da chamada segunda onda do movimento homossexual brasileiro. Tanto ele quanto o grupo Somos tiveram vasta articulação e contribuição no cenário político da luta por direitos aos homossexuais (Facchini, 2003).

Todavia, sobre os movimentos homossexuais, cabe um adendo: o que conhecemos hoje como movimento LGBT teve sua origem como movimento homossexual e, ao longo da sua trajetória, foi incorporando novos arranjos em sua composição e, por conseguinte, na sigla que representa o movimento. Nesse percurso, tivemos as denominações de: movimento homossexual, movimento de lésbicas e gay, movimento gay, lésbicas e simpatizantes (GLS), movimento lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT), até chegar em configurações mais atuais, tal como LGBT ou LGBTI+, LGBTQI e LGBTQIA⁷, apontando para a variedade de possibilidades de identificações e orientações sexuais na atualidade.

Apesar da diversidade de olhares e de perspectivas que incidiram sobre a homossexualidade no Brasil, acreditamos que, a partir da emergência dos movimentos homossexuais, ocorreram mudanças significativas não antes vistas no país quando o assunto é

⁷ As demais letras e símbolos agregados à sigla LGBT têm como intuito a inclusão de outros grupos de orientação sexual e de gênero. No entanto, parece não haver consenso sobre sua utilização destas.

a homossexualidade. Acontecimentos como as ondas do movimento, a promulgação da constituição e - com ela - seu artigo que versou sobre a proibição da discriminação por origem, raça, sexo, cor e idade, o posterior projeto de lei que objetivava a regulamentação da união homossexual, o aumento da oferta de bens e serviços voltados especificamente para esse público, as paradas do orgulho LGBT, dentre outros eventos que datam da década de 1990, são considerados rearticulações sociais importantes e que contribuíram para, gradualmente, a maior inserção social dessa população (Ramos & Carrara, 2006).

2.3 A influência da heteronormatividade em relacionamentos homossexuais na história do Brasil

Muitas das características da homossexualidade detectadas nos períodos históricos tratados são, também, características presentes nos relacionamentos homossexuais da atualidade: a submissão do homem sexualmente passivo e a performance mais máscula do homem sexualmente ativo são, por exemplo, reproduções do padrão heteronormativo vigente. Tais características atribuídas às homossexualidades são suscetíveis a questionamentos, uma vez que muitas vezes são utilizadas de forma generalizada. Essa heteronormatividade, caracterizada por uma rigidez de papéis considerados dicotomicamente masculinos e femininos nas relações heterossexuais, também foi incorporada nas relações homossexuais. É nesse sentido que Del Priore (2005/2006) explica que já era esperado das relações homossexuais que uma pessoa desempenhasse uma performance dita feminina e a outra uma performance masculina. Neste ponto, mais uma vez, existe uma preconceção da forma feminina de amar e masculina de amar, do exercício do afeto segundo esses moldes.

O que faz um homem ser mais afetivo que outro? É a expressão de afeto pelas vias tidas como femininas no sentido de cuidado? A reprodução da heteronormatividade nesse percurso histórico incidiu na subjugação da homossexualidade e dos comportamentos considerados

como desviantes. Pensar as relações homossexuais com base nas relações heteronormativas é inferir que haja no relacionamento homossexual alguém que faça o papel da mulher e alguém que faça o papel do homem na relação, compreendendo o papel da mulher como aquela que cuida e expressa afeto e do homem como aquele que dá estrutura para o relacionamento, sustenta, por exemplo. O interessante é que esses mesmos papéis têm sido revistos inclusive entre casais heterossexuais hoje em dia quando homens ficam em casa cuidando dos filhos e mulheres saem para trabalhar. Não seriam esses papéis fluidos entre os gêneros, mesmo em casais heterossexuais?

Green (2000) identificou que no início do século XX a formação de relacionamentos homossexuais se dava de forma a reproduzir o padrão heterossexual. Nas palavras do autor: “outros homens desse período reproduziram essa visão bastante difundida, mas não exclusiva, de que os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo só podiam se desenvolver quando papéis rigidamente definidos de homens masculinos ‘ativos’ e homens femininos ‘passivos’ fossem desempenhados” (Green, 2000, p. 137).

Apesar de a homossexualidade durante o século XX ter sido alvo de atribuições sociais pejorativas, as configurações dos relacionamentos homossexuais que se adequassem aos papéis de gênero expressados nas relações heterossexuais foram tendo melhor aceitabilidade social. Essa aceitabilidade não necessariamente é vista como algo favorável na medida em que o enquadramento da homossexualidade nos padrões heteronormativos oculta a diversidade sexual existente.

Nesse resgate da historicidade da homossexualidade, identifica-se que ao homossexual másculo atribuíam-se o papel ativo na relação, e ao homossexual efeminado, a passividade, de modo que estas atribuições corroboraram o enaltecimento do papel masculino – ativo – e a degradação do papel feminino passivo, nos relacionamentos homossexuais. Aqueles que desempenhavam o papel ativo eram tidos como os homens verdadeiros, portadores da

sexualidade normativa, enquanto aos passivos, submissos e efeminados, restava o status pejorativo de bicha (Fry & MacRae, 1986; Rios, 2008). Os papéis desempenhados por aqueles considerados os homens verdadeiros, machos e viris, e pelas bichas, homens efeminados, seriam condizentes com o modelo advindo da relação heterossexual e heteronormativa.

As características de efeminado ou másculo influenciaram os relacionamentos homossexuais como formas relevantes de validação da relação. Identifica-se, nesses casos, um preconceito interno da comunidade homossexual, que reproduzia um padrão de performatividade em função da validação social dos papéis que eram desempenhados em seus relacionamentos; aquilo que fugia do padrão heterossexual, ou seja, do papel de homem e mulher na relação, se tornou motivo de censura. A passividade sexual – vinculada ao papel da mulher – é uma questão relacionada à dominação do gênero masculino nos relacionamentos tanto hetero quanto homossexuais. Isso evidencia, na homossexualidade, que a suposta inferioridade de homens gays estaria também vinculada ao papel de gênero exercido pela mulher ao longo de nossa história.

Segundo Vainfas (1989), a função passiva – definida como característica da mulher –, ao ser incorporada pelos homens homossexuais foi representada como um “abrir mão” da suposta superioridade masculina e da própria honra, fazendo-se motivo de escárnio. Sendo assim, a posição de passividade foi socialmente alvo de maior crítica do que a própria homossexualidade. Por sua vez, a passividade nas relações homossexuais parece não só suscetível de inferioridade, mas um tanto ameaçadora à supremacia da masculinidade. Em decorrência dessa valorização excessiva do homossexual másculo nas relações homossexuais em detrimento do homem efeminado – reprodutor de padrão do que se identifica culturalmente como feminino – nota-se que, mais do que uma questão de orientação sexual, o problema diz respeito ao modo como as mulheres são compreendidas socialmente. O que se desvaloriza é, portanto, a mulher, e tudo a que a ela se assemelha se torna o centro da desvalorização,

configurando um processo que se constitui para além de uma reprodução da heteronormatividade nas relações homossexuais, mas se caracteriza em seu cerne, como uma questão de gênero, de misoginia.

A literatura aponta, ao longo da história do Brasil, o desejo de homens declaradamente homossexuais efeminados por homens ditos de verdade, másculos, casados com mulheres e com filhos (Green, 2000). Sendo passível de observação que nestas relações de desejo há uma valorização de uma forma específica de masculinidade, o homem que é mais homem é o alvo das bichas justamente por conta desta representação (Del Priore, 2005/2006). Essa busca do homem mais másculo, aliada à depreciação da feminilidade na própria cultura gay, é um traço homofóbico, à medida que menospreza a existência e expressão de homossexuais efeminados, e misógino, visto que subestima a performance feminina.

A sexualidade masculina e, conseqüentemente, os relacionamentos homossexuais, pode apresentar características contraditórias e conflitantes, assim como nomenclaturas distintas quando são comparadas regiões e momentos históricos diferentes. Isso foi exposto por Fry (1982) em uma pesquisa realizada em Belém-PA, onde o autor constatou uma dicotomia entre ativo *versus* passivo, homem *versus* bicha. Ao iniciar sua pesquisa, Fry relata que foi preciso repensar os conceitos que, para ele, definiam o homossexual ou mesmo a homossexualidade. Tais conceitos tinham representações sociais diferentes na periferia de Belém daqueles que ele conheceu a partir de experiências em capitais do Sudeste e dos ideais europeus.

No contexto pesquisado por Fry (1982), homens que mantinham relações sexuais com outros homens preservavam sua posição de másculos no meio social à medida em que assumiam a posição de ativos nas relações. Por outro lado, às bichas, passivas, restava a posição de desviante, já que a norma vigente se fundamentava na regra de que as relações sexuais-afetivas deveriam ser mantidas entre pessoas com diferentes papéis de gênero. Desse modo, o considerado incorreto ou disruptivo, dentro do cenário homossexual, não era necessariamente

dois homens se relacionando, mas casais que mantivessem a performance de gênero: homem e homem ou bicha e bicha. Portanto, os relacionamentos que poderiam ser considerados corretos seriam os que reproduzissem os papéis de gênero comum à relação heterossexual (Fry, 1982). Inclusive, a bicha passiva e efeminada descrita por Fry pode também invisibilizar existências como de uma mulher trans, por exemplo, especialmente por considerarmos que a transexualidade naquela época - e até hoje - era rejeitada e ocultada socialmente.

Embora alvo de críticas, o pensamento de Fry (1982) contribuiu para a compreensão de uma estaticidade vigente sobre a compreensão das sexualidades, onde a compreensão europeia sobre o homossexual masculino foi generalizada. Fry utilizou em seus trabalhos a representação do gay europeu enquanto a cultura identitária possível para a sexualidade homossexual na conjuntura brasileira, excluindo outras formas de subjetividades homossexual, a exemplo da bicha, como critica e argumenta Zamboni (2018). Para este último, a “bicha não se constitui como em uma identidade reconhecível para as lutas da diversidade sexual” (p. 2) quando se tem a cultura gay como representante das formações identitárias homossexuais.

Ao nos debruçarmos sobre essa variedade de configurações nos relacionamentos homossexuais, conseqüentemente nos remetemos às relações heterossexuais, na medida em que os primeiros se engajam nos relacionamentos mantendo os papéis que seriam caracteristicamente masculinos e femininos. Ainda hoje, passados anos e com muitos direitos alcançados, é possível perceber que entre homens homossexuais ainda há uma supervalorização da masculinidade atrelada à virilidade. Isso se mostra, por exemplo, em homens que fazem sexo com outros homens, mas mantêm relacionamentos heterossexuais a fim de preservar seu papel social de homens masculinizados, viris, ativos. Destarte, com o avanço do movimento homossexual brasileiro por volta da década de 1970, não apenas os direitos passaram a ser discutidos, mas as reproduções da cultura heteronormativa pela população homossexual e seus reflexos nos modos de como ela se relaciona.

No percurso histórico traçado neste capítulo, podemos identificar que incidiu sobre a homossexualidade uma apropriação de saberes e de verdades que buscavam impor aos homossexuais um modo de ser e de se relacionar que foi proibido por não se adequar à normativa religiosa-cristã e estatal da reprodução, da mesma maneira que foi normatizado no molde dos relacionamentos gendrados dos casais heterossexuais. Essa normatização é marcada pelos papéis de homem e de mulher, os quais foram incorporados pelos relacionamentos homossexuais, e cuja performatividade demarcou em alguns períodos o que era o relacionamento correto e o incorreto: homem, penetrante, viril; mulher, penetrada, submissa. Ou seja, conseqüentemente: homossexual ativo, másculo; homossexual passivo, efeminado.

A genderização que delineia o homossexual passivo destina a ele um lugar socialmente considerado inferior nas práticas homossexuais, pois o homem, ao ser passivo, teria sua masculinidade questionada. Nesse mesmo sentido, pode-se interpretar que, de algum modo, também ocorria na Grécia Antiga, onde o homem passivo era o aprendiz, submisso, e que ainda ocorre de forma semelhante a como se dá nas práticas heterossexuais com a subjugação da mulher, também colocada como ocupando uma posição de submissão. Ora, se a passividade do homossexual em um dado período remetia à sua ingenuidade e inexperiência, a ponto de um homem mais velho ter que iniciá-lo, por que ainda se mantém a visão de inferioridade do homossexual passivo e efeminado? E o que ainda mantém os papéis sociais gendrados? As respostas podem ser as mais diversas: o patriarcado, a heteronormatividade, o falocentrismo, a misoginia, dentre outros que são rigorosamente pareadas às ideias de papéis sociais referentes aos homens e às mulheres, assim como questões atreladas às subjetividades, que exigem, porém, reflexões mais aprofundadas.

Mesmo que os séculos tenham avançado e os anos transcorrido, particularidades de realidades longínquas, como a supracitada na Grécia e Roma ou o Brasil da década de 1970/80, ainda estão muito presentes na atualidade. Logo, é importante e necessário que sigamos no

sentido de não apenas criticar a heteronormatividade vigente, porém de contestar a hierarquização dos gêneros que se originou por meio da supremacia do gênero masculino.

Além disso, é importante ter um olhar crítico sobre o que se tem produzido de literatura sobre a homossexualidade nos diversos períodos da história. Por mais que o conhecimento científico tenha avançado na contribuição para desmistificar a homossexualidade, alguns registros, especialmente documentos mais antigos que tratam sobre a homossexualidade ao longo da história, têm conotação bastante pejorativa. Tais registros manifestam um forte caráter colonizador que podem nos fazer reproduzir um modelo de homossexualidade que não mais cabe na atualidade e que está em constante transformação; ou mesmo com o debate maior acerca da homossexualidade, percebemos que tem se formado uma lacuna nesta temática: o debate acerca da afetividade e do amor, porém que saia do contexto jurídico de reconhecimento do casal homossexual, bem como saia da lógica dos relacionamentos heterossexuais e da supervalorização do masculino. Nesse seguimento, se faz relevante investigações de maneira mais aprofundada sobre a relação entre a homossexualidade e a misoginia que também foi incorporada no meio homossexual masculino, exemplificada pela supervalorização de masculinidades em detrimento de feminilidades apresentadas por homens homossexuais.

Apesar dos avanços na assimilação social da homossexualidade, para se adequar às normativas da sociedade e tentar fugir dos estereótipos, o viés heteronormativo ainda se apresenta como horizonte de ser relevante. Tal heteronormatividade direcionou não apenas as formas de ser ou de demonstrar ser homossexual, mas as maneiras de os homossexuais se relacionarem. Nesse sentido, com a heteronormatividade pautando os relacionamentos homossexuais, esses últimos, mesmo que tentando adequar-se à norma conservadora, foram marginalizados afetivamente. A tentativa de inclusão no que é socialmente aceito parece gerar sofrimento à medida em que certos papéis e formas de expressar afeto são subjugados em detrimento de outros: só há uma forma de ser homem, só há uma forma de amar. Nesse sentido,

quem não se adapta fica marginalizado e por isso sofre; e quem se adapta também sofre. Tal marginalização foi evidenciada inclusive pelo viés legal, mantendo-se hierarquicamente inferiores às relações heterossexuais (Arán & Corrêa, 2004).

3 Algumas considerações quanto a negritude

Neste capítulo realizaremos algumas considerações a respeito da questão da negritude. É importante demarcar que, embora não tenha sido objetivo inicial desta pesquisa, a problemática negra desvelou-se ao longo do estudo de caso sobre a experiência de um homossexual negro, de modo que surgiu a necessidade de apresentarmos algumas considerações sobre a perspectiva racial para lançarmos luz à melhor compreensão acerca do fenômeno estudado. Pontuamos que a pesquisa, apesar do seu delineamento inicial, se faz e se refaz ao longo do seu processo de construção. É no contato com o tema pesquisado que o pesquisador tem a possibilidade de abrir novos caminhos que se fazem importantes para a compreensão do fenômeno.

3.1 O negro do período colonial aos dias atuais

No Brasil, os negros chegaram como escravos no período da colonização, o que trouxe consequências para essa população que ecoam até os dias de hoje. Para Lilia Schwarcz (2019), [...] a escravidão foi bem mais que um sistema econômico: ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez de raça e cor marcadores de diferença fundamentais, ordenou etiquetas de mando e obediência, e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por uma hierarquia muito estrita. (p. 27-28)

Mesmo após a abolição da escravatura, não houve ações compensatórias nem para os senhores - que perderam sua mão de obra barata, nem para os escravos que se tornaram livres, mas sem possibilidade de estudo, de terras e com sua cultura destroçada. Com o suposto fim da escravidão, foi necessário criar um outro modelo que pudesse ainda manter a população branca privilegiada e hierarquicamente superior à população negra e demais etnias não brancas. O surgimento de teorias baseadas na biologia ditas darwinistas raciais ganhou espaço a fim de autenticar a superioridade da branquitude: “segundo tais modelos científicos, os homens

brancos e ocidentais ocupariam o topo da pirâmide social, enquanto os demais seriam considerados inferiores com potencialidades menores” (Schwarcz, 2019, p. 30).

Nkosi (2014) enfatiza que o negro é predominantemente reconhecido em sua condição corpórea: é o símbolo da superioridade corporal que é inversamente proporcional à sua capacidade intelectual. Relacionado à sua superioridade corporal, Nkosi (2014) exemplifica que ao ser reconhecido em sua performance corporal/sexual, o homem negro tem omitida a sua possibilidade de ter sua humanidade reconhecida em outras instâncias:

Em uma sociedade racista, o homem negro traz a escravidão impressa em seu corpo e com ela os diversos atributos associados aos criados supermasculinos. O negro, mesmo que não saiba disso, mesmo que tente buscar outras significações e corporeidades, será visto e terá que de uma forma ou de outra dialogar com estas expectativas. (Nkosi, 2014, p. 81)

Nesse sentido, independentemente da troca de regimes, manteve-se o abismo entre brancos e negros no período pós-escravagista. Uma diferença interracial que não apenas não superou a cor da pele, mas seguiu mantendo uma distância entre as raças em relação ao seu papel social, de exclusão e invisibilidade dos poucos negros que, apesar de todas as dificuldades, conquistaram qualquer tipo de destaque intelectual, político etc. Enquanto negros eram escravos e brancos seus senhores, a hierarquia entre as raças era clara. Conforme os negros foram conquistando direitos e posições um pouco melhores na sociedade, o racismo tornou-se a garantia de que o abismo entre brancos e pretos fosse mantido.

Para Fanon (1952/2020), o resultado da influência europeia e branca sobre os negros foi de um “desvio existencial” (Fanon, 1952/2020, p. 27). Souza (2021) cita Fanon (1970) quando este evidencia a incapacidade de ação do negro enquanto sua valorização depender do Outro branco: “o negro deixa de se comportar como indivíduo capaz de ação. A finalidade de

sua ação, então, será Outro (na forma de branco), porque somente o Outro pode valorizá-lo”⁸ (Frantz Fanon, 1970 apud Souza, 2021, p. 197). Souza (2021), em *Tornar-se negro*, trata das experiências de pessoas negras no processo de autoaceitação, autoidentificação e reconhecimento como pessoa diante daqueles que outrora não os legitimavam (as pessoas brancas). Citando Florestan Fernandes⁹, a autora explica: “[...] o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de ‘tornar-se gente’” (Souza, 2021, p. 46). Nkosi (2014) afirma que dificilmente, quando queremos eleger atributos positivos aos negros ou africanos, ultrapassamos essas prerrogativas racializadas criadas pela sociedade colonial. O racismo destitui a humanidade do negro, conferindo-o à posição de objeto (Soares, 2021).

Na contramão de uma sociedade que se agarra ao racismo como uma garantia dos privilégios brancos datados do Brasil colonial, o ativismo negro cresceu e ainda resiste em inúmeras frentes, lutando por igualdade de direitos e inclusão. Cada vez mais movimentos unificados negros vão se dividindo e encontrando suas vertentes em busca de direitos e inclusões mais específicas. A partir da Carta Magna de 1988, o ativismo negro conquistou direitos relacionados à adição da cultura afro-brasileira em sua autenticidade como patrimônio cultural e a criminalização do racismo. Em 2002, iniciou-se o debate público de políticas compensatórias que resultou, em 2010, na inclusão de cotas raciais em instituições federais (Schwarcz, 2019).

Apesar de termos conhecimento do movimento negro como um precursor de levantes em prol da população negra, hoje podemos confirmar que não existe apenas um movimento, mas vários. Podemos citar os movimentos de feministas negras e o de negros LGBT como o Coletivo Afrobixas, tema da pesquisa de Silva (2017) sobre o lugar social de bixas pretas que se debruçou a compreender histórias de vida e a formação humana de negros homossexuais.

⁸ Referência à obra de Frantz Fanon *¡Escucha blanco!* publicada em Barcelona pela editora Nova Terra, em 1970.

⁹ Referência à obra de Florestan Fernandes *A integração do negro na sociedade de classes*, publicada em São Paulo pela editora Ática, em 1978.

Cordeiro (2019) questiona o quanto o movimento negro e o LGBT são excludentes quando o assunto é a vivência da bicha preta. Em um dos relatos que Cordeiro (2019) apresenta há a fala sobre o movimento negro ser conduzido por homens heteros e o LGBT por pessoas brancas. Em consonância a isso, Oliveira (2018) afirma que o movimento de negras e negros segue reproduzindo repressões e silenciamentos daquilo que é inferior ou menos importante para os homens cis e heterossexuais que costumam estar na vanguarda destes movimentos. Para a autora, “o Movimento Social de Negras e Negros estaria a serviço da normatização e normalização da cis heterossexualidade” (Oliveira, 2018, p. 168).

Soares (2021) buscou discutir as percepções de homens negros sobre os arquétipos da consciência coletiva de homens gays a respeito do corpo do negro LGBTQIA+; ele também questiona sobre o espaço para a afetividade em relação ao homem negro entre os homens gays. Sob a perspectiva dos estudos decoloniais, o autor vem discutindo a perspectiva imagética que homens negros gays possuem diante da sociedade, especialmente para outros homens gays. Segundo ele,

A estrutura imagética do homem negro que povoa o imaginário de alguns homens gays parte do princípio que ele sempre será: viril, másculo, sexualmente inesgotável, forte e “bem dotado” (no que diz respeito ao tamanho do seu pênis). Essas características dispensam quaisquer outras, como: afetividade, cultura, educação, dentre outras. Em suma, o homem negro é percebido como um objeto sexual ou um escravo sexual para cumprir o papel de satisfazer os desejos daqueles que o procuram. (Soares, 2021, p. 79)

Soares (2021) associa ao período escravagista à expectativa de homens gays sobre homens negros serem viris e de pênis avantajado. No mesmo período, era comum que pretos(as) fossem alvos de violências sexuais e se tinha a compreensão que esses atributos físicos eram o que definiam e categorizavam os homens negros em uma comunidade. Soares

(2021) tem como uma de suas conclusões que a consciência coletiva de homens gays hipersexualiza o corpo de homens pretos.

Queiroz (2021) sustenta que, no imaginário social, o corpo negro por si só já é sinônimo de masculinidade, ao mesmo passo que a homossexualidade masculina é associada à feminilidade, se entrelaçando na experiência do homem homossexual negro. Queiroz também lança luz para a necessidade de compreensão da intersecção entre raça, homossexualidade e masculinidade no processo de construção do que ele entende como identidade de homens negros gays.

Zago (2009), em sua pesquisa sobre masculinidades gays na internet, nos aponta para a existência de uma diversidade de masculinidades, mesmo que se predomine a masculinidade máscula e viril atrelada ao comportamento heterossexual. Ele cita “a masculinidade hegemônica será aquela que atende com êxito a reivindicação à autoridade sobre as feminilidades e as demais formas de ser homem em um contexto histórico, cultural e político” (p. 152), de modo que a masculinidade valorizada entre os homens homossexuais é aquela que se adequa à heteronormatividade.

Para Queiroz (2021),

A hiper sexualização do corpo negro e sua animalização resultaram numa concepção generalizada de sua sexualidade, na qual um corpo negro masculino necessariamente deve exercer uma hipermasculinidade marcada pela exacerbada virilidade, além de uma constante necessidade sexual. Portanto, qualquer outra expressão ou performance de masculinidade que não corresponda à noção generalizada, frequentemente, causa a homens gays negros, em diferentes graus, um sentimento de rejeição vindo de seu(s) grupo(s) de sociabilidade. (p. 4)

Anteriormente, mencionamos a importância de homens gays escreverem sobre suas trajetórias e histórias. Nesse sentido, é instigante como Queiroz (2021) constrói sua pesquisa e

seu texto, considerando sua própria imersão e pertencimento ao grupo pesquisado, utilizando para isso a autoetnografia, assim como fizeram Souza e Rabinovich (2019) sobre ser professor negro e gay:

Mundell (2017) expõe que

a masculinidade do homem negro tem sido e continua sendo, tanto pelas sociedades ocidentais e ocidentalizadas quanto pelas academias delas, sistemática e violentamente reduzida aos confins do seu corpo e, por extensão, simbólica e, às vezes, literalmente ao seu sexo: seu pênis. (p. 3)

Ademais, Mundell (2017) afirma que “[...]a construção da masculinidade branca é realizada pela destruição da masculinidade negra [...]” (p. 3).

3.2 Negritude e homossexualidade

Felipe e Takara (2018) nos indicam que

A maioria da literatura acadêmica que se dedica a tratar das temáticas gays, a visibilidade de corpos e práticas homossexuais entre homens ou os lugares possíveis das práticas sexuais, por muito tempo localizou o corpo negro como distante da homossexualidade. (p. 80)

Todavia, sabemos que o corpo negro não é dotado de masculinidade ou qualquer outra característica performativa de maneira inata. Caminhando por este percurso, entendemos que estudos que fazem uma intersecção entre os temas da homossexualidade masculina e questões de raça ainda são escassos nas produções brasileiras. Megg Rayara Oliveira (2017) atribui essa escassez aos poucos pesquisadores homossexuais, negros, gays afeminados, viados e bichas nas universidades brasileiras (Oliveira, 2017). A autora, ao evidenciar esse dado relevantíssimo, chama ainda a atenção para a quase inexistência de estudos com a intersecção entre relacionamento amoroso, homossexualidade masculina e raça. Neste seguimento, Souza

(2021) também chama a atenção para a necessidade de estudos que versem sobre a vida emocional dos negros. Embora a temática do relacionamento amoroso nessa intersecção seja mais escassa, pontuamos o aumento do número de pesquisas na relação entre homossexualidade masculina e a negritude. Apresentaremos algumas delas.

Wenderson Oliveira (2022), em *Quem tem medo da bixapreta professora? – (r)existência(s), música(s) e educação* - com uma escrita emponderada e muito nítida -, nos conta como a bicha preta foi sendo construída socialmente, em oposição à heterossexualidade normativa e sob efeito de agressões. Wenderson Oliveira, que usa o pronome feminino para referir a si, cita as próprias experiências no contexto escolar quando como bicha foi nomeada e alvo de zombarias de colegas; zombarias que perduraram inclusive durante sua formação de professora: ela denuncia o quanto o racismo e a LGBTfobia estão presentes no contexto escolar. Oliveira entende que a norma binária, cis heterossexual e branca exercem poder sobre o corpo da bicha preta e imposição de subjetividades de submissão. Para ela, “somos, de certa forma, ensinadas a ter raiva de nós mesmas. Rejeitamos o autoamor como fonte regeneradora de nossas feridas coloniais, aplicamos culpa no lugar dele” (Oliveira, 2022, p. 85).

Se tratando de violências sofridas por homossexuais nos relacionamentos afetivo-sexuais, Ferrari, Nascimento, Nogueira e Rodrigues (2021) abordam que uma pessoa homossexual está sujeita a sofrer homofobia da infância à vida adulta; tais violências são de diversos tipos, como sexual, física, psicológica e institucional. Todas elas têm raízes em concepções heteronormativas que compreendem a masculinidade heterossexual como única aceitável e à medida que um menino/homem não se enquadra nessa categoria performática está sujeito a sofrer consequências. Entendemos que se torna ainda mais suscetível a violações quando se trata de uma pessoa negra que, além de sofrer com a homofobia, tem o racismo como outra forma de agressão.

Na dissertação intitulada *Afrobixas: narrativas de negros homossexuais sobre seu lugar na sociedade*, Silva (2017) sinaliza uma intersecção entre a experiência de raça e o homoerotismo (termo utilizado por ele). Sobre esse tema, o autor afirma que os relacionamentos amorosos de homens negros sofrem influência de questões não apenas raciais, mas sociais, econômicas e de gênero; frequentemente, há também uma valorização do corpo branco em detrimento do corpo preto. Fanon descreveu relações heterossexuais de negros que se negavam a casar com semelhantes e buscavam no branco algum tipo de realização/validação. Ao falar sobre mulheres martinicanas, cita uma delas: “de minha parte, por nada no mundo eu aceitaria me casar com um negro” (Fanon, 1952/2021, p. 63). Buscava-se nos relacionamentos o branqueamento da raça; qualquer gesto de amor de uma pessoa negra para uma branca ou mesmo de uma branca para uma negra era abominável e nas palavras do autor: “há que se desculpar por ousar propor um amor negro a uma alma branca” (Fanon, 1952/2021, p. 70). Todavia, relacionamentos entre brancos e negros aconteciam desde aquela época e sob os olhos de alguns, especialmente os negros, casar-se com uma pessoa branca seria praticamente embranquecer também. Nas palavras de Neusa Souza (2021),

É a autoridade da estética branca que define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista, em que os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. É ela (a autoridade estética) que afirma: “o negro é o outro do branco”. É essa mesma autoridade que conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros (p. 59).

Thiago Pereira (2022), em sua dissertação sob título *Negro e gay do fetiche à discriminação*, a partir de uma perspectiva sociológica, destaca as violências sofridas pela população de homens pretos e gays. Ele aponta para a “resistência, renascimento e empoderamento” (p. 83) como diretrizes que estão sendo assumidas por essa população a fim

de sobressaírem-se diante do cenário de tantos preconceitos que sofrem. Destaca, também, a importância de se continuar estudando a intersecção entre o racismo e a LGBTfobia; e corroborando com a presente pesquisa, Pereira (2022) afirma que

a cor da pele e a orientação sexual influenciam, significativamente, as relações afetivas, no acolhimento dos movimentos sociais, assim como o acesso à saúde, à educação e aos serviços sociais básicos, reforçando, assim, o ciclo de violências em que o negro gay vem sofrendo no Brasil (p. 84).

A partir da perspectiva sociológica, ele ratifica a objetificação do corpo do homem preto gay, bem como o preterimento deste nas relações afetivas, ou como estamos discutindo neste trabalho: das relações amorosas. Outra contribuição importantíssima de Pereira (2022) - e que faço questão de trazer em suas próprias palavras - é de que “enquanto os gays brancos lutam por igualdade e matrimônio, a realidade para a maioria dos gays negros é lutar pela sua sobrevivência” (Pereira, 2022, p. 85).

Descrevendo uma relação sexual de uma bicha preta às escondidas da sociedade, Queiroz (2021) comenta: “o Eu se deixa para sanar qualquer prazer que venha a ser solicitado pelo Outro da relação amorosa” conotando sobre a escassez de afetividades para esta população, bem como ressalta que o corpo da bicha preta é tido como apenas alvo de investimento sexual (Queiroz, 2021, p. 10). Nesse seguimento, Cordeiro (2019) aponta para a solidão como um dos sentimentos prevalentes vivenciados por bichas pretas.

Felipe e Takara (2018) falam sobre como homens negros gays se colocam no contato com outros homens gays por via dos aplicativos, exaltando seus próprios corpos para consumo ao destacar características como virilidade e pênis avantajado como diferenciais deles. A naturalização está tão arraigada que os próprios homens negros se utilizam dos artifícios de objetificação de seus corpos para tentar desenvolver algum tipo de relacionamento, seja afetivo

ou mesmo sexual. Jesus e Oliveira (2021), por exemplo, expõem como o corpo do homem negro é erotizado, sexualizado e animalizado em contos eróticos homossexuais.

Embora a psicologia tenha se dedicado cada vez mais aos estudos da população de homens negros homossexuais, como podemos perceber, há um predomínio de trabalhos na área da sociologia acerca desta temática. Tais trabalhos trazem em seu bojo a discussão do processo de colonização das etnias e raças de origem africana, bem como o processo de dizimação da cultura e subjetividades da população negra. Em suma, os trabalhos, especialmente os citados nesta pesquisa, discutem a relação entre negritude e branquitude e, por consequência, as interferências desta última na construção das subjetividades negras. Temas como o machismo, as masculinidades e feminilidades, formas de expressão das sexualidades, têm se tornado cada vez mais publicizados.

4 Método

4.1 O método fenomenológico na busca da compreensão das vivências amorosas de homens homossexuais

O presente estudo se propôs à realização de uma investigação fenomenológica, objetivando compreender a vivência de amor entre homens homossexuais. Para isso, buscamos descrever as experiências amorosas; e optamos por eleger o estudo de caso único como um dos componentes do método deste estudo. Para Shaughnessy, Zechmeister e Zechmeister (2012), o estudo de caso “é uma descrição e análise intensiva de um indivíduo único” (p. 290) sob o qual não se tem total controle das variáveis, podendo ser uma opção quando o questionamento da pesquisa versa sobre o como ou o porquê (Yin, 2001). Com o estudo de caso, visamos o aprofundamento do como se deu a vivência do participante Linn, dada a riqueza apresentada em seu relato que intersecciona homossexualidade, raça e condição social. Ainda segundo Yin (2001), a pesquisa de estudo de caso possibilita “preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (p. 21), e o estudo de caso descritivo se vê como uma boa alternativa quando se estuda um fenômeno que se emaranha com o contexto (Yin, 2001).

Nesse percurso, elegemos a pesquisa qualitativa em fenomenologia que, conforme Martins e Bicudo (1989), se dirige para os significados e expressões da vivência das pessoas acerca do fenômeno estudado, descrevendo as experiências e dando ênfase às informações que se apresentem como relevantes para a configuração precisa delas. Complementar a isto, destacamos o que caracterizou Holanda (2002) sobre a pesquisa em psicologia: a busca de um “sentido que comumente chamamos de ‘conhecimento’ ou ainda, que o ato de pesquisar visa atingir o conhecimento em si” (p. 107).

O conhecimento em si, ainda segundo Holanda (2002), faz referência ao acesso que podemos ter da experiência primária, destituída de significados pré-estabelecidos. Ao nos propormos compreender a vivência de amor utilizando-se da pesquisa fenomenológica,

faremos abertura para que a experiência de amar emergja em sua singularidade a partir de um olhar amplo, não reducionista.

Sobre esta singularidade, resgatamos Amatuzzi (2009) ao falar que a pesquisa em fenomenologia (qualitativa) não é passível de se tornar um instrumento para quem faz uso dela, mas é capaz de qualificar o pesquisador a uma postura, diante do fenômeno estudado, que possibilita a compreensão deste. É comum que na pesquisa fenomenológica sejamos surpreendidos por algo anteriormente não previsto, pois, com a epistemologia da fenomenologia e da postura adotada pelo pesquisador, este se abre para diversas possibilidades de interpretações criativas do fenômeno (Andrade & Holanda, 2010).

4.2 A investigação qualitativa

Segundo Holanda (2002), a pesquisa qualitativa surge em um contexto em que os métodos predominantes em psicologia eram os relacionados à pesquisa empírica quantitativa de influência das ciências naturais (empirismo clássico). Este autor nos sinaliza para uma restrição da compreensão dos fenômenos humanos no ato de pesquisar em psicologia, uma vez que os métodos utilizados até então, baseados nas ciências naturais, possuíam uma perspectiva objetivante da realidade investigada. Essa restrição, apesar de ainda existir, tem tido um maior espaço para discussão dentro da área das ciências humanas, possibilitando um outro modo de se fazer ciência, por exemplo, com o avançar das pesquisas qualitativas. Para Holanda (2002),

O qualitativo em psicologia veio para ocupar um espaço: o espaço da interlocução com o humano, o espaço de busca dos significados que estão subjacentes ao dado objetivo, o espaço de reconstrução de uma ideia mais abrangente do que é empírico, um espaço de construção de novos paradigmas para as ciências humanas e sociais (p. 124).

Holanda (2006) elenca dois pontos que podem definir a investigação qualitativa; são eles:

1) A inclusão da subjetividade no ato de investigar, recusando a imparcialidade científica comumente pressuposta em métodos quantitativos, por exemplo;

2) Visão abrangente sobre o fenômeno pesquisado, levando em consideração os diversos aspectos que atravessam e se entrelaçam com os demais fenômenos característicos da natureza humana.

Também nessa direção, Turato (2005), ao abordar sobre as características da pesquisa qualitativa, destaca que “o pesquisador é o próprio instrumento de pesquisa, usando diretamente seus órgãos do sentido para apreender os objetos em estudo” (p. 510), destituído da prerrogativa de qualquer neutralidade.

4.3 A investigação fenomenológica

Husserl, diante de um cenário em que a ciência positivista dominava o campo do saber, e com a queixa de que se estava abandonando o caráter humano e a subjetividade, por meio da fenomenologia buscou recuperar o sentido das experiências retornando às coisas mesmas, ou seja, estudando o fenômeno no modo como ele aparece (Nantes, 2020). Ao contrapor-se ao modelo positivista “explicativo-causal-dedutivo” (p. 56) de apreensão do conhecimento, Husserl inaugura o conhecimento “fenomenológico-descritivo-compreensivo” (Nantes, 2020, p. 56).

De acordo com Sturzenegger et al. (2019),

A fenomenologia de Husserl desconstrói as referências da filosofia positivista e apresenta uma nova atitude de aproximação do objeto de estudo. Ao questionar a filosofia naturalista presa aos fatos dados pela experiência espontânea, não refletida, do mundo exterior, reafirma o conceito de fenomenologia que não faz separações na forma de conhecer, entre o que é objetivo e subjetivo, entre o ser e o aparecer, entre imanente e transcendental (p. 433).

Nessa sequência, a fenomenologia traz em seu bojo a (re)significação das vivências mundanas como fonte de conhecimento e a importância da dimensão da intersubjetividade (Sturzenegger et al., 2019). Com relação a essas ressignificações, trazemos Nantes (2020) para o qual a intencionalidade proposta por Husserl refere à posição ativa que temos diante do mundo e das coisas com as quais nos relacionamos, transcendendo a nós mesmos, conferindo sentidos e significados às coisas e ao mundo. Para Nantes (2020), a intencionalidade se dá em relação dialética, pois “existimos no mundo, afetamos e somos continuamente afetados” (p. 55) nos possibilitando vivências de atribuições de sentidos e de ressignificações.

Ainda sobre definições da fenomenologia, abordamos o que Castro e Gomes (2011) descrevem, em que a fenomenologia se configura como um modo original de reflexão epistemológica e que implica na revisão das práticas científicas. A fenomenologia surge como filosofia de base para toda e qualquer ciência, fundamentando o princípio investigativo de conhecer o fenômeno por si mesmo (Sturzenegger et al., 2019). Na perspectiva de conhecer o fenômeno em si, da forma com a qual ele se apresenta para nós, ratificamos com Holanda (2002) ao explicar o método fenomenológico como

[...] uma abordagem descritiva da ideia de que pode-se deixar o fenômeno falar por si, com o objetivo de alcançar o sentido da experiência, ou seja, o que a experiência significa para as pessoas que tiveram a experiência em questão e que estão, portanto, aptas a dar uma descrição compreensiva desta (p. 138).

Com o percurso da descrição do fenômeno por parte da pessoa que o viveu, por meio da compreensão do método fenomenológico, é que será possível se aproximar da essência ou estrutura das experiências descritas (Holanda, 2002). Ainda sobre o sentido da experiência, Holanda (2014) nos auxilia a compreender que

A Fenomenologia é um esforço, uma tentativa de clarificação da realidade. É uma abertura à experiência, à vivência do mundo. É a busca do fenômeno, daquilo que surge

por si só, daquilo que aparece, que se revela. Fenomenologia é ir às coisas-mesmas, descobri-las tais quais se apresentam aos meus sentidos, tais quais eu as percebo, numa contínua relação (p. 47).

Nesta concepção fenomenológica, Zahavi (2019) descreve o fenômeno como o modo com que um objeto se apresenta em si mesmo, podendo ser compreendido em diferentes perspectivas e manifestações, de forma a não configurar o fenômeno como uma aparição meramente subjetiva a partir da compreensão de mundo de quem está diante do fenômeno. Para Husserl, o fenômeno é tudo o que se apresenta à consciência (Sturzenegger, Dullius, & Peretti, 2019). Em seguimento a essas perspectivas, Andrade e Holanda (2010) abordam que os fenômenos são dados à percepção em caráter primário, antes de qualquer teorização, possuem natureza própria, de modo que sua verdade ocorre na relação com que este se mostra à consciência.

No campo da fenomenologia filosófica, o método de fazer fenomenologia consiste em aplicar as reduções eidética, fenomenológica e transcendental, na projeção de se alcançar um conhecimento puro, apodítico do fenômeno. Nesse nicho, aquele que pratica a fenomenologia não necessita do relato de terceiros, tampouco faz uso de descrições psicológicas do fenômeno em foco, além do objetivo ser de compreender o fenômeno em si e não interpretações deste, na fenomenologia filosófica o filósofo é seu próprio “instrumento”. De acordo com Giorgi e Sousa (2010), “a fenomenologia filosófica tem como primado fundamental a intencionalidade da consciência. Permite ao próprio pesquisador iniciar as diferentes reduções (eidética, fenomenológica, transcendental) [...]”. (p. 73), enquanto no campo da psicologia fenomenológica o pesquisador adota o fenômeno descrito por terceiros, de forma que a experiência descrita por este seja significativa a respeito da temática, o que também possibilita a avaliação por pares do procedimento adotado.

Acrescido das descrições de outros sujeitos do fenômeno estudado, na psicologia fenomenológica são empregadas pelo investigador as reduções fenomenológicas e a análise eidética, com exceção da redução transcendental; em vez disso, é exercida uma perspectiva psicológica do fenômeno investigado. Para se chegar à essência, no método da fenomenologia aplicada à psicologia, é realizada a variação livre imaginativa, implicando em sínteses de significados psicológicos das experiências descritas (Giorgi & Sousa, 2010).

Tal como referido, Andrade e Holanda (2010) apontam que a redução é o recurso utilizado em fenomenologia para se chegar à essência do fenômeno, de modo a torná-lo compreensível e com legitimidade científica. Na aplicação do método fenomenológico no processo da pesquisa em Psicologia, o pesquisador deverá pôr em exercício três atitudes fundamentais, a saber: a *epoché*, a redução fenomenológica-psicológica e a análise eidética.

Para Zahavi (2019), o posicionamento ou atitude fenomenológica, nos possibilita olhar para o fenômeno exatamente da forma que ele se apresenta para nós. No caso da atitude fenomenológica na pesquisa em psicologia, o pesquisador fazendo uso da atitude fenomenológica e exercendo a redução fenomenológica (Giorgi & Sousa, 2010), lança mão da *epoché* e da redução fenomenológica-psicológica como instrumentos metodológicos para atingir o sentido da experiência investigada.

De acordo com Giorgi e Souza (2010), a redução fenomenológica-psicológica consiste em direcionar o olhar para os objetos e situações que emergem à consciência de quem concede a descrição, mas não os atos de consciência em si; este último estaria a cargo apenas da fenomenologia no campo filosófico. Enquanto o emprego da *epoché* consiste na suspensão da atitude natural, a saber, a descrição dos entrevistados a partir de sua perspectiva de senso comum, colocando entre parênteses pressupostos teóricos e culturais que se possam ter sobre o objeto de estudo, tanto a redução fenomenológica-psicológica quanto a *epoché* são atitudes a serem realizadas pelo pesquisador e não por quem concede a descrição de sua experiência.

Giorgi e Sousa (2010) acrescentam ainda que a *epoché* não é um passo metodológico a ser cumprido, mas, uma postura a ser desenvolvida e mantida durante toda a investigação. Já no momento da análise eidética, fazendo uso da variação livre imaginativa, o investigador buscará a essência do fenômeno de uma perspectiva psicológica, porém sem se utilizar de jargões de escolas teóricas, visto que o método fenomenológico é descritivo (Giorgi & Sousa, 2010). Para Sturzenegger et al. (2019), a *epoché* é um exercício fundamental para alcançar a compreensão da essência de um fenômeno, todavia, no caso da aplicação do método à psicologia, compreendemos a *epoché*, junto da redução fenomenológica-psicológica, como fundamentais para que possamos apreender os sentidos e significados psicológicos que constituem a experiência investigada.

4.4 A entrevista fenomenológica

Esta pesquisa, de delineamento qualitativo, utilizou do modelo de entrevista fenomenológica para coleta de dados. Esse modelo tem como objetivo a apreensão da experiência consciente dos entrevistados, a partir do contato direto com estes (Gomes, 1997). Para Giorgi e Sousa (2010), a entrevista fenomenológica é um instrumento que permite a reflexão acerca da produção de conhecimento, possibilitando a construção de significados sobre a própria ação humana. Além disso, a entrevista se constitui como instrumento privilegiado na investigação dos sentidos subjetivos (Sionek, Assis, & Freitas, 2020), uma vez que opera com a relação pesquisador-pesquisado e com a subjetividade destes. Como já havia observado Husserl, toda subjetividade é intersubjetividade (Davis, 2020).

As entrevistas, que são colhidas a partir de falas em atitude natural dos participantes, que nada mais é do que o modo, não evidente para o participante, de como ele experimenta as coisas no mundo (Rodemeyer, 2020), possibilitam ao pesquisador coletar e descrever experiências cujos sentidos e significados podem não ser perceptíveis para os colaboradores.

Por esse ângulo, Sionek et al. (2020) pontuam: “à medida que alguém conta sua história, tem a possibilidade de revisitar momentos vividos, com suas alegrias, dificuldades e sentimentos, podendo perceber nuances sobre suas experiências que ainda não lhe estavam claras e que ganham novos contornos” (p. 3).

Na entrevista fenomenológica é natural que não se utilize de um roteiro estruturado, o que não quer dizer que a entrevista não tenha um objetivo bem delimitado. Enquanto nos roteiros estruturados é comum que se possua pressupostos de neutralidade do pesquisador e da obrigatoriedade do preenchimento dos dados, na entrevista fenomenológica isso não ocorre, visto que esta tem como base a construção de reflexão e significados do próprio comportamento do participante (Giorgi & Sousa, 2010).

Sionek et al. (2020) nos sinalizam que à medida que a entrevista tem seus desdobramentos, seja a partir das perguntas norteadoras, ou seja, a partir daquelas perguntas que emergem no encontro pesquisador-pesquisado, a entrevista na pesquisa qualitativa se materializa como espaço de expressão para o participante colaborador, tendo potencial para mobilizar afetos e possibilitar, principalmente àquele que relata sua experiência, a abertura de novos significados.

Por fim, uma boa entrevista em pesquisa qualitativa não é aquela focada apenas no conteúdo manifesto pelo entrevistado, mas aquela em que há disponibilidade, acolhimento, atenção e cuidado com quem relata, propiciando um espaço de conforto para ambos, evidenciando a entrevista como um espaço de emergências de intersubjetividades (Sionek et al, 2020). Assim, o contexto do próprio pesquisador está intrinsecamente relacionado aos contextos dos entrevistados, sendo influenciado por eles (Andrade & Holanda, 2010).

Conforme Holanda (2002), ratificando o parágrafo acima, para que um estudo possua o rigor da pesquisa fenomenológica, dentre várias características importantes, destacamos o que o autor pontuou como o envolvimento do “sujeito-pesquisador” no ato de pesquisar. Para

Holanda, tal envolvimento “não apenas [se constitui] pela ótica da participação enquanto intérprete do sentido, mas como engajamento concreto deste no ato de pesquisar, o que implicaria em discutir o sentido da própria escolha do objeto de pesquisa” (Holanda, 2002, p. 151). Retomamos que a discussão de implicação citada por Holanda foi realizada na apresentação inicial deste trabalho.

A respeito do caráter mobilizador que a entrevista pode provocar no participante, como por exemplo da expressão de sentidos e significados, mobilizadora de afetos e de abertura para a emergência de novos significados da experiência vivida (Sionek et al. 2020), os pesquisadores responsáveis pelo projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Paraná, do qual é fruto esta dissertação, ofereceram suporte psicológico a todos os entrevistados. O suporte seria realizado no Centro de Psicologia Aplicada (CPA), entretanto, com a pandemia da COVID-19 e com as mudanças necessárias para adaptação do projeto à nova realidade, o suporte viria a ser realizado na modalidade online, via plataformas de comunicação digital. O suporte poderia ser solicitado desde logo após a realização da entrevista até o término do estudo, previsto para 31 de março de 2021. Em decorrência da pandemia de COVID-19, o desenvolvimento deste estudo foi prorrogado, todavia até a finalização da escrita deste trabalho nenhum entrevistado havia entrado em contato com os pesquisadores solicitando o suporte.

4.5 Recrutamento

A fim de abranger o máximo de pessoas possível, para que, assim, pudéssemos ter participantes, esta pesquisa foi divulgada nas redes sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp) da UFPR e do Programa de Pós-graduação em Psicologia, bem como pelas redes sociais dos pesquisadores. Nessa divulgação havia uma breve descrição da pesquisa, o público-alvo e o e-mail institucional dos pesquisadores. Nosso intuito com a ampla divulgação foi de conseguir

participantes que se enquadrassem em nossos critérios de inclusão e exclusão: os de inclusão consistiram em se identificar como homem homossexual, cisgênero e maior de 18 anos; os critérios de exclusão consistiram em remover da amostra as entrevistas que continham falhas na conexão de internet e, conseqüentemente, na gravação de seu conteúdo.

Após o contato inicial com os homens interessados, foi explicado com maiores detalhes no que consistia a pesquisa e, sanadas as dúvidas apresentadas, houve trocas de e-mails a fim de agendar data e horários para a realização das entrevistas. Estas foram agendadas nos meses de junho e julho de 2020: ao todo, quinze participantes, com idades entre 20 e 49 anos, de diferentes estados do Brasil, entraram em contato demonstrando interesse; destes apenas treze mantiveram-se interessados e aceitaram relatar suas experiências.

4.6 Procedimentos de coleta

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR, sob protocolo CAEE 29668320.7.0000.0102 e obedece às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos estabelecidas pela resolução 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Parte desta pesquisa foi realizada durante o período da pandemia de COVID-19 e, até o momento da realização das entrevistas, a situação pandêmica não havia sido finalizada. Por conta disso, tivemos que acrescentar um termo aditivo no projeto de pesquisa para que realizássemos as entrevistas por meio digital. Nesse sentido, as entrevistas foram realizadas por meio do Skype ou do Google Meet, a depender da disponibilidade do participante. Em todas as entrevistas foi orientado que os participantes se mantivessem em local fechado, livre de interrupções e utilizassem fone de ouvido durante toda a conversa.

Antes de iniciar a gravação foi realizada uma conversa de quebra-gelo, em que o pesquisador perguntava sobre como o participante teve acesso à pesquisa, qual era o seu

interesse no tema, dentre outros assuntos que surgiram no momento, finalizando com a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em voz alta. Ao concordar com os critérios de participação e clicar em um link de consentimento enviado pelo pesquisador, este confirmava o recebimento do aceite e dava início às gravações, começando a entrevista formalmente pelas perguntas sociodemográficas. Os áudios foram gravados utilizando o gravador de áudio padrão do computador do próprio pesquisador. Além do áudio, foram gravadas imagens em vídeos das entrevistas, a fim de garantir mais um arquivo de dados, caso fosse necessário para as análises; apesar disso, as imagens não foram utilizadas. Os vídeos foram gravados por meio do programa *OBS Studio*, tiveram a duração média de cinquenta minutos e somente os pesquisadores responsáveis tiveram acesso às gravações.

Consoante ao supracitado, o modelo de entrevista utilizado foi o de entrevista aberta semiestruturada, aplicando as seguintes perguntas norteadoras: O que é o amor para você? Você já vivenciou isso que acabou de descrever? Como foi para você vivenciar isso? Ademais, outras perguntas foram feitas com a meta de desvelar falas dos entrevistados.

Posteriormente, as entrevistas gravadas em áudio foram transcritas pelo próprio autor deste estudo. As transcrições foram realizadas utilizando-se do guia para transcrições anexado ao final desta dissertação, juntamente com a entrevista na íntegra, anexos I e II, respectivamente.

4.7 Procedimento de análise de dados

Para a análise de dados, nos orientamos pelo método proposto por Amedeo Giorgi (Giorgi & Sousa, 2010), descritos abaixo:

1. Estabelecimento do Sentido Geral, com o objetivo de se obter um sentido global da experiência relatada. Neste primeiro momento, o pesquisador põe em exercício a redução

fenomenológica com o objetivo de obter uma compreensão dos sentidos da experiência relatada pelo entrevistado, sem que hipóteses exerçam papel interpretativo.

2. Determinação das partes: divisão das Unidades de Sentido, no intuito de realizar uma análise mais aprofundada da experiência relatada. É um percurso em que o pesquisador demarcará na entrevista transcrita todos os momentos em que o entrevistado, em suas descrições, mudar de sentido da experiência narrada, denominando-se cada secção de unidades de significado, sob um olhar psicológico.

3. Transformação das unidades de significado em expressão de caráter psicológico, em que se buscará desvelar o sentido psicológico das experiências. Neste momento, o pesquisador transformará a linguagem cotidiana presente na transcrição da entrevista em descrições psicológicas contidas nas unidades de significado.

4. Determinação da estrutura geral de significados psicológicos, momento em que o pesquisador faz uso da variação livre imaginativa e transforma as unidades de significado em uma estrutura descritiva geral. Neste passo, evidencia-se a relação entre as unidades de significado, de modo a constituir uma rede entre partes e todo. Todavia, os dados relacionados até aqui não necessariamente precisam constituir uma única rede de sentidos e significados, devendo se atentar à expressividade das unidades a fim de que elas indiquem se ao final da análise apenas uma ou mais estruturas gerais serão formadas.

Pontuamos que o método de análise, constituído por quatro passos, é comumente utilizado quando é feita a análise de mais de uma entrevista, dado que o passo 4 implica uma organização e sistematização das unidades de significado que se destacaram nas experiências dos entrevistados, tal como no exercício da variação livre imaginativa. Como realizamos um estudo de caso, não foi possível o uso da variação livre imaginativa e, por consequência, não se configura ao final da análise, uma estrutura descritiva geral. Desse modo, com o auxílio do passo 1 de estabelecimento do sentido geral, analisamos os sentidos apresentados na tradução

do passo 3 (anexo II). Para o escopo desta pesquisa, destacamos aquelas traduções relacionadas à pergunta de pesquisa; as traduções destacadas foram organizadas e reorganizadas em um único texto com a meta de expressar o que estava constituindo a experiência de amor de Linn.

4.8 Da seleção da entrevista para análise

Embora tenham sido realizadas treze entrevistas, duas delas foram excluídas do rol de possibilidade de análise por terem apresentado falhas na gravação, em razão de interrupções decorrentes de falhas na conexão da internet. Das 11 demais, removemos outra por ter tido uma duração de 22 minutos e 47 segundos em que o entrevistado ficou nervoso e não aprofundou na descrição de suas experiências. Das 10 restantes, outra foi excluída pois o entrevistado começou a discorrer sobre perspectivas teóricas sobre o amor, desviando do propósito da compreensão da experiência. Das nove restantes, uma delas nos chamou atenção, à medida que se destacava das demais entrevista. Nesta citada, o entrevistado declarava que sua vivência amorosa tinha influências de suas vivências raciais, como é um homem preto retinto, social, devido sua condição de poucos privilégios econômicos e de sua homossexualidade.

Considerando a área de concentração desta pesquisa ser a Psicologia Clínica e o estudo de caso como sendo um delineamento de pesquisa qualitativa, este nos possibilitava o retorno à entrevista quantas vezes fossem necessárias ao passo que novos questionamentos foram emergindo no estudo do fenômeno. Os atravessamentos que a entrevista escolhida elencava demandavam uma aproximação da particularidade da experiência racial, de violência e invisibilidade que se dissolveriam caso fizéssemos a análise de um conjunto de entrevistas. Nesse sentido, não tomar a relevância desta entrevista e “lançar mão” da análise do conjunto de entrevistas, estaríamos também invisibilizando e cometendo mais uma violência com as vivências e histórias de vida do participante.

Capítulo 5 – Estudo de caso

5.1 Participante

Linn¹⁰, na data da entrevista estava com 42 anos de idade, morava sozinho e possuía pouco contato com sua família. É professor da educação básica e residente da periferia da cidade do Rio de Janeiro-RJ. Identifica-se como negro. Desde o seu primeiro contato para participar da pesquisa, sinalizou o atravessamento da raça em suas vivências amorosas e durante a entrevista esse fato ficou intensamente demarcado.

Linn nunca assumiu sua homossexualidade socialmente, a não ser para amigos mais próximos. Ao contar de sua infância, relatou ter vivido intenso sofrimento e ter passado por situações de bullying, necessitando esconder seu afeto por outros homens e performar uma sexualidade que não era aquela com a qual se identificava. Por conta de preconceitos e violências sofridas ao longo da vida relatou que tende a omitir sua homossexualidade até os dias de hoje. Declarou ter sido criado em uma família disfuncional, com o pai alcoólatra, abusivo e violento e, ao longo de sua vida, conviveu com irmãos adictos.

Ao falar de amor, relatou relações vividas e afirmou que amor é reciprocidade, ao evidenciar que nunca vivenciou a experiência de amor por não ter tido oportunidade – não por escolha própria, mas por não ter sido escolha de ninguém até então. Reforçou que as relações que teve foram, em sua maioria, de cunho sexual, o que o fez sentir-se objetificado e fetichizado. Afirmou que esse é o lugar posto para o homossexual negro e que a sociedade é condicionada a ver no homem preto um objeto de desejo sexual, porém não merecedor de afeto. Descreve que o amor lhe foi negado e, assim, sua existência foi tomada por experiências de solidão, invisibilidade e vazio. Além disso, compreendeu que amor romântico é apenas uma possibilidade dentre tantas formas de amor e afirmou que em sua experiência nenhuma dessas

¹⁰ Nome fictício.

possibilidades foi direcionada a ele.

A partir de leituras exaustivas da entrevista, observamos que todas as experiências relativas ao amor descritas por Linn, além de serem influenciadas da sua orientação homossexual, foram também atravessadas por sua condição racial de homem negro. Após as leituras, a compreensão do todo da entrevista era de que Linn entendeu que sua vida, seu futuro, foi pré-estabelecida por sua condição racial e homossexualidade, de modo que Linn acredita ocupar um lugar na sociedade que lhe foi impossível de desocupar e para o qual lhe foram direcionadas muitas violências como o racismo e a homofobia. Foi uma experiência de muita solidão e sofrimento, além da objetificação sexual. Linn discorreu que, ao decorrer de sua vida, ao ter contato com outras pessoas que passaram por situações semelhantes, compreendeu os fenômenos sociais que incidiam sobre suas experiências, dentre eles os estereótipos sobre ser negro, gay e como se portar/performar para ser aceito socialmente.

5.2 Linn e a experiência de amar

Linn referiu que ao longo de sua vida, da infância ao momento da entrevista, sempre buscou um ambiente onde fosse aceito, com o qual se identificasse. Acredita que seu convívio com colegas na escola foi limitado tanto pela sua orientação homossexual como pela sua raça. Linn sente que a vivência amorosa lhe foi negada desde esse período em que todos já estavam se relacionando, ele vivia conflitos internos em relação à sua sexualidade, tentativas de esconder sua orientação homossexual, performando uma sexualidade que não era a sua para não sofrer *bullying*, para não sofrer ataques homofóbicos e se sentir minimamente pertencente àquele ambiente. Ele observava de longe as interações sociais enquanto se encontrava inerte diante delas. Zeferino (2022) observa que homens negros e gays em razão do processo de colonização são colocados como “sujeitos impróprios para a existência na sociedade” (p. 187).

Ele tem o período dos 10 anos de idade como marco de sua compreensão de ser um

garoto que gostava de outros garotos, um menino homossexual, diferente de seus colegas meninos que demonstravam interesse pelas meninas. Linn lembrou que enquanto os amigos heterossexuais namoravam e tinham suas relações incentivadas e aprovadas, ele se escondia e negava sua orientação homossexual.

Assim como na escola, Linn revelou nunca ter exposto sua orientação homossexual para sua família, embora acreditasse que sua mãe e seus irmãos soubessem. Mas, não apenas eles, Linn pensava que todos à sua volta percebiam sua orientação homossexual e “faziam de conta” que não sabiam; justificou não ter se assumido homossexual como uma maneira de poupar sua mãe, que já sofria com o marido alcoólatra e dois filhos dependentes químicos. Pelos mesmos motivos, Linn se cobrava por uma perfeição nos estudos, acreditando que por ser o irmão caçula deveria cumprir essa expectativa. Segundo conta, a expectativa familiar e social fazia referência a um perfil de homem com o qual ele não se identificava: diante da família uma pressão por ser o caçula, diante da sociedade uma retaliação por ser negro e gay. Então, ele entendeu que deveria ser muito mais do que aquilo que esperavam dele. Não havia espaço para despertar decepções.

Refletimos a respeito da experiência de ocultamento de sua homossexualidade dentro e fora da trama familiar que, ao não tematizá-la, Linn tem uma parte de si não reconhecida. A sexualidade é constituinte de como Linn se reconhece, de modo que também é a partir de sua sexualidade que ele se coloca diante de suas relações com as pessoas e com o mundo, e à medida que sente que não pode exercê-la, assume um lugar de não poder ser, mas sim corresponder às expectativas alheias. Seria possível, ao expressar a orientação sexual no contexto familiar, que Linn estivesse sujeito tanto ao acolhimento quanto à rejeição e, para não arriscar passar por esta última, se omite a fim de preservar tais relações. Entendemos que a discriminação e a rejeição podem começar em casa, não somente na escola: jovens homossexuais sofrem discriminação e violências, sejam elas físicas ou psicológicas; e, como

efeito disso, constroem uma rotina e vida de silenciamentos (Souza, Moreira, Cabral & Souza, 2018). No caso de Linn, a vivência de sua homossexualidade foi velada.

Ao fazer o resgate de suas vivências do período da infância e adolescência e antes mesmo de se compreender como parte da comunidade LGBT, Linn expressa que já se sentia deslocado da dinâmica dos relacionamentos amorosos e, com isso, muitos questionamentos vinham à tona. Sobre isso, disse:

e aí eu acho que não aprendi na hora que eu tinha que aprender, porque eu falei assim, eu não aprendi a me relacionar então, a gente vai experimentando no decorrer da vida, como é que se faz pra viver junto?... Como é que faz, como é que é uma relação estável? Como é que faz pra você não ter que trocar de par sexual todo santo dia?

Linn associou as suas dificuldades relacionais aos ataques que sofreu desde criança, na escola, na família, por meio da mídia - ao evidenciar a branquitude como ideal - que minaram sua autoestima:

e como eu sou uma pessoa muito tímida, muito introspectiva... timidez provocada pelo fato da gente ter autoestima destrocada desde criança... por sermos pretos, né... aí vem de todos/esses ataques vêm de todos os lados... escola, família, mídia, todo mundo diz pra você que você é feio, que você não merece que você não vai chegar, enfim... que você não merece afeto, você não merece amor, você não merece absolutamente nada, você merece só a invisibilidade, quiçá, a vida marginal...

Na busca por um espaço/lugar em que se sentisse pertencente, Linn encontrou no movimento e na comunidade LGBT uma esperança de identificação e acolhimento. Em suas saídas para baladas e ambientes destinados ao público LGBT, ele referiu se sentir tímido, uma timidez “racializada” (sic), pois se considerava feio em sua negritude em comparação às pessoas brancas: “*me achava diferente, eu era o único preto no meio de uma branquitude imensa em uma boate gay e eles ficavam entre eles e me excluía*”. Embora a palavra e o

sentimento expresso por Linn seja o de invisibilidade, quando ele se refere a ser excluído, podemos compreender que apenas é excluído aquele que é visto. Todavia, o que é visto em Linn não condiz com aquilo que é desejado pelos homens que ele tem interagido ou que estão nos ambientes que ele frequenta. De modo que Linn se sente preterido sexual, mas, sobremaneira, afetivamente.

Linn percebeu haver na comunidade LGBT uma valorização do padrão estético da branquitude, do qual ele não faz parte, de modo a fazê-lo sentir-se desconfortável e não pertencente àqueles territórios, como o das boates gays. Linn se percebe como alguém que teve a experiência do amor negada por não atender aos padrões estéticos primados nos relacionamentos dentro da comunidade LGBT. Linn reforça que dentro da comunidade LGBT ele não se sentiu abraçado, vivenciando muita solidão: foi uma vivência de inexistência no que diz respeito ao amor. Para Veiga (2018), quanto mais distante do padrão a pessoa está, mais violências essa pessoa pode sofrer; violência essa que é gerada e perpetuada pela supremacia do padrão estético.

Para Linn, a mídia contribuiu para que ele crescesse acreditando que era uma pessoa feia. Para ele, a mídia exerce influência nas escolhas dos parceiros amorosos e sexuais das pessoas e aqueles que como ele, não-brancos, nem magros, nem másculo e nada parecido com aqueles que estão nas pornografias, são invisibilizados e excluídos socialmente. Ademais, a exposição de famosos, cantores, jornalistas posando felizes e expondo declarações de amor pode ser considerada positiva pelo público, mas, para ele, é uma forma de desvalorização daqueles que não se enquadram no determinado padrão. É algo tido para ele como empobrecedor e que segue mantendo outros grupos invisibilizados.

Linn relata fazer parte de uma minoria alvo de diversas exclusões sociais enquanto homens homossexuais continuam reproduzindo segregações e estigmas, a exemplo de quando mantêm preconceitos de classe e raça. Para ele, é cada vez mais óbvio que ele não é alvo do

amor que deseja, pois “*a população LGBT é racista*” e almeja um padrão estético que ele não possui: branco, magro, jovem e rico. Assim, ele não recebe e sequer merece afeto, amor e cuidado, chegando a sentir-se culpado por sua condição existencial de homem preto. Neste seguimento, “[...] o racismo afeta a maneira como amamos a nós mesmos e como nos relacionamos com o outro, a partir desse amor” (Veiga, 2018, p. 83).

Em razão de não receber reciprocidade dos homens brancos pelos quais tinha interesse, Linn sentiu-se obrigado a se relacionar com quem tivesse interesse nele, afetivo ou sexual, muitas vezes sentindo servir de objeto para satisfazer os desejos sexuais alheios. Ele conta que em vários relacionamentos notou que desempenhava a posição de objeto de satisfação sexual do parceiro.

Se nas interações no mundo real Linn se confrontou com as questões que viemos discutindo, também se empenhou, segundo ele, de forma desesperadora, a buscar no mundo virtual, dos aplicativos de relacionamento, uma forma de desenvolver um relacionamento e de se sentir notado. No entanto, mesmo nos aplicativos, percebeu que as perguntas mais comuns e iniciais de uma conversa deflagravam o já conhecido interesse dos outros homens pelo padrão de pele clara com comportamento heterossexual; afirma que isso ocorre até entre os homens fora do padrão estético e performático. Ao ser perguntado, em uma espécie de *checklist* inicial, sobre suas características, sobre ser ativo ou passivo, ter local para manter a relação sexual, ser sigiloso, Linn sentiu mais uma vez sua autoestima sendo destruída paulatinamente por não ter certeza se corresponderia a todos os pré-requisitos ou exigências citadas pelos outros. Perguntas como “*você é discreto? Você é efeminado?*” (sic) estão entre os requisitos previamente questionados. Em relação à atividade em uma relação homossexual, Linn afirmou sua preferência por assumir a posição sexual de ativo tal qual a expectativa que se tem de um homem preto homossexual. Dentro daqueles requisitos, ser passivo e efeminado é considerado pelos outros como desinteressante. E por mais que Linn evite utilizar os aplicativos para não

ter que passar por situações como essa, ele refere que a solidão que sente, segundo ele condição do ser humano, o faz querer contato físico e afetivo com outros homens, estabelecendo a companhia de outra pessoa como também uma condição necessária. E de forma “*aflitiva*” (sic) Linn faz uso dos aplicativos.

Para Linn, a ausência prolongada de alguém com quem compartilhar sua vida tem desencadeado um processo depressivo e de esvaziamento de sentidos.

o que importa disso tudo é que eu constato que eu não sei viver junto, eu não sei... éh... não sei na verdade o que se trata quando você fala assim vivência amorosa ((ele ri) ... gay, homossexual, eu não sei exatamente do que se trata porque eu não tive essa vivência... e eu considero que essa vivência foi realmente negada. Foi negada pela minha condição... não tive... eu não fiquei anos com ninguém ou períodos longos com relações estáveis de troca de intimidade, de confiança... onde as famílias se conhecem. Não sei nem do que se trata isso, nem sei como é ou como deve ser isso... e acho que envelhecerei dessa forma sem experimentar tudo isso...

A fim de expressar seu nível de solidão e invisibilidade, Linn fez uma revelação, que para ele é chocante, que já passou por um período de dois anos sem nenhum tipo de contato sexual a não ser a masturbação. Linn acredita que lhe falta traquejo para fluir no meio homossexual; ele conta que “*foi o celibato involuntário da pior... na pior definição assim né... na pior definição de ser celibatário... por falta de opção, por você não ter pessoas dispostas a interagir com você sexualmente...*”

As perguntas supracitadas recebidas pelas redes sociais e os pré-requisitos exigidos para se relacionar, denotam a valorização da heteronormatividade, de uma performance homossexual que reproduza o estereótipo de masculinidade viril exercida por homens heterossexuais, em detrimento de traços de feminilidade e passividade atrelados ao comportamento feminino da mulher. Esta heteronorma em grande parte se apresenta como

violenta nas relações entre homens, não apenas no âmbito afetivo, mas familiar e institucional (Ferrari, Nascimento, Nogueira, & Rodrigues, 2021).

Para evitar violências, psicológicas e físicas, Linn passou a vida performando, para se apresentar como um homem que se adequava às exigências da heteronorma. Para Veiga (2018),

Um impasse é colocado frente às bixas pretas: negar a própria sexualidade e aderir à masculinidade heteronormativa, para se proteger e preservar o amor de seus pares ou para afirmar a própria sexualidade e ficar desprotegido, correndo o risco de não ser aceito em seu próprio espaço familiar de pertencimento. (p. 81)

Em vista disso, Linn vivenciou algo próximo da impossibilidade de ser, utilizando-se de performatividades como meio para habitar ambientes. Inclusive, cita ter travado uma batalha com sua orientação sexual ao omiti-la e que, até o momento da entrevista, ainda se percebia atuando para representar heteronormatividade. Linn considera que teria sido importante vivenciar sua orientação sexual de forma menos velada desde a sua infância e adolescência, contudo foi preciso não apenas omiti-la, mas também interpretar uma orientação sexual e isso acarretou dificuldades relacionais para ele na vida adulta.

e aí acumular a condição de homossexual a tudo isso é trazer mais uma questão... é você ficar negando, né, tudo isso. Você fica tentando negar inconscientemente. Eu me vejo fazendo isso até hoje pra poder ter passabilidade. Às vezes, você cansa, mas, às vezes, eu me vejo fazendo isso: fingindo, interpretando, atuando, mas acho que é isso que eu ia falar... é... eu ia falar que o fato de eu estar morando só não facilita em nada, não facilita em nada a minha vida amorosa ((risos dele)). Ser um homem adulto, homossexual, preto... não há nenhuma característica, não há nenhuma possibilidade de fazer você ter uma vida amorosa saudável, eu diria como qualquer outra (pessoa)...

Linn menciona que por ser um homem homossexual e preto, em que este último

adjetivo está intrinsecamente ligado ao fato de que ele não tem uma “*vida amorosa saudável*” (sic), evidenciando a intersecção entre homossexualidade e racialidade no âmbito amoroso de sua vida. Afirma ter se apaixonado algumas vezes, de forma platônica, paixões impossíveis de serem correspondidas por serem direcionadas a homens heterossexuais, representantes da masculinidade e virilidade. Ele acredita que essa experiência acomete não só a ele, mas a todos os homens homossexuais.

Se na comunidade LGBT Linn identificou uma preferência pelos homens que performavam uma heteronormatividade, na intersecção do movimento negro com o movimento LGBT, Linn se viu compelido a corresponder aos estereótipos do homem negro e homossexual: de ativo, dominador, com comportamento heteronormativo, fetichizado e objetificado para que conseguissem alguma notoriedade. Segundo Linn, o homem que correspondesse a esse padrão conseguiria ter uma vida sexual um pouco mais ativa; ele relata que, apesar de evitar tal performance, as pessoas o confundiam com aquele estereótipo, no qual ele sente que nunca de fato se enquadrou.

À medida que os parceiros percebiam que Linn não se adequava àquele conjunto de critérios, perdiam o interesse. Como homem negro, segundo as próprias vivências, a única possibilidade de ser visto e desejado é assumindo o lugar do preto fetichizado. Apesar de em muitos momentos ser visto dessa forma, é um estereótipo à qual ele não gostaria de corresponder. Linn diz que nunca encontrou seu lugar no mundo, que o seu lugar é de não pertencimento e que é muito difícil lidar com isso; ele conta que não se sente incluído em grupos de pessoas heterossexuais, tampouco dentro do movimento negro, aonde atua ativamente, pois este movimento não reconhece o que afeta os homens pretos homossexuais. Linn sente que não pertence a nenhum lugar:

e aí eu não encontrei o lugar, eu nunca encontrei o meu lugar, né, e aí eu acho que nunca encontrei esse porque eu nunca frequentei... eu nunca fui de lugar nenhum. Eu

nem tava lá nas reuniões nos coletivos e nos movi ((áudio falhou)) (movimentos) porque eu não me sinto abraçado, eu não me sinto incluso, não estou em outro grupo, não tô em grupo hetero ((respira fundo))... o próprio movimento negro onde atuo ativamente não reconhece a causa, não reconhece a problemática que afeta os homens gays pretos e aí eu não tô em lugar nenhum. É um lugar de não pertencimento. Não pertencço a lugar nenhum e aí é muito difícil lidar com isso...

Percebe que dentro do próprio movimento negro, assim como no LGBT, há o predomínio de estereótipos quanto aos homens gays e que há uma não legitimidade das causas LGBT, pois o movimento negro tem mais espaço para questões heterossexuais. Ele conta que o movimento negro também nega a existência dos homens gays pretos, que o movimento é homofóbico, machista e misógino.

Linn conta ter sido um exercício realizado, um aprendizado, começar também a enxergar beleza em outros homens pretos. Para ele, começar a enxergar beleza em homens pretos foi como ter saído de uma hipnose. Linn fala que apesar de já ter se relacionado com outros homens pretos, tendo sido boas experiências sexuais, não havia entendido que podia se apaixonar por homens pretos, que pudesse haver afetividade entre eles. Antes, se percebeu refém dos seus próprios desejos que o levaram a querer se relacionar com outros homens que também correspondem ao padrão branco, masculinizado e viril. Para Linn, infelizmente, trata-se de um condicionamento que demanda um esforço para sair dele e conseguir se relacionar com homens efeminados, por exemplo.

Embora Linn relate ter se aberto para novos interesses, as relações que tinha o proporcionaram sofrimentos intensos. A partir do momento em que se tornou mais consciente do condicionamento, Linn afirma que passou a tentar se relacionar com outros homens pretos, porém que também a atenção e o interesse destes estavam totalmente voltados para os homens brancos. Dentre seus relacionamentos com outros homens pretos, ele relata que ao demonstrar

o interesse pelo parceiro ouviu que este só gostava de homens brancos.

Linn acreditava que não tinha atrativos suficientes para despertar interesse de outros homens, logo, se sentia invisível, e passou a se perguntar o que ele tinha que fazer para despertar interesses. Conta que seus amigos, brancos ou pretos de pele clara, se relacionavam amorosamente com frequência e ele não. Para Linn, os amigos pretos de pele clara têm mais chances de se relacionar, são mais felizes. Ele denomina essa facilidade de se relacionar de “*passabilidade*”.

Linn teve um amigo de infância com quem ele se comparava muito, enquanto seu amigo se relacionava com outros homens, ele relata que vivia em solidão absoluta, despertando nele sentimentos de raiva, inveja e mágoas. Linn concluiu que isso se devia à diferença de tonalidade de pele entre eles e que o sucesso amoroso sexual era caracterizado pela troca constante de parceiros. Enquanto o amigo se aproximava do padrão, devido ao seu tom de pele mais claro, Linn, de pele bem escura, se via fora do padrão. Conta que cortou relações com amigos, fossem eles hetero, gays ou bissexuais, até com seu amigo preto, por terem relacionamentos e ele não saber lidar com essa diferença, uma vez que seus amigos agiam em conformidade com o padrão heteronormativo.

Na experiência de Linn, os padrões estéticos são excludentes, fortes e cruéis, e que ele se encontra entre os excluídos desses padrões. Por esse motivo, ele compreende que é visto pelas pessoas como não merecedor de afeto, amor e cuidado, e sim apenas como um corpo destinado às práticas sexuais, pegação em locais como as saunas e guetos de prostituição, únicos lugares em que ele, de algum modo, é percebido enquanto possibilidade do interesse dos outros homens; isso o desestimulou muito. Veiga (2018,) pontua: “com a autoestima enfraquecida, a bixa preta tenta lidar com a solidão e com o desejo de ser amada, ainda que por vezes creia, inconscientemente, que não merece receber amor” (p. 84). Tal sentimento parece estar relacionado ao racismo vivenciado e denunciado por Linn.

A partir do contato com outros movimentos, e de maneira oposta ao que ele havia vivenciado até então, Linn encontrou um outro movimento que prega o empoderamento de pessoas que não correspondem aos anseios/desejos sociais. Ele cita uma artista negra, travesti, Linn da Quebrada, que dissemina falas e posturas que vão de encontro com os padrões estéticos e de performances de gênero e ao encontro de suas experiências pessoais. Para Linn são falas de empoderamento, de esclarecimento, poderosas, que estimulam a autoestima e que defendem que homens pretos também precisam de amor, de afeto, de visibilidade e de sexo. Linn acredita que esse movimento desobriga o homem gay preto de performar masculinidades baseadas na virilidade, que pode ser ou não traço da personalidade desses homens. A partir desse discurso, homens pretos, que não se enquadram no padrão (ele cita: “*negão, fortão, ativo, que tem pegada*”), podem passar a existir e a ocupar um lugar na sociedade, mas isso não é possível sem muita luta. O movimento citado por Linn utiliza do termo “bixa preta”, o qual é bastante presente nas obras da artista Linn da Quebrada como importante para ressignificar a posição que pessoas negras e LGBT ocupam na sociedade. Ele acredita que é um movimento sensacional, pois dá visibilidade e fortalece aqueles que são excluídos da norma branca e heteronormativa.

Sublinhamos que na história de vida de Linn, o exercício livre e espontâneo de sua orientação homossexual, bem como da sua posição no mundo a partir da sua raça, foram e talvez ainda continuem sendo as principais vias por onde ele busca assumir-se e se sentir pertencente ao mundo que tem se mostrado hostil e de impossibilidades de acolher a sua existência. Não obstante, é predecessora a forma com que o corpo do negro se apresenta como objeto a ser servido para o consumo do corpo branco, seja pela via da força bruta, seja pela via sexual.

Considerações finais

A partir das vivências de Linn, pudemos observar que para ele ser um homem negro e homossexual exigiu, desde muito cedo, uma busca por um lugar de pertencimento que a todo custo lhe foi negado. Na busca por esse lugar, Linn sentia-se precisando dar o máximo de si para ter alguma visibilidade social diferente daquela estigmatizada sobre a figura do negro gay. Além disso, o desejo de vivenciar uma experiência amorosa o acompanhou ao longo da vida e desde muito cedo.

Em suas tentativas de vivenciar o amor, Linn sentiu-se estar sujeito às escolhas dos outros homens, considerando que a sua raça o deslocava para uma posição de objeto sexual e nunca de sujeito receptor de amor. A objetificação e fetichização do corpo de um homem negro se sobressaiu nas relações com outros homens, brancos e negros, de forma que Linn sente que o amor lhe foi negado pelo mundo. Para ele, o amor requer uma reciprocidade afetiva e sexual que ele sente que não alcançou em razão do que se espera de um homem negro e gay.

Em suas relações, ser negro e homossexual exigiu, em sua compreensão, corresponder a uma série de critérios a serem cumpridos para poder ser digno de amor: ora corresponder ao padrão branco, musculoso e viril, ora ter seu corpo objetificado e sexualizado como homem negro que é. De modo que na sua experiência, essas seriam as únicas formas de se relacionar, sem, porém conseguir ser amado. Segundo sua compreensão, a performance heteronormativa seria um dos maiores atrativos para se conseguir um relacionamento (amoroso?) e proporcionaria maior visibilidade social.

Buscando compreender a vivência de amor de Linn, nos deparamos com suas vivências de sofrimento, violência e (in)visibilidade. Linn sente que a condição do grupo de homens homossexuais é de muita solidão, independente da condição étnica, e que eles envelhecem sozinhos, especialmente por não corresponderem ao padrão branco e jovem. Ele crê que a condição racial possibilita ao homem homossexual viver uma solidão com mais ou menos

privilégios. Quanto a isso, para Linn um homem homossexual branco teria mais “privilégios” e mais chances de ter um relacionamento amoroso, todavia por ser um homem preto acredita que a vivência da raça fez toda a diferença em sua vida e em sua impossibilidade de experimentar o amor.

Compreendemos que apesar de nomear sua experiência como de invisibilidade, Linn tem uma visibilidade no campo amoroso que não é aquela desejada a longo prazo. Sua posição no mundo como um homem preto e gay é destinada ao prazer e não ao relacionamento amoroso a longo prazo. Em muitos momentos parece ser sutil o modo como ele é visto e desejado pelo suposto vigor sexual de homem negro, sendo preterido dos relacionamentos amorosos. Todavia, embora sutil na intenção de terceiros, para Linn é acentuada a forma como ele é tido como opção exclusivamente sexual por parte de outros homens. Não obstante, Linn apresenta a busca por uma relação amorosa bem semelhante àquela tida pelos casais heterossexuais: pautada na reprodução dos papéis de gênero e que sejam duradouras. Parece haver uma certa idealização do amor vivenciado por casais heterossexuais.

Quanto aos nossos objetivos específicos desta pesquisa, depreendemos que a descrição e discussão das experiências amorosas relatadas por Linn foi impossibilitada devido à sua não vivência de relações de amor; o que Linn nos conta são experiências de relacionamentos permeados por frustrações e pelo sentimento de negação do amor para ele. Neste seguimento, quanto às significações de amor emergentes, apreendemos que Linn tem a reciprocidade amorosa como a característica base para o relacionamento amoroso entre homens gays e, de modo similar às experiências amorosas, a significação de reciprocidade não foi vivenciada por Linn. Nesse sentido, a atribuição de Linn à não vivência amorosa está diretamente relacionada com a referida ausência de reciprocidade nos relacionamentos que teve até então. E, apesar de não generalizarmos a vivência de Linn a todos os homens gays, Linn considera substancial a ausência da reciprocidade afetiva entre homens gays.

Observamos que mesmo que Linn sinta que ocupa um lugar de não pertencimento social, no sentido de que não se encaixa em grupo nenhum, ele teve nos movimentos tanto negro, quanto LGBT, lugares de conforto quanto à sua condição de preto e à sua condição de homossexual. Não obstante, da mesma forma, por estar nos entremeios desses movimentos as violências quanto aos padrões estéticos o afetaram contundentemente, violências estas que direcionam Linn a uma perspectiva de esvaziamento de sentidos da vida, nutrindo uma esperança mínima de que um dia encontrará um amor que preencherá o vazio que sente.

Concluimos que a experiência do amor entre homossexuais pode ser atravessada por uma série de questões sociais e psicológicas como uma busca em encontrar-se no que lhe seja próprio, bem como um grupo em que se sinta acolhido, além do encontro com padrões sociais e expectativas entre membros da comunidade LGBT, porém mais especificamente a comunidade gay. A questão da negritude trouxe mais desafios para Linn além da intersecção entre amor e homossexualidade, produzindo uma experiência bastante singular sobre a qual destacamos a fetichização e a sexualização do corpo negro, para além dos padrões estéticos esperados no meio homossexual masculino, assim como a vivência de violências e os sentimentos de invisibilidade e solidão.

Como referido por alguns autores supracitados, resgatar os relacionamentos amorosos e especialmente os homossexuais, é um trabalho árduo e tal dificuldade foi sentida no processo de construção desta pesquisa. Não se encontram com facilidade descrições de relacionamentos e romances entre homossexuais, de modo que estimulamos que mais pesquisas sejam realizadas no âmbito da vivência amorosa a partir da experiência dos próprios homossexuais e não mais de um olhar externo e colonizador de sexualidades alheias, como tem acontecido na esfera jurídica. Ratificamos a importância da formação de mais pesquisadores negros, gays, travestis, queers, assexuais e todas as diversidades sexuais e de gênero, e que estes possam pesquisar sobre suas próprias vivências.

Referências

- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26(1), 93-100. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>.
- Andrade, C. C., & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(2), 259-268. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>
- Arán, M., & Corrêa, M. V. (2004). Sexualidade e política na cultura contemporânea: o reconhecimento social e jurídico do casal homossexual. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 14(2), 329–341. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312004000200008>.
- Araújo, M. de F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(2), 70–77. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>
- Bauermeister, J. A. (2012). Romantic ideation, partner-seeking, and HIV risk among young gay and bisexual men. *Archives of Sexual Behavior*, 41(2), 431-440. <https://doi:10.1007/s10508-011-9747-z>
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 2003)
- Borges, C. C., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2017). Nadando contra a corrente: a vivência conjugal de homens gays e a heteronormatividade. *Psicologia Em Estudo*, 22(4), 597-608. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i4.34729>
- Boris, G. D. J. B., Moreira, V., & Diógenes, K. M. (2010). “Adoecer é coisa de mulher”: um estudo fenomenológico crítico da experiência vivida de adoecimento na construção da subjetividade masculina. Em: M. Tassigny & P. Passos (Eds.), *Temas em Psicologia I: experiências em pesquisa* (1a, pp. 293–308). Fortaleza: UNIFOR. https://www.researchgate.net/publication/299701571_ADOECER_E_COISA_DE_MULHER_UM_ESTUDO_FENOMENOLOGICO_CRITICO_DA_EXPERIENCIA_VIVIDA_DE_ADOECIMENTO_NA_CONSTRUCAO_DA_SUBJETIVIDADE_MAS

CULINA

- Britzman, D. P. (1996). O que é esta coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, 21(1), 71–96. <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71644/40637>
- Caminha, A. (1995). *Bom-crioulo*. São Paulo: Ática.
- Campagnaro, S., Semensato, A. C. R., & Vieira, J. A. (2013). Amor romântico: crítica de jean-paul sartre. *Akrópolis*, 21(1), 17–24. <https://doi.org/https://doi.org/10.25110/akropolis.v21i1.5210>
- Candido, M. R. (2016). Pederastia: ritual de passagem na formação do jovem cidadão ateniense. Em A. M. Esteves, K. T. Azevedo & F. Frohwein. *Homoerotismo na antiguidade clássica* (2ª ed.). Rio de Janeiro: UFRJ.
- Carneiro, A. J. S. (2015). A morte da clínica: movimento homossexual e luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil (1978-1990). *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História*. Associação Nacional de História. <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/34-snh28?start=20>.
- Castro, T. G., & Gomes, W. B. (2011). Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: traduções e tendências. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(2), 153-162. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200003>.
- Conselho Federal de Psicologia (1999). *Resolução CFP nº 001/99*. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf.
- Cordeiro, F. C. (2019). A bixa-preta na escola e nas redes sociais: da afetividade de uma vida à hipersexualização de um corpo. Dissertação (mestrado em educação). Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. 142f. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/65503>
- Corino, L. C. P. (2006). Homoerotismo na Grécia antiga – homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. *BIBLOS*, 19, 19-24.

<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/249>.

- Corrêa Júnior, S. P., Vieira, G. H., Gomes, H. L. N., Freire, L. A., & Lobo, M. F. (2010). Homossexualidade e construção de papéis. *Revista de Psicologia*, 1(1), 43–48. <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/46>
- Cortês, R. C. S., & Souza, M. L. (2019). “A homossexualidade não era uma coisa que eu estava disposto a aceitar”: narrativas de um estudante negro, gay e de classe popular. *ODEERE: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB*, 4(7), 23-42. <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i7.5137>
- Costa, A. B., & Nardi, H. C. (2015). O casamento “homoafetivo” e a política da sexualidade: implicações do afeto como justificativa das uniões de pessoas do mesmo sexo. *Revista Estudos Feministas*, 23(1). <https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n1p137>
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Daltio, D. A. (2012). Cônjuges do mesmo sexo e casais gays. Dos dados do IGBE à Divulgação na imprensa, sob o prisma da ética jornalística. Seminário Nacional de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos. Recuperado de <http://periodicos.ufes.br/gepss/article/view/3865/3080>.
- Davis, D. H. (2020). The Phenomenological Method. In G. Weiss, A. V. Murphy, & S. Gayles (Eds.), *50 concepts for a critical phenomenology*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press.
- Del Priore, M. (2006). *História do amor no Brasil* (2ª ed.). Contexto. (Obra original publicada em 2005).
- Del Priore, M. (2007). Pequena história de amor conjugal no Ocidente Moderno. *Estudos de Religião*, 21(33), 121–135. <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v21n33p121-135>
- Esteves, A. M., Azevedo, K. T., & Frohwein, F. (2016). *Homoerotismo na Antiguidade Clássica* (2ª ed.). UFRJ.
- Facchini, Regina (2003). *Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico*.

Cadernos AEL, 10(18/19), 81-125.
<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/acl/article/view/2510>.

Fanon, F. (2020). *Pele Negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu editora. (Obra original publicada 1952)

Felipe, D. A., & Takara, S. (2018). Corpos negros nos aplicativos de relacionamentos gays: entre discursos, dinâmicas e subjetividades. Em M. Genú, M. P. Abreu & C. L. Teixeira (orgs.) *Práticas corporais, cultura e diversidade*. Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará.

Ferrari, W., Nascimento, M. A. F., Nogueira, C., & Rodrigues, L. (2021). Violências nas trajetórias afetivo-sexuais de jovens gays: “novas” configurações e “velhos” desafios. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(7), 2729-2738. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.07252021>

Ferreira, C. (2010). Imprensa Homossexual: surge o Lampião da Esquina. *Revista Alterjor*, 1(1), 1–13. <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88195>.

Féres-Carneiro, T. (1997). A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(2), 351–368. <https://doi.org/10.1590/s0102-79721997000200012>.

Foucault, M. (2014). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Edição Paz e Terra. (Obra original publicada 1976)

Foucault, M. (1984). *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Edição Graal.

Foucault, M. (1985). *História da sexualidade III: O cuidado de si*. Edições Graal.

Fry, P. (1982). Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In Peter Fry, *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira* (pp. 87-115). Zahar.

Fry, P. (2000). Prefácio. In: J. N. Green. *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (pp. 9-15). UNESP.

- Fry, P., & MacRae, E. (1986). *O que é homossexualidade* (5ª ed.). Brasiliense.
- Gatti, J. (2000). Mais amor e mais tesão: história da homossexualidade no Brasil - Entrevista James Green. *Revista Estudos Feministas*, 8(2), 149-166. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11932/11198>.
- Giddens, A. (1993). A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP. (Obra original publicada em 1992)
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de século.
- Gomes, W. B. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicologia USP*, 8(2), 305-336. <https://doi.org/10.1590/S0103-65641997000200015>.
- Green, J. N. (2000). *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (1ª ed.). Unesp.
- Green, J. N., & Polito, R. (2006). *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Editora José Olympio.
- Guedes, D. D., & Monteiro-Leitner, J. (2007). Modelos de apego, homossexualidade masculina e depressão: Um relato de experiência. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 12(3), 291-297.
- Guimarães, A. F. P. (2009). O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. *Temas Em Psicologia*, 17(2), 553-567. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200023.
- Holanda, A. (2002). *O resgate da fenomenologia de Husserl e a pesquisa em psicologia: a análise de um exemplo na exploração da loucura*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Holanda, A. F. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3(24), 363-372. <https://doi.org/10.14417/ap.176>
- Holanda, A. F. (2014). *Fenomenologia e Humanismo: reflexões necessárias*. Curitiba: Juruá.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Condição no domicílio - Cônjuge ou companheiro(a) de mesmo sexo*. <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3496#resultado>.
- Jesus, D. M. & Oliveira, G. (2021). Questões étnico-raciais em discursos em torno da virilidade masculina negra em contos homoeróticos. *Trabalhos Em Linguística Aplicada*, 60(1), 69–81. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8661910>
- Kern, F. A., & da Silva, A. L. (2009). A homossexualidade de frente para o espelho. *Psico*, 40(4). <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4939>
- León, A. S. (2011). El amor como acceso a la persona Un enfoque scheleriano del amor. *Veritas*, 25, 93–103. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-92732011000200006>
- Lima, M. A. A. (2001). Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil. *Revista Cronos*, 3, 21-30. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-marcus-assis-IMPRENSA-HOMOSSEXUAL-BRASIL.pdf>.
- Lins, R. N. (2012). *O livro do amor: do iluminismo à atualidade* (vol. 2). Rio de Janeiro: BestSeller.
- Lomando, E., & Wagner, A. (2009). Reflexões sobre termos e conceitos das relações entre pessoas do mesmo sexo. *Revista Sociais & Humanas*, 22(2), 113-123. <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/1184/699>.
- Lomando, E., Wagner, A., & Gonçalves, J. (2011). Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(3), 96-109. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000300008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.
- Lopes, A. R., & Nihei, O. K. (2021). Sintomas de depressão, ansiedade e estresse em universitários brasileiros durante a pandemia de COVID-19: preditores e associação com satisfação com a vida, bem-estar psicológico e estratégias de enfrentamento. *PLoS ONE* 16(10): e0258493. doi.org/10.1371/journal.pone.0258493
- Martins, J., & Bicudo, M. A. V. (1989). *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. (vol. 1). São Paulo: Editora Moraes.

- Mello, L. (2005). Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. *Cadernos Pagu*, 24, 197–225. <https://doi.org/10.1590/s0104-83332005000100010>.
- Mesquita, A. M., & Pavia, C. F. (2015). A família homoparental na ficção televisiva: as práticas narrativas do Brasil e da Espanha como relatos as novas representações afetivo-amorosas. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, 58(1). <https://doi.org/10.1590/00115258201543>
- Miskolci, R. (2013). Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas online. *Revista Estudos Feministas*, 21(1). <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100016>
- Moreira Filho, F. C., & Madrid, D. M. (2008). A homossexualidade e a sua história. *Etic - Encontro de Iniciação Científica*, 4(4), 1-8. <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/1646>.
- Mosmann, C. P., Lomando, E., & Wagner, A. (2010). Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais. *Barbarói*, 33, 135–152. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782010000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.
- Mott, L. (1986). Escravidão e homossexualidade. In Ronaldo Vainfas (Org.). *História e sexualidade no Brasil* (1ª ed., pp. 19-40). Edições Graal.
- Mott, L. (2001). A revolução homossexual: o poder de um mito. *Revista USP*, (49), 40-59. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i49p40-59>.
- Mott, L. (2003). *Crônicas de um gay assumido*. Editora Record.
- Mundell, J. A. (2017). As masculinidades de homens negros em Salvador da Bahia. http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373321880_A_RQUIVO_FazendoGenero10Paper.pdf
- Nantes, A. C. (2020). A fenomenologia de Edmund Husserl como método para a psicologia. *Diaphora*, 9(1), 52-57. <https://doi.org/10.29327/217869.9.2-8>
- Nascimento, G. C. M., & Scorsolini-Comin, F. (2019). Significados atribuídos ao

- relacionamento amoroso estável em jovens homossexuais do sexo masculino. *Contextos Clínicos*, 12(1), 48–74. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.121.03>.
- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: revisão integrativa da literatura. *Temas Em Psicologia*, 23(3), 547–563. <https://doi.org/10.9788/TP2015.3-03>.
- Nkosi, D. F. (2014). O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. Em E. A. Blay (Org.) *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura acadêmica.
- Oliveira, G. C., & Sei, M. B. (2018). Vínculo amoroso homoafetivo e psicanálise: um estudo qualitativo. *Temas Em Psicologia*, 26(4), 1787–1801. <https://doi.org/10.9788/TP2018.4-04Pt>
- Oliveira, M. R. G. (2017). *O diabo em forma de gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. Tese (doutorado em educação). Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. 190f. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47605>
- Oliveira, M. R. G. (2018). Por que você não me abraça? Reflexões a respeito da invisibilidade de travestis e transsexuais no movimento social de negras e negros. *SUR 15*(28), 167-179. <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-megg-rayara-gomes-de-oliveira.pdf>
- Oliveira, W. S. (2022). Quem tem medo da bixapreta professora? – (r)existência(s), música(s) e educação. Em: D. Souza, D. Santos, & V. Zacarias. (Org.). *Bixas pretas*. Salvador: Devires.
- Oltramari, L. C. (2009). Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. *Psicologia me estudo*, 14(4), p. 669-677. <https://www.scielo.br/j/pe/a/Xbht7HRKYCC3JZCdzZDfvrj/abstract/?lang=pt#>
- Paoliello, G. (2013). A despatologização da homossexualidade. In: M. A. C. Quinet, A., Jorge (Ed.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização* (pp. 29–46). São Paulo: Segmento Farma.

- Paranhos, M. A. V. O. (2019). *De olho no boy: identidades, consumo e afetividade em aplicativos de relacionamento*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento). Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 242 f.
- Pereira, T. D. (2022). *Negro e gay: do fetiche à discriminação*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFS.
- Peret, E. (2018). Casamento homoafetivo: amor, visibilidade e cidadania. *Revista Retratos*. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/19610-casamento-homoafetivo-amor-visibilidade-e-cidadania>
- Platão. (427?347? a.C./2012). *O banquete*. (1ª reimpressão). São Paulo: EDIPRO.
- Pretes, É. A., & Vianna, T. (2008). História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo. In Wolney Lobato, Cláudia de Vilhena Schayer Sabino, & João Francisco de Abreu (Orgs.), *Iniciação científica: destaques 2007* (Vol. 1, pp. 313-392). PUC Minas. <https://vetustup.files.wordpress.com/2013/05/historia-da-criminalizacao-da-homossexualidade-no-brasil-da-sodomia-ao-homossexualismo-tc3balio-l-vianna.pdf>.
- Queiroz, V. L. P. (2021). Questões em “ser de lá”: notas (auto)etnográficas sobre masculinidade, homossexualidade, negritude e afetividade. *Novos Debates*, 7(1), E7111.
- Ramos, S., & Carrara, S. (2006). A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 16(2), 185-205. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312006000200004>.
- Rios, L. F. (2008). Corpos e prazeres nos circuitos de homosociabilidade masculina do centro do Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(2), 465-475. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232008000200022>.
- Rios, L. F. (2013). Homossexualidade, juventude e vulnerabilidade ao HIV/Aids no candomblé fluminense. *Temas em Psicologia*, 21(3), 1051-1066. <https://doi:10.9788/TP2013.3->

EE14PT

- Ripoll, J. L. (2009). Love in the time of cholera: LGBT rights in Colombia. *Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos*, 6(11), 78–97. <https://doi.org/10.1590/S1806-64452009000200005>
- Risk, E. N., & Santos, M. A. (2021). Formações discursivas sobre homossexualidade e família homoparental em telenovelas brasileiras. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(n. spe 3). <https://doi.org/10.1590/1982-3703003189811>
- Rodemeyer, L. M. (2020). The natural attitude. In In G. Weiss, A. V. Murphy, & S. Gayles (Eds.), *50 concepts for a critical phenomenology*. Evanston, Illinois: Northwestern University Pree.
- Rodrigues, S. G. F. (2018). Igreja católica romana e a homossexualidade: visão da moral sexual católica a partir da análise de documentos oficiais. *Sacrilegens*, 15(1), 124-140. <https://doi.org/10.34019/2237-6151.2018.v15.27067>.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X Revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), 5-6. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.
- Rüdiger, F. (2012). O amor no século XX: romantismo democrático versus intimismo terapêutico. *Tempo social*, 24(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-20702012000200008>.
- Santos, D. K. (2013). As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia. *Rev. EPOS*, 4(1), 1-25. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2013000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.
- Schwarcz, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Shaughnessy, J. J., Zechmeister, E. B., & Zechmeister, J. S. (2012). *Metodologia de pesquisa em psicologia*. AMGH: Porto Alegre.
- Sionek, L., Assis, D. L. M., & Freitas, J. L. (2020). “Se eu soubesse, não teria vindo”: implicações e desafios da entrevista qualitativa. *Psicologia em estudo*, 25, 1-15. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44987>.

- Silva, M. V. M. (2018). *Violência LGTBfóbicas no Brasil: dados da violência*. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Cidadania. <https://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/lgbt/violencia-lgbtfobicas-no-brasil-dados-da-violencia>
- Silva, P. I. (2017). *Afrobixas: narrativas de negros homossexuais sobre seu lugar na sociedade*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação interdisciplinar em educação, linguagem e tecnologias. Anápolis: UEG.
- Silva, V. V. (2006). “De repente do riso fez-se o pranto”: representações e expressões do amor e do sofrimento amoroso (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13760>
- Soares, M. C. (2021). Pensando a consciência coletiva de homens gays: um ensaio para decolonizar o corpo negro. *Aceno*, 8(16), p. 77-90.
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Souza, Y. L. de, Moreira, R. V., Cabral, H. L. T. B., & Souza, C. H. M. de. (2018). A influência das redes sociais digitais na homofobia. *XV Encontro Virtual de Documentação Em Software Livre E Anais Do XII Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online*, 7(1). http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/15057/1125612217
- Sturzenegger, K. F. D., Dullius, V. F., & Peretti, C. (2019). A contribuição da fenomenologia de Husserl para pesquisa em ciências humanas. *Revista eclesiástica brasileira*, 79(313), 426-447. <https://doi.org/10.29386/reb.v79i313.1881>.
- Toniette, M. A. (2006). Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 17(1), 41-52. <http://pessoal.educacional.com.br/up/4660001/9842654/Revista%20Brasileira%20de%20Sexualidade%20Humana%20-%20volume%2017.pdf#page=37>.
- Trevisan, J. S. (2000). *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* (4ª ed.). Editora Record.

- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública [online]*, 39(3), p. 507-514. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>
- Vainfas, R. (1989). *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Campos.
- Veiga, L. (2018). As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. *Revista Tabuleiro de Letras*, 12(1), 77-88. <https://doi.org/10.35499/tl.v12i1.5176>
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2ª ed.). Bookman: Porto Alegre.
- Zago, L. F. (2009). *Masculinidades disponíveis.com: sobre como dizer-se homem gay na internet*. Dissertação (mestrado em Educação). Porto Alegre: UFRGS. 227 f.
- Zahavi, D. (2019). *Fenomenologia para iniciantes* (1ª). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Zamboni, J. (2018). A bicha na emergência da homossexualidade cultural: Peter Fry e o que o inglês não viu. *Psicologia & Sociedade*, 30, e178463. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30178463>.
- Zeferino, H. M. S. (2022). Bixa preta: um estudo não recomendado. Em: D. Souza, D. Santos, & V. Zacarias. (Org.). *Bixas pretas*. Salvador: Devires.

ANEXO I

Normas para transcrição de entrevista gravada

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Do níves de rensa () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição: desvio temático	- - -	... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião.. “ O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...
<ol style="list-style-type: none"> 1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc) 2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por <i>está</i>: tá? Você <i>está</i> brava?) 3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. 4. Números por extenso. 5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa) 6. Não se anota o <i>cadenciamento da frase</i>. 7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa) 8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa. 		

Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP no. 338 EF e 331 D2.

PRETI D. (org) **O discurso oral culto** 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

ANEXO II

PASSO 3 – TRANSFORMAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO EM EXPRESSÕES DE CARÁTER PSICOLÓGICO

	ÍNTEGRA	TRADUÇÕES
1	<p>1. certo... éh:: Linn então vamos lá... você pode me falar um pouco sobre o que é o amor pra você? o que é o amor... vamo lá éh::... pra mim é um conceito amplo que envolve muitas... muitas nuances éh... e tá bem distante tá bem separado do:: do que seria do/do que seria sexo... pra mim sexo e amor são coisas distintas caminhos separados... </p>	<p>Linn afirma que o amor tem muitas nuances e se diferencia muito do sexo. É UM CONCEITO AMPLO SEM UMA DEFINIÇÃO BEM ESTABELECIDA.</p>
2	<p>o amor pra mim tem a ver com afeto... preocupação com o outro doação éh::... doação de si e:: aceitação... aceitação de maneira::... éh:: que não exija qualidades ou enfiLinn.. tem a ver com essa questão do:: de você::... estar para o outro e outro estar éh:: de uma maneira voluntária ((risos dele)) e feliz pra você em qualquer relação de amizade, familiar e também afetivo-sexual se for o caso... na minha opinião assim é o que eu considero... </p>	<p>Para Linn o amor pode ocorrer em qualquer relação e envolve afeto, preocupação com o outro, disponibilidade para aceitar o outro em sua integralidade. É querer estar em uma relação e feliz por estar nela. ELE DEMONSTRA QUE O AMOR É UM MOVIMENTO ATIVO, VOLUNTÁRIO, DIRECIONADO A UMA OUTRA PESSOA.</p> <p>[mas em muitos momentos da entrevista ele fala que não vivenciou o amor porque ele não foi o objeto da paixão, apenas objeto sexual, contando dessa vez uma condição passiva no ato amoroso]</p>
3	<p>que também não tem a ver com paixão... que eu também separo... eu separo as três coisas ((fala rindo))... separo paixão de amor de sexo... pra mim são três coisas diferentes... eu acho o amor um pouco mais tranquilo um pouco mais sereno... do que a paixão que pra mim é algo muito violento e que beira e/e/e que é adoecedor porque é insano porque priva dos sentidos... o amor não o amor é uma coisa mais... que tá mais no nível do racional né... você pode lidar eu acredito...</p>	<p>Linn reafirma a distinção entre amor e sexo e complementa a reflexão incluindo a distinção entre amor e paixão. Para ele a paixão é violenta, adoecedora e nos priva dos sentidos, em contraste ao amor que é mais sereno e racional, o qual ELE pode lidar.</p>

4	e aí não se restringe a relações a/a/ com o par amoroso né... não se restringe a:: relações afetivo-sexuais...	Linn reafirma que o amor não se restringe a relações afetivas-sexuais.
5	<p>certo... E:: e você já viveu isso que você tá me descrevendo como amor na relação com um outro homem?</p> <p>... pois é... éh:: então... aos quarenta e dois anos... ((risos dele)) embora eu não pareça... eu::... acredito que eu não tenha vivido essa experiência... acho que essa experiência me foi negada por uma série de fatores... dentre elas... eu citaria o racismo... dentro da comunidade LGBTQIA+... éh:: e citaria o fato de:: não estar dentro de um padrão::... éh: de beleza... que é tido como branco... magro... joveLinn.. e:: e rico de alguma forma e aí/e aí eu sempre estive à margem desse padrão... mesmo quando joveLinn.. e:: eu acho que isso não me foi ofertado de alguma maneira...</p>	Linn se percebe como alguém que, desde a juventude, teve a experiência do amor negada na comunidade LGBTQIA+ por não atender aos padrões sociais estéticos de magreza, de raça, classe e hoje aos 42 anos, também aos padrões de idade.
6	eu sempre me apaixonei... mas sempre foram paixões platônicas... nunca correspondidas sempre tive uma tendência estranhíssima... acho que estranhíssima não eu acho que sempre acomete a nós homossexuais... que é me apaixonar por homens héteros... que não iriam corresponder de maneira nenhuma ao meu interesse...	Linn expressa que sempre se apaixonou, mas que vivenciou paixões platônicas, impossíveis de serem correspondidas por serem direcionadas a homens heterossexuais. Linn acredita que essa experiência acomete não só ele mas todos os homens homossexuais
7	e nas relações que/que eu me interessei por outro homem gay... e que eu não tive o retorno afetivo... o que eu tive foi o retorno:: sexual... né eu tive o retorno sexual... mas nunca foi... mas em relação ao afeto nunca foi recíproco... nunca... em nenhuma das relações... ou a pessoa se é/ou/ficav/houve algumas situações pontuais... em que o outro se apaixonou por mim eu não consegui re/e éh:: deu/eu não consegui retornar... eu não consegui... responder/corresponder... e nas outras situações eu me	Quanto aos relacionamentos com outros homens homossexuais, Linn relata que teve experiências baseadas na relação sexual, nunca havendo afeto recíproco. Nas experiências em que se sentiu alvo da paixão do outro, ele conta que não conseguiu corresponder. Em sua experiência, para corresponde à paixão do outro não basta apenas querer.

	apaixonei e o outro não correspondeu... e:: e assim foi sendo minha vivência muito baseada muito mais baseada no quesito sexo... do que propriamente no afeto... éh::: eu não vivencie essa relação... isso nunca aconteceu...né...	
8	eu acho que:: é uma situação... é/é nos/eu não sei se é comum mas que pra mim foi assim ((nesse momento ele ficou se balançando sentado como balançando uma perna ansioso)) a vivência que eu tenho a experiência que eu tenho foi essa... de bastante:::... de muita solidão... éhh muita ((gaguejou)) solidão... dentro... da/da própria comunidade que/que não que não na verdade que não nos abra/não abraça quem está fora do padrão... não inclui... quem está fora do que é/do padrão midiático... ou que ta fora do padrão do que a pornografia::: dita como padrão... né o musculoso sarado de abdômen... trincado e tal tal tal que é esse o padrão da/e a representação do gay pela mídia... pela pornografia... por tudo sempre é essa representação como se os outros os outros corpos as outras etnias não existisseLinn.. e aí eu sempre tive nesse campo da invisibilidade inclusive na questão do amor... né os homens não me enxergam ou não me enxergaram durante todo o percurso da minha vida... afe/da minha vida amorosa e sexual...	Linn reforça que dentro da comunidade LGBTQIA+ ele não se sente abraçado, vivenciando bastante solidão. Ele se sente invisível para a comunidade por estar fora do padrão estético corporal e étnico ditados pela mídia e pela pornografia. É uma vivência de inexistência e invisibilidade no que quis respeito ao amor.
9	eu diria que foi um/que foram experiências... e foram dolorosa a/a/as de amor não correspondido... sempre foram experiências muito dolorosas...	Linn relata que o amor não correspondido sempre foram experiências dolorosas para ele.
10	éh::: e eu assiLinn.. eu posso citar um exemplo... eu posso citar um exemplo assim como todo o homem preto... ele vira infelizmente a gente é condicionado por/a/a a ver no homem branco... como todo homem homossexual preto a gente é condicionado a ver no homem	Linn afirma que os homens pretos são condicionados a verem os homens brancos como um padrão a ser alcançado. Ele relata ter se apaixonado por um homem que correspondia ao padrão estético descrito como branco, de olho claro.

<p>branco o padrão e o objetivo a ser alcançado... e aí aos vinte e um anos eu tive uma experiência justamente com um homem que corresponde a esse padrão... branco... de olho claro... enfim tava dentro dos padrões dentro da norma e aí no princípio eu não me interessei mas com o passar da nossa convivência que era um pouco amizade um pouco sexo eu me interessei... me apaixonei por ele...mas... perce/percebia sempre que ele tava procurando outras pessoas e ele me relatava as experiências de tá buscando outras experiências sexuais... de tá se apaixonando por outras pessoas... pra piorar ele ainda era bissexual/quer dizer pra piorar... horrível dizer pra piorar ((fala sorrindo)) mas ainda tinha essa questão né eram homens e mulheres disputando comigo... e aí... éh um belo eu can/eu tava muito sofrido né... falei pra/éh... éh:: falei pra ele que tava apaixonado ai ele disse que “não a gente tem que ver isso...” e tal mas não era éh::... não era correspondido... não havia correspondência nenhuma era só da minha parte... e foi uma experiência bastante dolorosa porque... enquanto eu estava ali convivendo com ele e de uma maneira apaixonada né... em paixão... amando... ele estava éh:: se relacionando com outros homens né e com outras mulheres e ainda que eu estivesse ao lado... ainda que eu estivesse na companhia dele eu tinha que... assistir... ou ver... ele ou saber ou ouvir dele as experiências... o relacionamento dele com outros homens assim com outras mulheres era muito do/era muito doloroso... essa foi uma das experiências mais dolorosas da minha vida assiLinn.. e foi por volta dos vinte e um vinte e dois anos vinte e três... acho que durou isso tudo foi um tempo que/que eu considero de abuso... uma relação abusiva mas acho que nem</p>	<p>Segundo ele a relação envolvia amizade e sexo. O interesse deste homem por outras pessoas, incluindo mulheres, o fez sentir estar disputando (interesse do homem por ele? Interesse afetivo?) Ao se declarar apaixonado ele soube que não era correspondido da mesma forma e esta foi uma experiência bastante dolorosa. Ele faz uma equiparação entre estar apaixonado e amando esse homeLinn Ele relata ter sido doloroso saber detalhes das experiências do homem, por quem ele estava apaixonado, com outros homens e mulheres. Acrescentando que foi uma das experiências mais dolorosas de sua vida. Linn acredita que essa relação tenha durado aproximadamente dois anos, em que ele serviu sexualmente ao homem conforme o desejo deste, o que ele considerou abusivo. Linn acredita que o homem não o via como uma possibilidade amorosa.</p> <p>Linn RELATA QUE SOFREU BASTANTE AO SE RELACIONAR COM UM HOMEM QUE CORRESPONDIA AO PADRÃO ESTÉTICO DESCRITO COMO BRANCO E DE OLHO CLARO. NESSA RELAÇÃO Linn SE SENTIA USADO SEXUALMENTE, DESTITUIDO DA POSSIBILIDADE DE SER OBJETO DE AMOR E AFETO.</p> <p>PARA Linn, NO INÍCIO DESSA RELAÇÃO HAVIA APENAS SEXO E AMIZADE, MAS POR ACREDITAR QUE O HOMEM PRETO VIVE UM CONDICIONAMENTO AFETIVO, ELE PASSA A DESENVOLVER UMA PAIXÃO E A AMAR ESSE HOMELinn</p> <p>ESTA É CONSIDERADA POR ELE UMA DAS EXPERIÊNCIAS MAIS DOLOROSAS DE SUA VIDA, POIS, ALÉM DE NÃO SER CORRESPONDIDO ELE PRESENCIAVA MOMENTOS EM</p>
--	--

	<p>era a intenção dele acho que porque era assim mesmo né... ele não me via como uma possibilidade... éh me via como:... alguém a servi-lo sexualmente quando assim fosse interessante... pra ele... éh:: foi... assiLinn.. foi essa:... essa foi a experiência... e aí as outras experiências aí...</p>	<p>QUE O TAL HOMEM SE ENVOLVIA COM OUTRAS PESSOAS.</p>
11	<p>até que eu descobri... e aí saindo do condicionamento... que nós somos condicionados né... é uma lavagem cerebral éh:: quando eu descobro/eu descobro:: o movimento preto aqui no Rio e começo a ter contato... com pessoas... do movimento... aí eu começo a entender o que que tava acontecendo aí já isso já tava lá pra lá dos trinta anos... mais de trinta... comecei a entender o que tava acontecendo... que fenômeno tava acontecendo... por que que eu não era/por que que as pessoas não me enxergavaLinn.. por que que::... nas:: baladas que eu frequenta na noite gay que eu frequentava eu não era visto por que que eu sempre voltava sozinho pra casa... por que que amigos estavam sempre se relacionando e eu não... e aí eu entendi que tinha muito a ver com a questão da raça da minha etnia... e aí eu descobri que eu não estava só que tinham outros homens gays pretos que estavam vivenciando a mesma coisa e eu me sentia acompanhado e/e/e comecei a ler relatos e aí foi muitO reconfortante... né porque até então eu achava que era/o que que eu estava fazendo de errado pra ser tão só? enfiLinn..</p>	<p>Linn afirma que saiu do condicionamento quando ele descobre o movimento preto e começa a entender o que estava acontecendo, por volta de seus trinta anos. Com esse contato, ele afirma ter entendido os motivos pelos quais ele não era enxergado e por que os amigos encontravam companhia e ele voltava sozinho para casa: a questão da raça e da sua etnia.</p> <p>Ao ter contato com o movimento negro, ele descobriu que não estava só, pois tinham outros homens gays pretos passando pela mesma experiência, se sentindo acompanhado e reconfortado. Até esse momento Linn se questionava sobre estar fazendo algo de errado para ser tão só.</p>
12	<p>e aí comecei a descobrir éh:: que não era só eu e descobri que havia um padrão também de homem preto... que:: na verdade é uma/uma ferramenta pra não estar só... que é:: obedecer ao estereótipo né homem preto... ativo... dentro do universo gay né... homem preto ativo... com comportamento bem</p>	<p>Com o contato com o movimento negro, Linn descobriu que também havia um padrão dentro da comunidade LGBTQIA+ em relação aos homens pretos: estereotipados como ativos, dominadores, com comportamento heteronormativo, fetichizados, objetificados para que conseguissem visibilidade. Segundo Linn, o homem que</p>

<p>heteronormativo dominador... éh:: que aí atende... aos fetiches... e aí ele atendendo aos fetiches e sendo objetificado aí siLinn.. ele consegue algum tipo de visibilidade... né e aí eu acho que ele consegue ter um:: a vida sexual um pouco mais ati/éh:: mais ativa... e eu:: talvez não tenha entrado ni/não e as pessoas até confundiam né... em um primeiro momento elas olham e veLinn.. esse estereótipo e se interessam por esse estereótipo... ao descobrir que não é bem assim éh:: realmente as coisas mudam completamente de figura... eu não sei se eu tô fugindo do tema... não sei ((riso dele))...</p>	<p>corresponde a esse padrão consegue ter uma vida sexual um pouco mais ativa. Linn relata que as pessoas o confundiam com o estereótipo de homem preto, ativo, mas ele nunca se enquadrou nesse estereótipo. E quando elas descobriam perdiam o interesse, desistiam dele.</p>
<p>13 você tá falando o que é importante pra você né... o que passou pela sua vivência e como você se sente com relação a tudo isso né... éh:: siLinn.. e aí éh:: bom até que eu comecei ((gaguejou)) e aí eu enxerguei e aí é um aprendizado co/engraçado e aí é um exercício tá... é como você sair de uma hipnose... comecei a enxergar beleza nos outros homens pretos... e aí eu o/éh éh... embora eu já tivesse me relacionado sexualmente com homens pretos... engraçado de uma maneira inconsciente... eu tivesse tido... boas experiências... sempre sexuais nunca afetivas com outros homens pretos eu... não tinha entendido ainda que eu podia me apaixonar por outros homens pretos... pretos de pele escura... ainda vai ter essa/essa... ainda vai ter toda essa/essa/essa questão... e aí eu:: comecei a me interessar e:: e a tentar me relacionar com eles... a questão é que esses homens eles estão voltados pro::... a atenção deles está totalmente voltada pra... pro homem branco... e aí é outro sofrimento que eu me interessava e aí como ele não... eu já tive de tudo assiLinn.. já ouvi... de eu só gosto de homem branco...</p>	<p>Linn conta ter sido um exercício realizado, um aprendizado, começar a enxergar beleza em outros homens pretos. Para ele é como ter saído de uma hipnose. Ele fala que apesar de já ter se relacionado com outros homens pretos, tendo sido boas experiências sexuais e nunca afetivas, ele não havia entendido que podia se apaixonar por homens pretos e pretos de pele escura. A partir disso, Linn passou a se relacionar com homens pretos, mas conta que a atenção, o interesse, destes está totalmente voltado para os homens brancos. Ele relata que já teve experiências de se interessar por homens pretos e ouvir que eles só gostavam de homens brancos. Ele se sentia hipnotizado a ponto de não enxergar beleza em homens preto, inclusive em homens pretos de pele escura. Embora ele tenha passado a se interessar por outros homens preto, era um sofrimento para Linn que em alguns momentos chegou a ouvir que aqueles homens pretos por quem ele se interessou só gostavam de homens brancos.</p>

14	<p>éh:: já/já já tive ((gaguejou) ensaiei uma tentativa de relacionamento muito recentemente acho que em dois mil e dezessete... ensaiei uma tentativa de relacionamento estável... que não durou porque simplesmente eu não tava preparado praquilo e ele também não tava e::: ele era uma pessoa muito invasiva... entrou na minha vida de um jeito muito::... tomando ocupando os espaços... fazendo contato com as minhas amizades e/e/e e tomando um espaço que eu ainda não tinha permitido... que eu não tinha dado acesso... e eu/aí realmente não foi legal... foi muito invasivo foi muito desconfortável e era um homem preto e eu nunca mais tive mais contato com ele éh:::... e aí na questão... éh:::... isso foi em dois mil e dezoito</p>	<p>Linn diz que em dois mil e dezessete/dezoito ele teve uma experiência de relacionamento com um homem preto que não durou pois ele não estava preparado. Acrescenta que o homem era muito invasivo e que entrou na sua vida contatando seus amigos e ocupando espaços que ele não havia permitido. Ele refere que foi uma experiência desconfortável.</p>
15	<p>mas o que eu queria dizer que seria acho uma/uma/uma uma revelação chocante ((ele ri)) tudo isso...</p>	<p>Linn fala que vai fazer uma revelação chocante</p>
16	<p>é que diante dessa invisibilidade... de não enxer/de não ser visto... ou ser visto apenas como estereótipo...</p>	<p>Linn começa a falar que diante da invisibilidade ou de ser visto apenas como estereótipo, mas não conclui a frase</p>
17	<p>e por eu ser uma pessoa que valorizo muito... que na verdade o que me desperta é o flerte... é o trocar de olhares e um pouco... esse jogo da sedução... éh: da conquista amorosa isso é o que me desperta e me desperta pra tudo inclusive sexualmente... isso também dificultou muito as coisas porque na verdade não é bem assim que funciona a roda do sexo no universo gay masculino... essa roda ela gira em torno do::: éh::: da onde você tá falando éh::: você tá perto vem aqui vamo lá tira a roupa e::: e isso pra mim não funciona... isso pra mim não funciona não funciona... talvez eu/eu tenho essa parte muito ligada ao feminino... acho esse lado meu muito ligado ao feminino... se bem que tem mulheres que conseguem fu ((gagueja)) mas enfiLinn.. éh::: mas</p>	<p>Linn CONSIDERA-SE A SEDUÇÃO FUNDAMENTO PARA O ENVOLVIMENTO AFETIVO E SEXUAL, O QUE DIFICULTA A VIVÊNCIA DE RELACIONAMENTOS SEXUAIS E AFETIVOS COM OUTROS HOMENS GAYS QUE ELE CONSIDERA SEREM BEM MAIS DIRETOS, VALORIZANDO O ENVOLVIMENTO SEXUAL EM DETRIMENTO DO AFETIVO. ELE RELACIONA AINDA SEU COMPORTAMENTO AFETIVO AO FEMININO.</p>

	eu/eu considero que eu preciso desse:: desse contexto...	
18	e não fico confortável nessa coisa dos aplicativos... da pegação... embora tenha vivenciado tudo isso... pegação de/de cinema pornô... pegação de sauna... pega/tenha tido tudo isso e tenham sido experiências/todas essas experiências foram traumáticas... muito ruins porque... são experiências violentas e abusivas... onde você éh:: instâta/onde tudo é instantâneo... a rejeição é instantânea... o/o/o:: a invisibilidade é instantânea tudo isso é instantâneo	Linn conta que não fica confortável na utilização de aplicativos, de pegação. Linn relata que embora tenha vivenciado essas experiências, bem como pegação em cinema pornô e sauna, ele considera terem sido muito ruins e traumáticas, de violência e abusivas. Segundo ele tudo é instantâneo, inclusive a rejeição e a invisibilidade.
19	e aí ãh/ãh:: a revelação chocante que eu faço é que eu já passei período de dois anos sem nenhum tipo de contato sexual... a não ser masturbatório... mas sem nenhum tipo de contato sexual com outro homeLinn.. tamanho o nível da solidão assiLinn.. tamanho o nível da minha invisibilidade::... de eu também/e da falta de traquejo porque eu... como é que eu... como é que eu fluo nesse meio? como é que eu ando nesse meio? o que quer de mim? uma potência sexual que eu não tenho que eu não quero... que não me/me/onde não há afeto envolvido... como é que eu vou fluir nisso? eu não conseguia e aí... foi o celibato involuntário da pior... na pior definição assim né... na pior definição de ser celibatário::... por falta de opção por você não ter pessoas dispostas a interagir com você sexualmente...	Linn retoma que a revelação chocante que ele faz é que já passou por um período de dois anos sem nenhum tipo de contato sexual a não ser masturbatório. Ele utiliza desse relato para expressar o seu nível de solidão e de invisibilidade. Linn acredita que além disso, falta-lhe traquejo para fluir no meio (homossexual?), se questionando acerca de quais posturas ele tem que ter, sobre o que as pessoas esperam dele e como que ele pode querer fluir onde não há afeto? Ele conta que foi um período de celibato involuntário na pior definição, pois não haviam pessoas dispostas a interagir com ele sexualmente.
20	e aí éh: éh::... e:: e aí eu acho que explica bastante a questão do:: da não correspondência né... do/do do amor por que ess::/ éh::: como eu dirijo ah:: a minha afetividade... aí... de maneira... tambéLinn.. eu acho que também condicionada... pra homens que/que obedecem a um padrão heteronormativo né... são homens que tem ((fala gaguejando)) que são obede/que são com voz	Linn relata o que explica a não correspondência de amor a ele, referindo a maneira, também condicionada, que ele direciona sua afetividade para homens que obedecem a um padrão heteronormativo, de voz grossa, por exemplo. Para ele infelizmente é um condicionamento que demanda de um exercício para sair dele e conseguir se relacionar com homens efeminados.

	grossa infelizmente também é um condicionamento e é um exercício você sair disso pra::... se relacionar com homens mais efeminados...	
21	<p>eu tive rela/eu tentei... eu tive relações com homens efeminados mas... onde eu era o objeto da paixão mas nunca o apaixonado... eu nunca amei esses homens...</p> <p>a. me fala mais sobre isso</p> <p>b. [né e até o sexo era ruiLinn.. porque eu não tinha interesse...</p>	Linn conta que já teve relações com homens efeminados em que ele era o objeto da paixão, mas nunca o apaixonado, afirmando que nunca amou esses homens e que o sexo era ruim pois ele não tinha interesse.
22	<p>e aí eu:: e homens brancos... e aí eu diria que... é isso aí não sei perdi o fio da meada peraí... eu acho que é isso... ah eu/eu acho que essa questão do...do do não ser correspondido tem a ver com isso né... eu querer esse tipo de homeLinn.. esse tipo de homeLinn.. em geral ele é uLinn.. ele é heterossexual ou ele quer apenas... na verdade eu num:::.... não...</p>	Linn acredita que não é correspondido por querer (se relacionar?) homens que em geral são heterossexuais ou que querem algo, mas não conclui a frase.
23	<p>e/e e eu/eu sempre e aí eu comecei acreditar que eu não tinha atrativos suficientes pra despertar interesses... (falei assim) o que que eu estou fazer/não... o que que eu tenho que fazer... pra despertar interesses nesses homens? ao mesmo tempo paralelamente eu tinha eu tenho amigos... colegas... que são gays também que::: tavam entrando e saindo de relações entrando e saindo de relacionamentos e eu não tinha essa história pra contar... né... éh::: e eu tô falando dos meus amigos bran/de amigos brancos ou pretos de pele clara... que tem essa passabilidade... onde eles conseguem siLinn.. éh::: quanto mais se aproximam do branco:: mais feliz são... e::: eu isso eu tô falando desde o princípio assiLinn.. éh como eu comecei a minha vida sexual aos dezesseis anos e eu/eu eu tenho um amigo de infância que é gay também e a gente conviveu a infância toda e ele tem a pele bEm mais clara do que a minha... e eu com/eu seu sempre</p>	<p>Linn acreditava que não tinha atrativos suficientes para despertar interesse de outros homens e passou a se perguntar o que ele tinha que fazer para despertar interesse. Conta que seus amigos, brancos ou pretos de pele clara, se relacionavam e ele não. Para ele os amigos pretos de pele clara têm mais chances de se relacionar, são mais felizes. Ele denomina essa facilidade de se relacionar de passabilidade.</p> <p>Linn teve um amigo de infância, preto de pele clara, com quem ele se comparava bastante, enquanto seu amigo se relacionava com outros caras ele relata que vivia em solidão absoluta. Ele conclui que isso se devia a diferença de tonalidade de pele entre eles. Enquanto o amigo de aproximava do padrão, devido ao seu tom de pele “menos preto”, ele de pele bem escuta se via fora do padrão.</p>

	<p>tive ele como comparativo... sempre eu vi muito feliz nas relações dele... trocando de namorando a cada duas semanas e eu numa solidão absoluta... éh:: então eu não consigo dissociar a minha::: a minha condição de homem preto de pele bem escura gay... de/de:: outra:: das outras das outras condições... das outras condições de homens gays de pe/pretos de pele clara de homens brancos... padrÃO... que estão no padrão...</p>	
24	<p>importante é esta/dentro do padrão... né... padrão é muito... é uma coisa muito cruel e muito forte... padrão é excludente... padrão exclui e eu tô dentro do grupo de exclusão... desse padrão aí... né... éh::: das pe... das pessoas que são tidas como não merecedoras de afeto de amor de cuidado... ao contrário né como eu como eu sou visto como um corpo que só serve pro sexo... éh::: é como se eu não tivesse capa/é como se eu não merecesse não pudesse ter acesso a qualquer outro tipo de afeto... fora da cama ou fora da pegação ou fora do sexo anônimo... fora das saunas... fora do (guido)... dos/dos guetos de prostituição... éh::: que pra mim sempre foi assim na verdade né...e que... e que na verdade me desestimulou muito assiLinn.. me desestimulou</p>	<p>Linn acredita que o padrão é excludente, cruel, forte e que ele se encontra entre os excluídos do padrão. Estes ele considera não merecedores de afeto, amor e cuidado, e sim apenas um corpo destinado as práticas sexuais, pegação em locais como as saunas e guetos de prostituição. Isso o desestimulou muito.</p>
25	<p>eu me/eu me desinteressei... pra me proteger... eu passei um tempo desinteressado de sexo... porque me machucava... e passei um tempo tentando não me interessar por outros homens porque também como nunca sou correspondido... eu falei assim “ah também não quero” e passei também um tempo negando isso... éh bloqueando... éh:::... qualquer tipo de interesse... éh:::... porque eu acho que:: não há éh::: realmente... e acho muito::... éh::</p>	<p>Como forma de proteção para não se machucar, Linn assume ter passado um tempo desinteressado por outros homens, negando qualquer tipo de interesse por sentir que nunca era correspondido.</p>
26	<p>As pessoas acham positiva... éh::: essa/essa que/a exposição dos</p>	<p>O mesmo padrão ele identifica nos homens famosos e considera a exposição</p>

<p>homens famosos gays... como eles expõem a vida amorosa deles... eu acho um pouco empobrecido porque eles são sempre gays padrões né... éh::... e aí é um saco porque você::... continua invisibilizando os outros grupos... né... e aí posando muito felizes... no caso dos cantores... jornalistas né... que agora ta muito em voga... declarações de amor na televisão... muito... tudo muito... éh::: exposto né... mas de uma maneira/mas ainda assim tido como algo que não é comum que não é padrão com uma certa desvalorização siLinn.. e que::... e que põe de lado to::da uma outra:: diria toda uma outra ((ele ri)) uma outra população... que não tá dentro desses:: desse padrão...</p>	<p>de suas vidas amorosas como algo empobrecido e que segue mantendo outros grupos invisíveis. Linn acredita que o fato dos famosos, cantores, jornalistas, posarem felizes, expondo declarações de amor, é considerado como positivo pelo público; mas para ele, é uma forma de desvalorização daqueles que não se enquadram no padrão.</p>
<p>27 éh:: aí eu tenho tem um termo que eu acho incrível de ressignificação... éh::... que eu acho muito bom que a comunidade criou que acho que... do próprio movimento negro que também nega a nossa existência... a gente também não é abraçado pelo movimento negro</p> <p>a. a gente quem? b. [e aí o termo</p> <p>éh:: ah::</p> <p>a. homens b. [existe::</p> <p>o/o movimento negro é homofóbico... é homofóbico e machista... e misógino ((risos dele)) então::... o termo “bicha preta”... eu acho... ressignificaram isso... e agora criou um sentido de po/muito poderoso muito empoderado... e surgiram figuras incríveis... éh:: não/quer dizer... éh::: a Linn da Quebrada... e outras figuras muito interessantes... com uma fala muito esclarecedora... muito poderosa... que aí traz uma autoestima que... que fala fala que... de alguma forma elas falam de amor... e/e se apresentam e dizem a gente existe a gente tá aqui a gente quer afeto a gente quer amor a</p>	<p>Linn conta que o movimento negro também nega a existência dos homens gays pretos, que o movimento é homofóbico, machista e misógino. Em oposição a isso, Linn encontrou um outro movimento pela fala de algumas figuras que ele considera interessante. São falas de empoderamento, de esclarecimento, poderosas, que estimulam a autoestima e que defendem que homens como ele também precisam de amor, de afeto, de visibilidade e também de sexo. Ele acredita que esse movimento desobriga o homem gay preto de performar masculinidades baseadas na virilidade, que pode ser ou não traço da personalidade desses homens. A partir desse discurso, homens como ele, que não se enquadram no padrão (ele cita: negão, fortão, ativo, que tem pegada), passam a existir. Linn considera o termo “bicha preta”, ressignificado por esse movimento, sensacional, pois, dá visibilidade e fortalece aqueles que são excluídos da norma branca e heteronormativa.</p>

	<p>gente quer sexo também e a gente quer ser vista... a gente merece isso... e aí eu éh/éh/éh esse movimento eu acho sensacional tá... eu acho sensacional... e desobriga... éh éh desobriga... da figura do gay preto do homem gay preto... o desobriga de performar uma masculinidade uma Virilidade que não é natural que a gente não quer que você pode ou não... você pode ser ou não um traço da sua personalidade... e se não for ok... se você não faz o tipo do negÃO... que é fortÃO ativo que tem pegada que tá dentro desse estereótipo que é o único estereótipo que teLinn.. que consegue se infiltrar e consegue visibilidade... se você não tá dentro desse grupo... que você tambéLinn.. existe... né e aí... é muito interessante esse éh/éh esse movimento que começou com esse termo eu adoro o termo bicha preta... eu acho sensacional ((fala rindo)) porque eu acho que dá visibilidade traz força pra uma série de outras populações e... que::: não::: que não é branca ((ele ri)) heteronormativa... é isso não sei...acho que... acho que é isso... não sei mais...não sei mais o que falar a respeito ((fala rindo))... seria::: seria isso...</p>	
28	<p>acho que... se eu fosse responder sobre vivência amorosa... éh::: apesar da/da idade né... onde a gente tem tantos outros exemplos de casais homoafetivos viven/éh/éh eu acho que isso que a gente/isso/isso me foi negado e ao me ser negado e eu/eu não ter vivenciado isso... eu não aprendi... eu não aprendi... quando tava todo mundo namorando e/e ensaiando relacionamentos... na adolescência... eu estava travando uma batalha profunda contra a minha sexualidade... tentando esconder omitir tentando performar pra não sofrer bullying na escola... eu tava fazendo um esforço... sobre-humano pra me esconder pra esconder a</p>	<p>Linn sente que a vivência amorosa lhe foi negada, pois, no período da adolescência em que todos estavam se relacionando, ele vivia conflitos internos em relação a sua sexualidade, tentativas de esconder sua orientação sexual, performando uma sexualidade que não era a sua para não sofrer bullying na escola, para não sofrer ataques homofóbicos. Diante disso, Linn acredita que não ter aprendido a se relacionar.</p>

	<p>minha ori/a minha condição sexual... pra não ser/prá não sofrer ataques homofóbicos nos meios que eu circulava... e tava todo mundo frequentando bailinhos e etcetera...</p>	
29	<p>eu/eu venho de uma família disfuncional né... uma família disfuncional onde... éh:: éh::... de pai e mãe dois ir/mais dois irmãos onde meu pai era alcóolatra... e um pai alcóolatra... que/abusivo... no senti/abusivo no sentido de::... de provocar uma vida:: terrível pra todos nós de muito medo de impor medo... de impor violência e aí vem éh éh eu venho dessa história e aí tudo isso</p>	<p>Linn afirma ter vindo de uma família disfuncional, de pai, mãe e dois irmãos em que o pai era alcóolatra, abusivo, violento e impunha medo em toda a família.</p>
30	<p>e/e/e me descu/e/e me afirmo... assim eu percebo aos dez anos de idade que a minha sexualidade não será outra... que não aquela... eu não vou gostar de outra eu não vou me interessar por outras pessoas... que não homens... isso se dá aos dez anos de idade... então na adolescência quanto tava ali todo mundo namorando ah eu fiquei com fulano fiquei com beltrano todo mundo... todo mundo namorando no sentido... os heterossexuais namorando... e tendo suas relações aprovadas e incentivadas eu tava escondendo a minha... negando a minha sexualidade e aí eu acho que não aprendi... na épo/na hora que eu tinha que aprender porque eu falei assim eu/eu não aprendi a me relacionar então eu/eu éh éh a gente vai... experimentando no decorrer da vida como é que se faz pra viver junto?... como é que faz como é que é uma relação estável? como é que faz pra você não ter que trocar de/de par sexual todo santo dia? ((ele ri)) eu não sabia como...</p>	<p>Aos 10 anos de idade Linn se deu conta de que se interessava somente por homens e na adolescência, enquanto os amigos heterossexuais namoravam e tinham suas relações incentivadas e aprovadas, Linn se escondia e negava sua sexualidade. Linn se perguntava como se faz para viver junto? Como é uma relação estável? Como não trocar de parceiro todo dia? Reafirmando que não aprendeu a se relacionar no momento em que acha que deveria ter aprendido.</p>
31	<p>pra mim era e/prá mim era assim pra mim o universo gay... era isso... era um parceiro a cada dia um parceiro a cada noite... quanto mais melhor tinha que ser assiLinn.. o sucesso... ter sucesso... sexu/amoroso sexual</p>	<p>Para Linn no universo homossexual o sucesso amoroso sexual era caracterizado pela troca constante de parceiros. Ele tinha como parâmetro um amigo que sempre estava com alguém, se</p>

	<p>era isso era essa troca... né... e com/e aí eu tinha esse meu amigo que era o comparativo que eu fazia o/o eu comparava ele est/ele começou/e aí tinha... ele ia pro carnaval e não voltava e desaparecia porque ele tinha encontrado um/algum que tinha/e eu voltava do carnaval só... e eu voltava da noite só... e:: e:: e aí isso me gerou eu tinha inveja tinha raiva... tinha mágoas... e eu cortei relações com esse amigo que eu já não sabia mais conviver com isso... hoje a gente se fala... já adultos... mas a relação nunca mais foi a mesma... éh::... e ve/e cortei relações com muitos amigos gays... engraçado... muitos... mesmo eu tive um amigo preto... homem éh:: homem bissexual... e::: que também cortei relações porque achava que de alguma forma... ele:: por seguir esse padrão... heteronormativo ele tinha muitos relacionamentos... eu não sabia lidar com isso eu não sei lidar com isso e aí eu... eu acaba me distanciando... também era uma relação esquisita meio abusiva e aí eu:: acabei...</p>
<p>32</p>	<p>o que importa disso tudo é que::... eu com/eu constato que eu não sei viver junto eu não sei... éh::... não sei na verdade o que se trata quando você fala assim vivência amorosa ((ele ri)... gay homossexual eu não sei exatamente do que se trata porque eu não tive essa vivência... e eu considero que essa vivência foi realmente negada foi uma éh:::... foi negada pelas pela minha condição... não tive... eu não não não fiquei anos com ninguém Linn.. ou períodos longos com relações estáveis de troca de... intimidade... de confiança... éh onde as famílias se conhecem não não não sei nem do que se trata isso nem sei como é como deve ser isso... e acho que envelhecerei dessa forma sem experimentar tudo isso...</p> <p>Linn afirma não ter vivenciado uma experiência amorosa homossexual de convivência de um casal morando em um mesmo ambiente, com intimidade, em que as famílias se conhecem, ou ainda a vivência de um relacionamento que durasse anos. Ele acredita que essa experiência lhe foi negada por conta de sua “condição” e que não conseguirá experienciar isso enquanto envelhece.</p>

33	<p>assiLinn.. é ah e... é claro que tudo isso me causou uma série de sofrimentos... me causou uma série de sofrimentos... que resultaram óbvio numa::: num::: transtorno depressivo... éh:::... que me levou a buscar ajuda psiquiátrica e terapêutica... éh éh ajudas que eu não posso abrir mão assiLinn.. porque:::... eu... por vários éh::: por e... por esse:::... porque por e/por essas vivências eu muitas vezes pensei em morrer tive pensamento suicidas porque:::... porque e/e inclusive por causa do questionamento dos outros né... por que que você está com trinta anos e não está casado? por que que você está com trinta anos e não tem ninguém? e com os homens que eu me relacionava... ainda que fosse só superficial e sexualmente eles me perguntavam por que você está sozinho? e isso é uma pressão absurda né... porque (falei assim) eu estou sozinho mas não é por culpa minha ((fala rindo)) a culpa não é minha talvez seja... em parte... mas a culpa não é completamente minha... e esse as pessoas impõe até hoje elas... pressionam por uma satisfação... você tem que dar satisfação da sua vida sexual amorosa... por que que você é um homem só? (e eu falei assim) eu sou um homem só porque eu sou um homem homossexual preto... retinto... que faz toda a diferença... e::: mas as pessoas pressionam eu/eu sofro muita pressão nesse sentido... eu sou muito cobrado socialmente... e tenho uma vida muito solitária... pouquíssimos amigos... uma família muito distante... tenho dois irmãos heteros... que:::... que são distantes...</p>	<p>Sua experiência de ser um homem homossexual preto e a dificuldade de experimentar relações mais profundas e longas gerou muito sofrimento e culminou em um transtorno depressivo, com ideações suicidas. Linn buscou tratamento psiquiátrico e terapêutico dos quais afirma não poder abrir mão. Linn relata sofrer muita pressão social. Esta contribuiu para o agravamento do sofrimento, à medida em que as pessoas lhe perguntavam por que estava sozinho aos 30 anos e Linn sentia precisar dar satisfação de sua vida sexual amorosa. Para ele a razão de sua solidão está relacionada ao fato de ser preto retinto e homossexual e também ter poucos amigos e ser distante da família, inclusive dos dois irmãos heterossexuais.</p>
34	<p>é na verdade nunca isso nunca foi uma questão isso nunca foi colocado na mesa... nunca fiz essa revelação que todo mundo faz questão de reunir todo mundo pra dizer que é gay... isso nunca aconteceu na minha</p>	<p>Linn relewa que nunca expôs para sua família sobre sua orientação homossexual, embora acredite, inclusive, que sua mãe e seus irmãos sabiam, mas não só eles, Linn acredita que todos sabem, porém fazem de conta que não e</p>

<p>casa ((ele ri))... como minha mãe era uma mulher muito sofrida porque tinha um marido alcóolatra... meus dois irmãos se envolveraLinn.. com/em dependência química fizeram uso de... cocaína álcool e aí eu como filho caçula tinha esse essa expectativa de/da perfeição do que ia pra faculdade do que tava estudando e aí eu achei por bem nunca contar pra ela... né... que eu era gay embora acho tenho certeza que ela sabia como tenho certeza que meus irmãos sabeLinn.. e como tenho certeza que todo mundo sabe e as pessoas ficam fazendo de conta que... você não precisa dizer né... e por que que a gente tem que... por que tem que ser assim? mas foi assim que foi... éh éh todo esse percurso né... até aqui tem sido assiLinn.. enfim é isso ((risos dele))... éh::... eu acho que:: eu acho que é isso... é o que::... é o que ficou de tudo isso assiLinn..</p>	<p>ele se questiona por que tem que ser assiLinn Ele justifica não ter revelado como uma maneira de poupar sua mãe, que já sofria com o marido alcóolatra e dois filhos dependentes químicos. Além disso, Linn se cobrou por uma perfeição nos estudos, acreditando que por ser o irmão caçula deveria cumprir essa expectativa.</p>
<p>35 éh:: eu/eu opto por morar sozinho né... éh éh andei os dois últimos anos eu tava morando com meu irmão mais velho... porque ele é uma pessoa muito dependente... uma pessoa que por sequela do uso de drogas ele::: é uma pessoa seque/tem sequelas graves tem problemas mentais... e eu passei esses dois anos morando com ele... mas não suporto a convivência com ele... aí voltei a morar sozinho por uma série de questões... e:::... e morando sozinho eu sempre acho que vou ter mais liberdade... né mas::: não tenho na verdade não tenho porque cê tem::: eu/eu/eu/eu me imponho a liberdade que/quer dizer eu coloco como uma imposição... imponho aos outros que me deixem viver livremente e/e não dou satisfação da minha vida... eu tô me referindo aos vizinhos... mas:: eu::: isso não faz com que eu tenha mais possibilidades de viver um relacionamento amoroso NÃO</p>	<p>Linn conta que durante dois anos morou com o irmão mais velho, pois, este possui sequelas do uso de drogas, tem problemas mentais e é muito dependente. Todavia, Linn expressa que não suporta conviver com esse irmão e acabou optando por morar sozinho. Linn acreditava que ao morar sozinho ele iria conseguir mais liberdade, mas relata que na verdade não tem, ele conta que precisa impor para ele e para os outros que o deixe viver livremente, referindo-se aos vizinhos. Ele relaciona a liberdade à vivência de um relacionamento amoroso, acrescentando que a imposição de maior liberdade para si não aumenta as possibilidades de ele viver um relacionamento.</p>

36	<p>e:: e eu/as experiências em aplicativo... eu posso dizer... são experiências... eu posso traduzir como desesperadoras... aflitivas... éh:: angustiantes... que éh:: de destruição total da sua autoestima... se o mundo já não... já não me traz naturalmente... já não já não me deixa construir uma autoestima positiva da minha figura... né éh a gente cresce achando que é feio que:: não merece que merece mesmo olhar de/de desprezo... que os que os olhares enviesados são normais... que você:: ser confundido com marginal assaltante criminoso traficante é comuLinn.. você se acostuma... naturaliza infelizmente...</p>	<p>Linn relata que suas experiências no uso de aplicativos são desesperadoras, aflitivas, angustiantes e de destruição total de sua autoestima. Ele acrescenta que o mundo não o deixa construir uma autoestima positiva de si, que cresceu achando que era feio, que merece olhar de desprezo, que olhares enviesados são normais, que ser confundido com criminoso e traficante é comum, e com isso ele acabou acostumando e naturalizando esse tipo de situação.</p>
37	<p>éh::: e aí... a/acumular a condição de homossexual a tudo isso... é:: trazer mais uma questão... é você ficar negando... né tudo isso... você fica tentando negar inconscientemente eu me vejo fazendo isso até hoje... pra poder ter passabilidade... às vezes você cansa mas às vezes eu me vejo fazendo isso fingindo interpretando atuando... éh::: mas... éh acho que é isso que eu ia falar... é eu ia falar que o fato de eu estar morando só não facilita em nada... não facilita em nada... a minha vida amorosa ((risos dele))... ser um homem adulto... éh::: homossexual... eu acho que éh:::... preto... na/não há nenhuma característica... não há nenhuma possibilidade de:: fazer você ter uma vida amorosa saudável... diria saudável eu diria como qualquer outra...</p>	<p>Linn acredita que a experiência de ser homossexual somada a de ser um homem preto o faz negar sua condição, inconscientemente, até hoje. Como forma de ter passabilidade, Linn conta que às vezes se vê atuando, fingindo e interpretando. Linn afirma que ser um homem adulto, homossexual e morar só não lhe facilita ter uma vida amorosa saudável, como qualquer outra (que não a dele).</p>
38	<p>éh::: eu tento não me culpar mais o... durante muitos anos eu me culpei (falei assim) eu sou o culpado eu sou o culpado por isso... pela minha solidão pela falta de afeto por... viver lon:::gos períodos de abstinência sexual embora eu não embora eu não queira... embora eu não quisesse... mas hoje eu entendo que... isso é resultado de um fenômeno social que</p>	<p>Linn relata que durante muitos anos se culpou, mas que hoje tenta não se culpar por sua solidão, pela falta de afeto, por viver longos período de abstinência sexual, embora ele não quisesse. Ele explica que o que acontece com ele é resultado de um fenômeno social que ele não sabe como modificar a não ser lutando e compartilhando com outras pessoas. Todavia fala que as pessoas não</p>

	<p>eu não sei como modificar a não ser lutando... falando... queria muito falar mais... assim falar mais pra mais gente sobre isso mas as pessoas não estão muito dispostas a ouvir porque é um assunto muito doloroso... então outros homens gays pretos não... querem admitir... e::: eu fico imaginando... o que não é a vida de um homem gay preto... obeso... efeminado... fico imaginando o grau de solidão... se eu estou so/se eu sou solitário e de alguma forma eu pude experimenta na minha durante a minha o meu percurso... estar dentro de um padrão corporal aceito né...</p>	<p>estão dispostas a ouvir por ser um assunto muito doloroso para ser admitido. Inclusive considera experiências fora do padrão, diferentes da sua, como sendo também dolorosas e solitárias: por exemplo a obesidade e a feminilidade entre homens homossexuais e pretos.</p>
39	<p>e/e/e isso é muito engraçado e ser muito desejado por mulheres... o que é teRRível... porque o que eu vou fazer? nunca vou corresponder... se a quantidade de mulheres e aí eu/eu que se interessaram por mim e manifestaram isso fosse mais ou menos igual à dos homens acho que minha vida teria sido outra assim ((risos dele)) talvez é nessas hora que eu acho que que éh éh essa condição pesa... porque eu não podia corresponder né a esse interesse feminino e aí... mas por parte do universo gay que é o que a gente ta tratando eu... sempre fui muito invisível... sempre sempre sempre.... ((respiração ofegante))</p>	<p>Linn acha engraçado ser muito desejado por mulheres, as quais não pode corresponder, enquanto sempre (sempre, sempre) se sentiu invisível para os homens. Considera que sua vida teria sido diferente se tivesse atraído o mesmo interesse dos homens que recebeu das mulheres. Fazer essa comparação confirma para ele o peso de sua condição.</p>
40	<p>entendi Linn éh éh é que você ia falar em um momento da busca de afeto nos aplicativos... e eu queria entender melhor como que é essa busca e como você se sente... éh éh o a/o afeto negativo foi isso? desculpa não você só falou “ah os aplicativos e a busca de afeto” aplicativo... os aplicativos... isso então na solidão... o que que comecei a fazer... bom se eu não consigo... no mundo real que tal no mundo virtual? e baixei os aplicativos TOdos experimentei todos... não...</p>	<p>Dada sua experiência na vida real, Linn procurou experimentar encontros pela via dos aplicativos. Disse ter tentado vários, mas acredita que as perguntas mais comuns e iniciais de uma conversa via aplicativo deflagram o interesse dos outros homens pelo padrão de pele clara com comportamento heterossexual. Afirma que isso ocorre até mesmo entre os homens fora do padrão. Ao ser perguntado em uma espécie de “checklist” suas características sobre ser ativo ou passivo, discreto, sigiloso ou efeminado, Linn sentiu sua autoestima sendo destruída paulatinamente por não</p>

<p>experimentei muitos... todos eu não sei porque eu não sei quantos existeLinn.. eu experimentei scruff... experimentei grindr... experimentei badoo... estou experimentando o badoo... éh:: hornet... experimentei esses aplicativos... inclusive a experiência que eu tive do cara que foi invasivo eu conheci pelo hornet que era um homem preto gay tambémLinn.. éh::: dentro desse aplicativo o que tá imperando ali são os padrões né... mesmo quem está fora do padrão quer o padrão do homem de pele clara... com comportamento hetero... essa é a fantasia... esse é o fetiche isso é o que está dado... e fica nesse jogo do:: ah::: éh::: você ass/você assiLinn.. pri ((gagueja)) a/a/a primeira pergunta pra mim já é muito broxante... quando alguém se interessa que vem falar comigo aí a pessoa pergunta:: “o que que você curte?”... essa pergunta ela só pode existir eu acredito dentro do nosso universo... eu não sei se no universo hetero... eu não tenho essa experiência e meus amigos heteros não me contaLinn.. se::: se ele pergunta pra mulher ou as minhas amigas mulheres heteros perguntam pros homens “o que que você curte?”... mas pra gente isso é uma coisa importantíssima... se você é ativo ou passivo se você... outro mais... e o discreto... o sigilo... você é discreto? você é efeminado? essas pautas que vão sendo colocadas ali... vão destruindo paulatinamente a sua autoestima... eu não sei se eu correspondo a todos esses todas esses esses se/se/se eu respondo a todos esses quesitos todas essas exigências que são colocadas ali como como um checklist né... e/e/e espera-se de mim que éh:: éh:: não que isso seja importante coincidentemente casualmente eu prefiro atuar como... ativamente numa relação sexual o</p>	<p>ter certeza se corresponderia a todos os pré-requisitos ou exigências citadas. Entre os requisitos previamente questionados, em relação à atividade em uma relação homossexual, Linn afirma sua preferência por ser ativo tal qual a expectativa que se tem de um homem preto homossexual. Dentro desse padrão, ser passivo é desinteressante segundo ele.</p>
--	---

	<p>que não é importante... mas... éh:: isso tem profunda importante dentro do universo dos aplicativos... eu ser um homem preto gay... tem profu/se eu... em ca/no caso de eu não ser ativo causa...enorme desinteresse...</p>	
41	<p>e:: e mandar foto... né porque é um mundo de muita imagem né... e não é mais foto comum não é só uma foto você sorrindo na praia não... é uma foto de você sem camisa sem roupa excitado... de/de é um/um e aí vai aumentando já não é mais foto e agora é vídeo... eu não tenho disposição para atender todos esses quesitos e aí é um/e aí você envia e aí a pessoa desaparece... ou seja a questão é você é preto:: você não está dentro do padrão e eu não quero e aí isso destrói a auto estima é uLinn.. aplicativos são destruidores de autoestima... eu considero né éh éh considero assim e/e/e evito... evito ao máximo... tento não... entrar nesses aplicativos mas a solidão infelizmente a gente pre/a nossa condição de ser humano nos faz querer o contato com o outro... nós não/nossa natureza não é solitária... a gente precisa da condição do outro precisa... da companhia do outro... e aí éh:: eu odeio aplicativos... odeio aplicativos...</p>	<p>Linn conta que nas interações via aplicativos, os quais ele não tem disposição para atender aos quesitos, é comum que as pessoas peçam foto sem roupa, excitado e também vídeos. Ele expõe que quando envia a foto a pessoa desaparece e relaciona isso ao fato de ser preto e não estar dentro do padrão. Linn considera que as experiências nos aplicativos são destruidoras de autoestima e que ele tenta ao máximo não utilizar. Mas, a solidão que sente, segundo ele condição do ser humano, o faz querer contato com o outro, estabelecendo a companhia de outra pessoa como uma condição.</p>
42	<p>agora éh éh uma co/só pra éh:: uma experiencia importante que eu gostaria de:: de contar... éh:: eu con/não lembro como eu conheci... mas eu conheci um/um/um ba/era um bailarino... do éh que fazia parte do... do corpo/do:: do teatro municipal... aqui do Rio e:: esse homem ele me fetichizava muito... é um homem branco tá... padrão... eu era... bem mais joveLinn.. eu devia ter... devia ter uns vinte e:: vinte e oito vinte e sete vinte e oito anos... esse homem me fetichizava ou seja me objetificava... que o meu lugar de homem preto homossexual é um lugar de objetificação... meu corpo é</p>	<p>Linn conta a experiência que teve aos vinte e sete anos, de se relacionar com um bailarino, branco, que estava dentro do padrão, que o fetichizava e objetificava. Pois, Linn afirma que o seu lugar de homem preto homossexual é de objetificação. Naquela relação M relata que ele era a fantasia realizada do outro homem, exemplificando que era o negão bem dotado.</p> <p>Linn relata que o homem branco morava na zona sul de sua cidade, um bairro em que pessoas brancas e economicamente privilegiadas moraLinn Nos momentos em que se relacionavam, Linn conta que ficava bastante calado, não se revelava e estava sempre atuando. A partir do</p>

<p>pra ser objetificado... é assim que as coisas estão postas... e esse homem ele... eu era uma fantasia dele realizada... eu era o tal do negão... po/se poderia dizer né que ele considerava bem dotado... e aí eu tava dentro dessa fantasia dele... éh:: e aí eu ia pra/eu/toda/ele me pegava de carro e aí eu... ele morava na zona sul do Rio a zona sul do Rio é uma/é um lugar muito é um lugar éh:: economicamente é o mais privilegiado e o mais branco da cidade onde ficam as praias essa região mais... mais... onde tá o poder econômico e onde está a população branca... definitivamente há essa separação... e aí ele morava justamente nessa região... e aí ele me buscava de carro eu ia pra casa dele e a gente:: e:: tinha experiência sexual era bom de uma certa forma e eu sempre muito calado eu sempre atuando alí como uma pessoa que não me revelava muito... com o passar do tempo assim e eu vou dizer que o passar do tempo... como eram rela/encontros esporádicos... éh:: isso deve ter durado uns cinco meses mas era uma coisa esporádica e/e encontrava umas duas vezes por mês quando encontrava... até que um dia que a gente começou a falar... que ele falava e que eu comecei a falar... e quando eu comecei a falar que ele percebeu que eu não estava dentro do padrão marginal e eu vou dizer marginal no sentido do fetiche... eu não obedecia ao fetiche do homem preto periférico favelado... que parece marginal e que é inculto... que não teve acesso à educação e que é infelizmente a norma... por resultados históricos sabemos que é assiLinn.. e aí... eu falei alguma coisa em inglês ele citou alguma coisa em inglês e eu/e eu expliquei ou respondi... sobre uma série e aí ele viu que... eu/ele viu que eu tinha conhecimento de outras coisas que</p>	<p>momento que Linn começou a falar e demonstrar que não estava dentro do padrão de homem preto marginal, periférico, inculto, fetichizado, mas sim que tinha conhecimento de outros idiomas e culturas, houve a frustração daquele homem que percebe que Linn não corresponde ao papel de preto heteronormativo, que pratica um sexo violento.</p> <p>Segundo Linn, quando ele se revelou romântico, sensível, com um pouco de cultura, a fantasia daquele homem acabou. Ele acrescenta que este relacionamento teria sido um dos relacionamentos que ele teria investido, pois era um homem muito interessante.</p> <p>Linn RELATA OUTRA RELAÇÃO COM UM HOMEM BRANCO QUE CORRESPONDE AOS PADRÕES ESTÉTICOS VALORIZADOS POR ELE E SOCIALMENTE. NESSA RELAÇÃO ELE SE SENTIA FETICHIZADO E OBJETIFICADO, OCUPANDO UM LUGAR IMUTÁVEL DE OBJETO SEXUAL. TAL LUGAR OCUPADO CORRESPONDIA À FANTASIA CRIADA PELO HOMEM BRANCO: UM CORPO NEGRO A SER USADO PARA FINS SEXUAIS. NESSE SENTIDO Linn INCLUSIVE RELACIONA O ESPAÇO GEOGRÁFICO “BAIRROS” DE SUA CIDADADE COMO UM MARCADOR SOCIAL DE POBRES E RICOS, PRETOS E BRANCOS. ELE ERA O PRETO, PERIFÉRICO E OBJETO SEXUAL SENDO UTILIZADO POR UM HOMEM BRANCO E RICO. NESSA RELAÇÃO ELE DEMONSTRAVA SER ALGUÉM DIFERENTE DO QUAL ELE MESMO SE PERCEBIA. AO SER SEMPRE CALADO, SILENCIAVA NÃO APENAS CONVERSAS, MAS SUA CONDIÇÃO EXISTENCIAL E CONHECIMENTO CULTURAL A FIM DE CORRESPONDER ÀQUELE HOMELinn AO PASSO QUE</p>
---	---

	<p>não... que não são comuns em um jovem preto... que eu falava outros idiomas... e isso pra ele foi uma frustração... toda a fantasia que ele criou que eu já descrevi aqui... né... desse homem preto do heteronormativo que vai lá e que pega e que faz e que é quase uma besta sexual e que e que pratica um sexo quase que de... de estupro né quase uma curra... quando isso caiu... quando esse véu caiu e se desfez... quando eu me revelei... sensível... romântico... com um pouco de cultura ainda que mesmo ainda pouco mesmo que ainda jovem a fantasia dele se desfez e a fantasia acabou... e é uma relação que talvez eu tivesse investido... ele era um homem muito interessante... éh::: mas aí se desfez... eu não estava dentro da fantasia objetificadora... fetichista dele... aí ele tinha que buscar outro que obedecesse isso e aí pode ser no sinal de trânsito ((ele ri))... o ra/o garoto fica lá pedindo dinheiro éh éh esses são os que obedecem né...</p>	<p>DEMONSTROU SER SENSÍVEL E ROMÂNTICO FOI SENDO DESTITUIDO DO PAPEL BRUTALIZADO E SEXUALIDADE DE UM HOMEM PRETO QUE AGORA NÃO ERA DIGNO DE QUALQUER INVESTIMENTO, NEM SEXUAL E TAMPOUCO AFETIVO. O HOMEM PRETO SENSÍVEL NÃO CORRESPONDE AO ESTEREÓTIPO ESPERADO DE UM HOMEM PRETO, POBRE E PERIFÉRICO.</p>
43	<p>e tem termos não sei se ai tem mas aqui no Rio tem esse termo.. que... éh::: a gente chama... aqui chama-se cafu/cafucu... mavambo... que é esse homem preto... que performa heterossexualidade... que é muito viril e que é ativo... e que atende a uma série de fantasias e fetiches... eu tava fora... eu tava fora desse padrão e aí foi uma frustração foi uLinn.. foi um desencanto pra ele ((ele ri)) eu acho esse exemplo simbólico...</p>	<p>Linn relata que onde vive há termos para designar o homem preto, que performa heteronormatividade, que é viril e ativo, atendendo a uma série de fetiches e fantasias: mavambo e cafucu. Linn fala que está fora desse padrão também Linn</p>
44	<p>e/e trazendo:::... resgatando essa história essa tua vivência... éh::: e tudo isso que tu me falou né como que tu te sente? ...como eu me sinto resgatando isso?... eu acho que agora... eu acho que agora não significa tanto pra miLinn.. assiLinn.. éh::: das histórias que eu resgarei aqui... acho que ainda que a/a que ainda um pouco</p>	<p>Ao ser perguntado sobre como é para Linn resgatar suas vivências, ele comenta que agora não significam tanto, exceto a do seu relacionamento com o homem branco que se deu por volta dos vinte e um anos. Linn se apaixonou por esse homem e por ter sido uma história que não se resolveu, ele acredita que ainda o traz dor.</p>

	<p>dolorida... é essa que eu contei dos vinte e um anos... desse homem branco que::: por quem eu me apaixonei... é porque é uma história que não se resolveu... e talvez seja ainda a que me traz dor... as outras nã/não me doem mais</p>	
45	<p>essa me dói porque foi uma história esquisita... e aí... por que que me dói porque teLinn.. um episódio... em que a gente sai pra noite eu e ele... na minha fantasia ele como um par amoroso... não era... mas eu julgava oh meu deus eu acho que siLinn.. e aí a gente retorna pra casa dele acompanhado de um outro homeLinn.. que por ter a pele mais clara que a minha ele considerava mas eu/acho/que/mas no meu conceito né? boLinn.. mas acho que ele considerava mais bonito... eu achou “nossa você viu que cara bonito?” e eu olhava pro homem e não achava nada bonito “onde é que você tá vendo beleza nesse homem?” eu acho que a beleza estava na pele mais clara dele... a gente retorna pro apartamento dele... aqui no Rio éh:: e ele:: se tranca no quarto com esse homem pra ter relações sexuais e eu aguardo o fim dessa relação... éh:: na cozinha com a cabeça com a cabeça apoiada na mesa... como... e aí ali pra mim é o resumo da exclusão né... quando esse homem me exclui... quando esse homem se tranca no quarto pra ter uma relação sexual e eu fico de f/...e eu não teria par/não teria sido um ménage à trois nunca porque eu jamais... aquele homem não me interessava... o que interessou a ele não me interessava... mas aí foi uma situação muito clara de exclusão e ali eu percebi que aquela relação abusiva tinha que acabar... ali eu botei um ponto final... embora muito jovem eu sabia que aquilo tinha que ter um ponto final... mas terminou muito mal... terminou co/mágoa... éh:: terminou com eu...</p>	<p>Ao comentar que a história com o homem branco ainda lhe dói, ele relata um episódio em que saiu com este homem para um evento noturno e, segundo sua fantasia, eles estavam como um par amoroso, mas na verdade não eraLinn No retorno para casa, Linn conta que aquele homem traz em sai companhia um outro rapaz, de pele mais clara que a de Linn, o qual ele acredita que seu amigo tenha achado ele mais bonito, embora Linn não tenha achado. Linn chegou a se questionar onde que o seu companheiro estava vendo beleza no outro homem, supondo que poderia ser o tom de pele mais claro.</p> <p>Nesta noite, o companheiro de Linn se trançou no quarto com o outro rapaz para manterem relação sexual, enquanto Linn teve que aguardar na cozinha, sentindo-se excluído e acrescenta que não teria participado jamais daquele momento pois o sexo a três não o interessava, tampouco aquele terceiro rapaz.</p> <p>A partir desse episódio, Linn percebeu que aquela era uma relação abusiva e, embora muito jovem, relata que sabia que aquilo tinha que acabar, de modo que pôs um ponto final naquela relação, mas ele ainda ficou apaixonado por muito tempo mesmo sem ser correspondido. Afirma que essa vivência amorosa abusiva foi o máximo que ele experimentou.</p>

	<p>éh:: terminou mal... enfim terminou muito mal porque eu... não se resolveu eu fiquei apaixonado por ele muito tempo... mas não era correspondido... e aí eu vejo que ali naquele/essa vivência amorosa a vivência amorosa era uma relação abusiva... o máximo que eu experimentei... né...</p>	
46	<p>você amou esse homem? eu amei... se eu amei? eu tô perguntando sim siLinn.. foi uma re/ah eu eu estava amando esse homem né mas ele não...</p>	<p>Ao ser perguntado se ele havia amado aquele homem, Linn afirma que sim, mas que o outro homem não o amava.</p>
47	<p>éh::: ele era mais velho do que eu uns oito anos... e::: ê::: não... e aí... e aí desse desencanto... foram vindo outras relações em que eu não escolhia em que eu sempre era escolhido... nunca fui eu que escolhi... eu era escolhido e aceitava porque assiLinn.. eu acreditava que eu não tinha atrativos né então se o outro quer eu vou... entendeu assiLinn.. eu não tinha o poder de escolha eu não posso escolher eu não posso ter me/interagir... éh::: amorosamente com quem eu me apaixono... agora se o outro se apaixonar por mim eu tenho obri/na minha cabeça... jovem e até bem recente... se o outro me escolhe eu tenho que ir eu tenho que ir... obrigação minha... é a::: é acatar éh::: acolher esse homem embora eu não corresponda... e as minhas relações foram todas assiLinn.. éh::: eu/eu chamo de rela/relações... se é que podem ser chamadas assim porque era muito curtas... muito breves... sempre muito muito breves... sempre... não eram histórias longas.... nunca foraLinn..</p>	<p>Ainda sobre a relação com o rapaz, Linn conta que o rapaz era oito anos mais velho Após esta relação, Linn relata que vivenciou outros relacionamentos e chega a se questionar sobre se de fato pode chamar essas relações de relacionamentos, pois, segundo ele foram curtas demais, nunca foram histórias longas. Nestas histórias ele refere que nunca foi ele quem escolheu se relacionar, mas sim que ele era o escolhido. Por acreditar que não tinha atrativos, ele aceitava se relacionar por pensar que não tinha outra escolha.</p>
48	<p>e aí eu digo pra você... que eu não:::o não sabia não sei não aprendi ((risos dele)) não me disseram como é estar casado nada disso... não... não experimentei isso... e assim foi... e assim tem sido éh:::...</p>	<p>Linn, sorrindo, alega que não aprendeu a se relacionar, que não disseram a ele como é estar casado, COLOCANDO-SE MAIS UMA VEZ DE FORMA PASSIVA, OBJETO DE DESEJO, EM SEUS RELACIONAMENTOS. Que não</p>

		<p>experimentou estar casado e que assim tem sido. SUA CONDIÇÃO É DE ESTAR SUJEITO AO DESEJO DO OUTRO.</p>
49	<p>e/e/e acho que a gente caminha... aí eu não vou dizer só de mim aí eu não aí eu vo/vou tirar vou sair um pouco da condição... porque eu acho que tem que racializar né eu/eu faço questão de racializar a questão éh:: éh:: eu não vou dizer que... aí eu vou sair e vou entrar e aí vou fazer parte dessa comunidade imensa... eu acho que a nossa condição é muito solitária eu acho que a gente acaba envelhecendo sozinho... uma vez que você não está mais no padrão da juventude que a juventude não é mais uma potência... eu acho que a gente tende à solidão nós/o envelhecer do homem gay do homem homossexual e aí... independente da condição étnica éh:: tende a solidão... aí com mais ou menos privilégios tende a solidão... aí eu posso aí eu posso me colocar... aí eu posso não racializar né... mas em todos os outros quesitos eu faço questão de pontuar a raça porque eu acho que isso faz toda a diferença na minha vida... éh:: na minha vivência amorosa ((fala rindo))... com outros homens homossexuais ((rindo))... ou bissexuais ou/ou que fazem sexo com outros homens por que são muitas possibilidades... eu acredito... ah eu acho que é isso ((ele ri))</p>	<p>Linn SENTE que a condição do grupo de homens homossexuais é de muita solidão, independente da condição étnica, e que eles envelhecem sozinhos, especialmente por não corresponderem ao padrão DITO COMO BRANCO. ELE SINALIZA QUE DENTRE AS CARACTERÍSTICAS CONSIDERADAS PADRÕES ESTÁ A JUVENTUDE.</p> <p>Ele crê que a condição étnica possibilita ao homem homossexual viver uma solidão com mais ou menos privilégios (sociais?), todavia, ao se colocar como um homem preto, acrescenta que a vivência da raça faz toda a diferença em sua vida e em sua vivência amorosa.</p>
50	<p>me fala só um pouquinho mais então dessa questão do/do envelhecer do homem gay ... éh:: você fala mais dá questão::: como que isso te atravessa que me atravessa... éh:: é enfiLinn.. ((gagueja)) quando eu falo eu solidão eu to falando de uma condição real... é uma condição real... que dói... dói... tem uma dor... que eu diria profunda... há uma falta... éh:: porque que porque que eu falei que a casa ta quase sem mobília... porque</p>	<p>Quando solicitado para falar mais a respeito do envelhecer do homem homossexual, Linn conta que a solidão a que ele se refere é uma condição real, atrelada a uma falta e à dor profunda. Linn exemplifica que se mudou recentemente e que sua casa está quase sem mobília e que ao se perceber sozinho na casa nova sentiu a falta do par amoroso, de uma companhia. Ele sente e admite que a carência e a falta do par amoroso estão muito presentes e é como se esta última nunca fosse preenchida.</p>

	<p>eu me mudei recentemente... e assim que eu esti/que eu me vi sozinho né na casa nova que era uma coisa que eu queria... havia uma falta... a fal/e essa falta é sim de um par amoroso... é dessa companhia e ainda mais em tempos de quarentena você imagina de isolamento social... essa carência essa falta se fez muito muito forte muito presente... como se faltasse uma... como se houvesse uma falta que não era preenchida nunca e aí eu admiti que... é a falta de uLinn.. é a falta de um amor... né:: eu preciso desse homeLinn.. que vá preencher esse espaço éh::: mas que ele não chega né por mais que eu procure por mais que eu esteja atento... no supermercado na rua... por mais que eu olhe... por mais que... as ve/hã/hã::: esse homem não aparece né esse homem não surge... por mais que... quer dizer... por mais que eu olhe pra esse homeLinn.. ou pra um homem que me interessa mas não tenho o olhar devolvido... que é uma frustração e uma outra dor né... ser invisível é uma dor profunda... não ser enxergado... é uma dor:: e/e/e como/como eu/eu eu já lido com isso há muitos anos éh:::... eu:::... eu acho que... eu aprendi a viver com essa dor mas existe essa falta... essa falta existe ela é presente e::: e eu e eu teLinn.. e eu faço que/e eu tenho aprendido a admitir isso que até então eu dizia não não preciso não preciso viver com ninguéLinn.. não preciso amar ninguéLinn.. posso ser só muito beLinn..</p>	<p>Linn conta que precisa de um homem que vá preencher o espaço vazio, mas por mais que ele procure, que esteja atento em todos os lugares que frequenta, ele não o encontra. Ele reitera que seus olhares a quem o interessa não são correspondidos, fazendo com que se sinta invisível e isso é frustrante e causa uma dor profunda. Ele conta que lida com isso há anos e que aprendeu a conviver com a dor, mas que a falta existe e é bastante presente. Ele tentado admitir isso para si mesmo, pois, até então ele dizia que não precisava amar ninguém, que se ficaria bem sozinho. Linn sente que sua carência é intensificada pela vivencia do momento da pandemia e do isolamento social sem uma companha</p>
51	<p>eu me viro sozinho me masturbo... tal eu vejo... mas aí a pornografia começou a me fazer muito mal... essa coisa começa a me fazer muito mal...</p>	<p>Linn menciona que o consumo de pornografia começou a fazer muito mal a ele.</p>
52	<p>e eu quero aí começo a querer assim dividir o espaço com um outro homeLinn.. e aprender porque eu não sei... eu não sei dividir a intimidade assiLinn.. não sei dividir banheiro... ((ele ri)) eu tenho pavor e::: e eu</p>	<p>Linn relata querer aprender a dividir espaço, intimidade e experiências com um outro homem, pois acredita não ter aprendido. Para ele é difícil dividir pois é introspectivo e passou muito tempo tendo que ocultar seu afeto. Ele considera que</p>

	<p>tenho que aprender... o que é natural pras outras pessoas pra mim é um suplício assiLinn.. eu preciso aprender... a dividir espaço dividir intimidade dividir cama... preciso dividir aprender a dividir a minha cama... a dividir::: mas também o legal é que eu dividiria outras coisas né experiências e tal e o coti/o dia a dia... eu tenho dificuldade da/de dividir a intimidade justamente por eu ser uma pessoa introspectiva... por eu ter tanto tempo tido que me esconder... esconder o meu afeto... eu tenho dificuldade de/de compartilhar né... éh::: e eu e:: e acho e acho libertador e acho tambéLinn.. progressista dizer que aos quarenta e dois anos eu não sei viver junto com ninguéLinn.. e que eu tenho que aprender e que eu tenho que aprender agora éh que eu vou/que eu começo a aprender que eu vou começar a aprender...</p>	<p>dividir coisas é natural para as outras pessoas, enquanto para ele é um suplício.</p>
53	<p>certo e você falava de sentir ((nesse momento ele balbucia algo que não dá pra entender)) essa falta né de sentir essa falta desse par amoroso e/eu queria entender melhor como é sentir essa falta desse par amoroso?</p> <p>como é sentir a falta... é uma experiência extremamente dolorosa... é um vazio... é a melhor definição... há um vazio... um buraco um espaço... oco... que não está preenchido... e que é um tormento diário que esse espaço não esteja preenchido pra mim é um tormento...</p>	<p>Ao ser perguntando sobre como é viver a falta do par amoroso, Linn conta que é uma experiência extremamente dolorosa e que vazio é a melhor definição. Complementa que é um buraco, algo oco, não preenchido, que o atormenta diariamente.</p>
54	<p>éh:: eu invejo... e aí eu acho muito...(não gosto de dizer) que eu invejo... casais homoafetivos... e aí se eu vejo um na rua... ontem coincidentemente eu estava no mercado e passou um casal interracial... um rapaz preto outro branco... e:: engraçado que eu tinha me interessado por um deles ((fala rindo)) um deles achei interessante... engraçado foi o homem branco que</p>	<p>Linn refere o sentimento de inveja relacionado aos casais homossexuais. Relata um momento em que viu um casal no supermercado, fazendo compras juntos, se percebeu interessado pelo homem branco, pois o achou bonito, e ao ver esse momento sente o vazio e inveja por não ter essa experiência. Ele menciona também outros casais de homens homossexuais que ele sente inveja e dor.</p>

	<p>me interessou achei ele bonito não me interessou achei ele bonito e dei uma olhada e daqui a pouco eu vi os dois eu percebi que ele era homossexual... e eu vi os dois fazendo compras juntos... e essa é uma experiência que eu não tenho assim então esse vazio esse oco... me faz invejar outros... me faz invejar o Lulu Santos com o marido ((risos dele)) me faz invejar o/o:::... tem um jornalista aqui do Rio que apresenta o jornal local... o jota tevê que é o Pedro Figueiredo que também tem o casamento aber/éh um casamento com outro jornalista do mesmo jornal que fizeram uma declaração de amor no dia dos namorados eu invejo tudo isso... tudo isso me causa profunda inveja e dor...</p>	
55	<p>e esse espaço que não se preenche nunca por outra pessoa éh::: é uma experiência de dor... de dolori/dolorosa... quase que fisicamente eu diria... a dor é quase física... e essa ausência que não é preenchida éh:::... é avass/é devastadora é devastadora e me causa e me causa e são gatilhos pra crises depressivas tá... e as minhas crises infelizmente eu não tenho habilidade de chorar queria muito então eu não choro com facilidade então o que que acontece eu caio eu/eu desanimo eu perco a vontade eu perco a vitalidade... perco a vontade de viver... então éh::: eu/eu me/me me recolho quero ficar deitado quero ficar só... né e por isso eu não posso/imagina eu quero estar só e já moro só... é uma crise depressiva éh:::... bem difícil</p>	<p>Linn conta que é doloroso, quase que fisicamente, ter o espaço, a ausência que não é preenchida por outra pessoa. Para ele é devastadora esta ausência a ponto de lhe desencadear crises depressivas. Como não consegue chorar quando está em crise, ele cai em desânimo, perde a vitalidade, perde a vontade de viver.</p>
56	<p>e aí talvez e aí eu queria e aí eu penso muitas vezes em construir a família homoafetiva em ter filh... em/nesta altura em que eu me sinto éh::: financeiramente um pouco mais estável somar com outra pessoa e criar uma família e adotar crianças isso tudo passa pela minha cabeça...</p>	<p>Linn tem desejo de construir uma família com um homem que ele esteja amando, adotar crianças, e que isso o faz falta, mas, acredita que esse desejo é utópico, fantasioso, mesmo que sinta que atualmente esteja estável financeiramente para isso.</p>

	<p>mas passa pela minha cabeça de uma maneira quase lúdica quase utópica quase uma fantasia porquê... eu de fato quase não acredito que isso possa acontecer... né mas eu/e/estaria nos meus planos... assim faz parte dos meus desejos éh:: e/e/esse/esse par amoroso esse homem que eu que/que eu amaria e que juto comigo construiria uma família... que me faz muita falta assiLinn..</p>	
57	<p>éh::: que é esse vazio que não se preencher que não se preenche com outra coisa e que só ((gaguejou e não deu para entender)) a gente já tem um vazio natural né... já tem esse vazio que é uma coisa que a gente não consegue preencher... mas esse vazio tá num outro num outro patamar é o vazio da fa(lta)</p>	<p>Linn acredita que as pessoas tem um vazio natural, mas que o vazio que ele sente está num outro patamar, referindo ser um vazio da falta.</p>
58	<p>((aqui houve uma queda na vídeo chamada)) oi Linn caiu aqui e agora você voltou é que entrou uma chama e eu não consigo voltar pra você ((se referindo que não conseguia retornar ao vídeo))... éh::: o que que eu faço? baixa a aba do celular e deve aparece lá Skype assiLinn.. a notificação preciso voltar e não sei como... perai desculpa baixa a barra de notificação o que que eu vou fazer? não sei... se cair a gente se fala de novo? Baixa a barra de notificação e lá deve ter Skype e você clica em cima eita nós... foi perai não foi encontra o aplicativo do Skype e tenta entrar nele éh::: foi um saco isso ((ele ri)) ãh::: tá... ((respiração ofegante)) eu te vejo você não me vê? na verdade não... não sei o que fazer o que que você vê... na tela? não... não é isso... eu fiz uma besteira</p>	<p>Sem nenhum significado psicológico.</p>

	<p>Linn o que que você vê na tela? ah agora sim agora voltou... mas eu fiz uma outra besteira aqui que eu não sei o que eu fiz você tá compartilhando tela... você tem que cancelar o compartilhamento de dela éh:: voltou ao normal mas alguma coisa aconteceu que eu não sei o que que é mas voltou éh:: você ta compartilhando tela então vai ficar duplicado como é que eu faço? pra descompartilhar tu sabe? no mesmo local que você foi... éh éh teLinn.. no mesmo local que eu fui né ((ele ri)) tem ali naqueles três pontinhos ali... ahhh tá parar de compartilhar... foi foi? certo... e:: éh:: enfim teve interrupção a gente queria tanto evitar interrupção e não teve jeito houve interrupção...</p>
<p>59 éh:: e aí eu tava falando do vazio do buraco que não se preencher o espaço que não se preenche do espaço e só vai se preencher com ess/com a chegada desse homem aqui que eu acho pouco provável... acho pouquíssimo provável... éh:: acho que não vai acontecer mas eu/eu continuo firme na crença de que uma hora aparece ((risos dele))... né porque as pessoas “não uma hora vai aparecer tem que parar de procurar” uma bobagem todas essas crenças né “não procura” não sei o que lá fica éh:: tem umas coisas meio místicas né... de você estar aberto pro universo pras pessoas te verem eu acho tudo acho que quando tem que acontecer acho que tem pessoas que não tão nem aí pra nada e elas são... e elas são éh contempladas com uma relação né... não sei... acho que hum::: eu fico aí fico no aguardo enquanto éh:: eu estiver no jogo né...</p>	<p>Linn acredita que o vazio que sente só será preenchido com a chegada de um homem, embora creia que isso é pouco provável de acontecer, continua acredita. Ele relata que ouve das pessoas de que uma hora isso vai acontecer, como se fosse acontecer de forma meio mística ou que fosse ser contemplado de forma como se estivesse em um jogo.</p>

60	<p>e aí eu digo o jogo éh::: cê tem que ter um perfil para estar no jogo você tem que tá ainda aparentando alguma juventude... ((gagueja)) pra tá no jogo do sexo do amor você tem que tá::: preenchendo alguns quesitos lá do checklist... enquanto eu ainda tiver preenchendo eu tenho esperança... a esperança ainda continua ((fala rindo))</p>	<p>Usando a metáfora do jogo, Linn relata que para estar no jogo do sexo e do amor é necessário preencher alguns requisitos de um checklist, retomando a juventude como um desses critérios. Enquanto ele estiver preenchendo algum desses critérios, ele sente que a esperança continua.</p>
61	<p>certo Linn e aí já caminhando pro final da nossa entrevista né considerando a duração aqui... éh::: teria alguma outra coisa que a gente ainda não tenha conversado aqui... que::: você::: acharia importante ou relevante pra essa vivência do amor pra tua vivência né... do amor... ...peria ah::: éh::: eu perdi parte da sua pergunta porque realmente está muito baixo mas eu perdi parte ((risos dele)) éh::: certo... eu repito... se além dessas coisas que a gente já comentou aqui se teria alguma outra ou outras coisas que::: você ache importante pra tua vivência do amor que te atravessam de alguma forma éh::: ah::: outras coisas que me atravessam para aléLinn.. eu acho que:::... eu/você acho que não estar disposto a:::... a estar a/a/a/ a frequentar os meios... a/a a frequentar os ambientes... éh éh próprios né pro grupo homossexual... pra população homossexual... é um fator que dif/que dificulta... tudo... porque::: eu nunca che/eu nunca éh::: mesmo quando é no auge... das/das boates e das noitadas etcetera... das noites gays e festas... eu nunca tive muita disposição pra isso...</p>	<p>Ao ser solicitado para contar coisas que ainda considera importante sobre a vivência do amor, mas que ainda não tenha comentado durante a entrevista, Linn conta que não se sente disposto a frequentar ambiente direcionados para o público homossexual como boates e festas gays e que isso é um fator que dificulta (os relacionamentos?) para ele.</p>
62	<p>sempre fui muito tímido... uma timidez que aí eu vou ter que racializar né... porque eu me achava feio... me achava diferente eu não/estava/eu era o único preto no meio de uma branquitude imensa em</p>	<p>Linn sente que sempre foi muito tímido, se achava feio e acredita que isso tem a ver com sua raça. Ele nunca se identificou com o ambiente das boates gays frequentas em sua maioria por pessoas brancas, não gostava das</p>

<p>uma boate gay e eles ficavam entre eles e me excluía então pra evitar esse tipo de experiência eu nunca quis estar ali... éh:: e eu não me sentia confortável mesmo porque eu não gosto de música alta porque eu achava aquilo tudo uma gran/era pra mim um grande sacrifício eu ia porque eu achava que tinha que ir mas era tudo sacrificado... e::: nem gostava de música eletrônica passei a gostar/agora que eu admiro um pouco e nunca houve outras alternativas outros ambientes... nos empurram Ah essa é a cultura gay então tem que ter música eletrônica luz éh:: negra e todo mundo se pegando os homens sem camisa... éh: isso nunca fez sentido pra miLinn.. então eu nunca estivesse nesses espaços então ((gaguejou)) se trancar nos banheiros... aqui no Rio... éhh pra pré pandemia né acho que nós temos a/a/a acho que a boate do momento aqui... éh:: a the week tem as pe/onde é muito comum as pessoas se trancarem no banheiro pra transar... e nos carnavais a gente tem tambéLinn.. nos carnavais cariocas tem uma casa chamada elite... no centro do Rio... onde que é um baile:: gay um baile pra homens homossexuais... onde nem há a presença de outros grupos da população LGBT... há muito pouco muito poucos travestis transgêneros... e que o sexo é:: a ordem do dia né... todo mundo tem que transar ficar sem roupa e transar éh:: uma fes/um ba/é uma festa de baco assiLinn.. e ali éh éh eu nunca estive disposto a isto éh:: eu nunca estive disposto a fazer isto... e às vezes que eu tive que eu me expus a isso foi::: o resultado foi quase a morte...eu diria quase a morte emocional... tamanho o sofrimento que me causou... então éh::: eu acho que:::... eu não me exponho nos/nos/ nos chamados</p>	<p>músicas, de ficar sem camisa como os outros, se trancar no banheiro para transar e diz que nunca houve outras alternativas de ambiente. Sentia que isso lhe era empurrado como um grande sacrifício e não lhe fazia sentido.</p> <p>Ele conta que no carnaval carioca há um espaço de festas para o público LGBT onde predominantemente é frequentado por homens homossexuais. Nesses espaços o sexo é a ordem do dia e ele associa com uma festa de baco. Ele afirma nunca ter estado disposto a transar nesses lugares e quando o fez sofreu algo como uma morte emocional.</p> <p>Linn associa esses ambiente a um público de homossexuais brancos, padrão ao qual ele não se sente parte.</p>
--	--

	<p>ambientes... pra homens é que são... criados pra homens homossexuais justamente porque ele são brancos... porque:: eles são pra atender um perfil que eu não me encaixo... então eu me sinto:: não me sinto não me sinto não me sinto ali dentro não me sinto bem vindo ali... não me sinto bem vindo não me sinto parte daquilo...</p>	
63	<p>e como eu sou uma pessoa muito tímida muito introspectiva... timidez provocada pelo fato da gente ter autoestima destrocada desde criança... por sermos pretos né... aí vem de todos/esses ataques vem de todos os lados... escola família... mídia... todo mundo diz pra você que você é feio... né que você não merece que você não vai chegar enfim Linn.. que você não merece afeto você não merece amor você não merece absolutamente nada você merece só a invisibilidade quiçá a vida marginal... e vai ser ainda mais vivendo sendo pobre né... quiçá você vai ser a/o... um dos soldados do tráfico do Rio de Janeiro...</p>	<p>Linn associa a sua timidez à uma série de ataques que sofreu desde criança, da escola, da família, da mídia que minaram sua autoestima por ser preto e feio. Por ser assim, ele sente que não merece afeto, não merece amor, não merece nada, apenas a invisibilidade e a marginalização pela raça e pela pobreza e predestinado ao tráfico.</p>
64	<p>e aí eu.. sempre então eu/eu não encontrei o lugar eu nunca encontrei o meu lugar né e aí eu acho que nunca encontrei essa par porque eu nunca frequentei/eu nunca fui de lugar nenhum Linn.. eu nem tava lá no/no/no/nos ness/no/no/nas reuniões nos coletivos e nos movi ((áudio falhou)) (movimento) porque eu não me sinto abraçado... eu não me sinto incluso... não estou em outro grupo não tô em grupo hetero ((respira fundo))... o próprio movimento negro onde eu a... onde eu atuo ativamente... não reconhece a causa... não reconhece a problemática que afeta os homens gays pretos e aí eu não tô em lugar nenhum é um lugar de não pertencimento não pertencço a lugar nenhum e aí é muito difícil lidar com isso...</p>	<p>Linn diz que nunca encontrou seu lugar no mundo, que o seu lugar é de não pertencimento e que é muito difícil lidar com isso. Ele conta que não se sente incluído em grupos de pessoas heterossexuais, tampouco dentro do movimento negro que é onde ele atua ativamente, pois este movimento não reconhece o que afeta os homens pretos homossexuais.</p>

65	<p>a. certo Linn</p> <p>b. [muito complicado eu/eu imagino... pelo teu relato assim o quanto que que isso parece dificil mesmo e assim eu queria te agradecer novamente por trazer aqui um pouco da tua experiência da tua dor... né da tua disponibilidade e:: e me colocar a disposição tá? caso você ainda precise falar sobre... caso éh::: a entrevista te desperte algum sentimento... né eu estou/tô aqui... obrigado pelo teu relato obrigado ((risos dele)) eu ouvi pouco por conta do áudio mas brigado você... encerramos?</p> <p>eu vou encerrar aqui a gravação</p>	
----	---	--